



**REDE NORDESTE DE FORMAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA FAMÍLIA**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ**
Centro de Ciências da Saúde
Mestrado Profissional em Saúde da Família

JOÃO HENRIQUE VASCONCELOS CAVALCANTE

**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE:
CONTRIBUIÇÕES PARA ATITUDES SAUDÁVEIS FRENTE ÀS DROGAS**

SOBRAL - CE

2014

JOÃO HENRIQUE VASCONCELOS CAVALCANTE

**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE:
CONTRIBUIÇÕES PARA ATITUDES SAUDÁVEIS FRENTE ÀS DROGAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional Saúde da Família, da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliany Nazaré Oliveira.

SOBRAL - CE

2014

C366c

Cavalcante, João Henrique Vasconcelos

Círculos de Cultura e o Adolescente: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas, Sobral-Ce / João Henrique VasconcelosCavalcante. -- Sobral, 2014.
162 p.

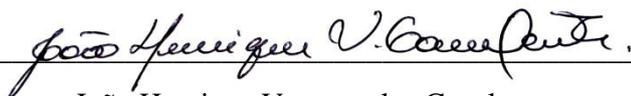
Orientadora:Dr^a. Eliany Nazaré Oliveira
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Vale do Acaraú / Centro de Ciências da Saúde / Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste em Saúde da Família, 2014,

1. Círculo de Cultura. 2. Pesquisa-intervenção. 3. Promoção da Saúde.
I. Oliveira, Eliany Nazaré . II. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Centro de Ciências da Saúde. III. Título.

CDD 610

**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE:
CONTRIBUIÇÕES PARA ATITUDES SAUDÁVEIS FRENTE ÀS DROGAS**

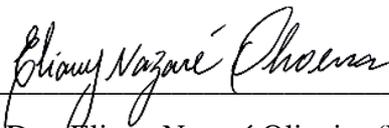
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional Saúde da Família, da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.



João Henrique Vasconcelos Cavalcante

Dissertação aprovada em: 27 de março de 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Eliany Nazaré Oliveira (Presidente)

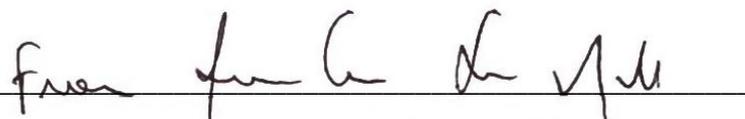
Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF)

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)



Prof^ª. Dra. Yolanda Flores e Silva (Primeiro Examinador)

Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)



Prof. Dr. Francisco Rosemro Guimarães Ximenes Neto (Segundo Examinador)

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Aos meus pais, João e Dasdores.

À minha família, Gervânia, Rafael e Mateus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, de quem emana toda inspiração, ciência e sabedoria.

Aos meus pais, João Batista Moreira Cavalcante e Maria das Dores Vasconcelos Cavalcante, por todo investimento afetivo que me fez o homem que sou. A vocês meu amor e meu respeito.

À minha esposa Gervânia Bezerra Gomes Cavalcante, com a qual divido minhas alegrias e aflições, que sempre me estimula a ir adiante acreditando e contribuindo em meus projetos. Fiel companheira, a você meu amor e minha admiração.

Aos meus filhos Rafael Gomes Cavalcante e Mateus Gomes Cavalcante, meus lindos, meus amores, minha razão de ser. Rafael, pelas várias vezes que entrava por baixo da mesa e me puxava pela mão para brincar quando me demorava ao computador. Mateus, que nascendo em meio ao processo de construção deste trabalho, trouxe a casa novamente um cheirinho de bebê que me encheu de mais ânimo e alegria para seguir em frente. Perdão se lhes roubei algum tempo para escrever estas páginas. A vocês meu amor e minha vida.

Aos meus irmãos, Joathan Vasconcelos Cavalcante, Jonathan Vasconcelos Cavalcante, Juliana Vasconcelos Cavalcante e Ester Vasconcelos Cavalcante, verdadeiros amigos em quem sempre posso confiar.

À minha orientadora, Professora Dra. Eliany Nazaré Oliveira, por me acompanhar desde os primeiros semestres de faculdade no Projeto AIDS e por sua dedicação e atenção, não só na condução do projeto desta dissertação, mas em propiciar sua execução com meu ingresso no PET Saúde Redes de Atenção. Sou muito grato por tudo.

À professora Maria de Fátima Antero Sousa Machado, que tanto admiro, por ter me apresentado à pesquisa-intervenção e ter dedicado atenção em me direcionar no primeiro esboço deste trabalho. Muito obrigado.

Ao professor Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto, mais uma vez presente em minhas conquistas acadêmicas, por suas valiosas contribuições.

À professora Yolanda Flores e Silva, que transbordando vida e sabedoria em suas orientações, soube imprimir a esta intervenção mais complexidade e comprometimento, contudo mantendo-a leve e agradável de ser executada.

A todos os professores e colegas de turma, por tantos momentos compartilhados, essa conquista tem um pouco de cada um de vocês.

À RENASF e à UVA, por terem proporcionado este valioso espaço de formação que é o Mestrado Profissional em Saúde da Família.

Ao diretor, professores e alunos da Escola de Ensino Médio Jaime Laurindo da Silva, de Barroquinha-CE, onde iniciei a história que culminou com a apresentação desta dissertação.

Aos queridos monitores do PET Rede de Atenção Psicossocial, Thaynara Moraes, Kílvia Oliveira, Lamara Araújo e Cleano Vasconcelos, obrigado pelo empenho.

Ao grupo gestor e docentes do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, de Sobral-CE, em especial à professora Socorro Dias, que tão gentil e solícitamente nos acolheu e se empenhou para que fosse possível a conclusão desta pesquisa naquele espaço de ensino e aprendizado.

Aos alunos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, especialmente àqueles que se empenharam para produzir o vídeo que fecha um ciclo de atividades iniciadas com esta pesquisa, Monah Gelly, Iara Rocha, Leandro Neves, Jennifer de Paula e Erivanessa Silva, vocês deram sentido a tudo o que fizemos.

“A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Com as primeiras experiências de consumo de drogas acontecendo entre sujeitos cada vez mais jovens, os adolescentes tendem a ficar mais expostos aos problemas decorrentes desta prática, principalmente por ainda estarem passando por uma maturação, física, psicológica e emocional e por definição de papéis sociais. Uma medida que tem conferido proteção contra o consumo de drogas na adolescência é a manutenção de uma rede de apoio que favoreça um ambiente voltado à formação humana, que valorize a expressão de sentimentos, preconceitos, dúvidas e opiniões, por meio do diálogo. Isso nos direcionou a um trabalho que objetivou estimular entre adolescentes escolares de Sobral, Ceará, a reflexão crítica e a vivência de atitudes saudáveis frente às drogas, com a implementação de Círculos de Cultura. Este é um método educacional dialógico, desenvolvido por Paulo Freire, embasado na investigação, teorização e problematização, com temáticas que emanam da realidade de vida dos educandos. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, direcionada a 121 educandos do nono ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota em Sobral, Ceará. O estudo foi realizado no período de agosto de 2013 a março de 2014. Com os sujeitos foram levantadas as palavras geradoras, que deram base para o planejamento de quatro encontros para os Círculos de Cultura, abordando às temáticas: liberdade e limites; violência e cuidado; atenção integral ao corpo; desenvolvimento urbano e cidadania. O consumo de drogas e suas consequências perpassaram todas as temáticas, sendo objeto de reflexão crítica pelos sujeitos. O trabalho culminou com a produção de um vídeo educativo protagonizado pelos adolescentes. O Círculo de Cultura mostrou todo o seu potencial enquanto método de ensino e aprendizado democrático e participativo, em que foi possível contemplar a assunção de um pensamento crítico dos sujeitos sobre as drogas e suas consequências, tanto nos encontros quanto na produção do vídeo.

Palavras-chave: Círculo de Cultura. Pesquisa-intervenção. Adolescência. Reflexão crítica. Drogas.

ABSTRACT

With the first experiences of consumption of drugs happening between characters more and younger, the teenagers tend to be more expose themselves to problems derived from this practice, basically, for still passing for a physical, psychological and emotional maturation and for social parts definition. One measure that had been giving protection against the use of drugs during adolescence it's the maintenance of a support net that biased toward an environment on focus of human formation, that values the feelings, prejudices, doubts and opinions expressions by means of dialogue. This directed us to a work that aimed stimulate among school teenagers of Sobral and Ceará, the critical reflection and the health experience attitudes head-on drugs, with the implementation of culture circles. This is an educational dialogue method, developed by Paulo Freire, based on investigation, theories and problems, with themes that arise from reality of student's life. It deals with an intervention-research, directed to 121 students of the ninth grade of elementary education of Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota in Sobral. The study was accomplished in the period of August, 2013 to March 2014. With the characters the create words was raised, that gave the base for the plan of four meetings for culture circles, to deal with: freedom and limits; violence and care; full attention to the body; urban development and citizenship. The consumption of drugs and their consequences went through all the themes, been object of critical reflection by the characters. The work result with an education video creation made by the students. The culture circle showed all the potential as teach and learning democratic and involvement method, in which was possible watch the adoption of a critical thinking about the drug and their consequences by the students, as much in the meeting as in the video creation.

Key- words: culture circle. Intervention-research, Adolescence, Critical reflection, Drugs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Nível de problemas relacionados ao consumo de <i>crack</i> nos Municípios do Ceará.....	29
Figura 2	- Esquema gráfico do Círculo de Cultura e sua relação com a expansão da consciência	35
Figura 3	- Localização do município de Sobral em relação ao Brasil e ao Ceará.....	40
Figura 4	- Imagens de Sobral – CE.....	41
Figura 5	- Fotos Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	43
Figura 6	- Distribuição dos bairros de residência dos educandos do nono ano do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	44
Figura 7	- Menino atirando de baladeira (estilingue).....	53
Figura 8	- Primeira atividade no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	77
Figura 9	- Texto de otimismo de aluna do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	79
Figura 10	- Expressão de superação de condições financeira e realidade social de educandos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	80
Figura 11	- Encontro “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.....	82
Figura 12	- Exemplos de imagens da categoria “Violência” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral - CE, 2013.	83
Figura 13	- Exemplos de imagens da categoria “Liberdade e Independência” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	84
Figura 14	- Exemplos de imagens da categoria “Lei e Ordem” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	84
Figura 15	- Exemplos de imagens da categoria “Cuidar de si” por sujeitos do	

	Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	85
Figura 16	- Exemplos de imagens da categoria “Cuidar de si” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	86
Figura 17	- Exemplos de imagens da categoria “Cuidado aos animais e à natureza” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	87
Figura 18	- Exemplos de imagens da categoria “Construção de um mundo melhor” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	88
Figura 19	- Exemplos de imagens da categoria “A arte da vida” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	89
Figura 20	- Exemplos de imagens da categoria “O cotidiano da vida” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	90
Figura 21	- Dinâmica da liberdade com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	93
Figura 22	- Homem na falésia.....	95
Figura 23	- A gaiola e a casca do ovo.....	97
Figura 24	- A gaiola enfeitada.....	99
Figura 25	- Jogo dos balões com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	102
Figura 26	- Diagrama representativo das dimensões do cuidado expressadas pelos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	107
Figura 27	- Fotos do primeiro momento do Círculo de Cultura “Como habitar meu corpo?” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	111
Figura 28	- Imagens do corpo fragmentado e o <i>iceberg</i>	115
Figura 29	- Imagens da roda de capoeira.....	117
Figura 30	- Fotos da construção do painel de experiências do Círculo de	

	Cultura “Como habitar meu corpo?” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	117
Figura 31	- Imagens utilizadas no Círculo de Cultura “Cidades para pessoas e pessoas para as cidades”.....	120
Figura 32	- Fotos do Círculo de Cultura “Cidades para pessoas e pessoas para as cidades” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	127
Figura 33	- Fotos dos encontros de preparação para o vídeo por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	129
Figura 34	- Fotos das primeiras cenas o vídeo produzido por sujeitos do Colégio Estadual om José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	131
Figura 35	- Fotos de cenas gravadas no CAPS AD Francisco Hélio Soares com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	132
Figura 36	- Fotos das cenas de encerramento do vídeo produzido por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	133
Figura 37	- Fotos dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota que atuaram no vídeo, Sobral – CE, 2014.....	134
Quadro 1	- Distribuição por idade dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	46
Quadro 2	- Plano de atividades para os Círculos de Cultura no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – Ceará, 2014.....	55
Quadro 3	- Indicação de carreiras ou projetos de vida dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	81
Quadro 4	- Apresentação dos temas geradores e Círculos de Cultura por sujeitos do ColégioEstadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.....	92
Quadro 5	- Resultado do painel de experiências Círculo de Cultura: “Como habitar meu corpo?” por sujeitos do ColégioEstadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	118

Quadro 6 - Resultado do painel de experiências Círculo de Cultura: “Cidade para pessoas e pessoas para cidades” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014.....	127
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
APS	Atenção Primária à Saúde
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CID-10	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CNM	Confederação Nacional dos Municípios
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESF	Estratégia Saúde da Família
HIV	Vírus da Imunodeficiência Adquirida
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
MPSF	Mestrado Profissional em Saúde da Família
OMS	Organização Mundial de Saúde
PET	Programa de Educação para o Trabalho
PSE	Programa Saúde na Escola
SPE	Saúde e Prevenção nas Escolas
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UVA

Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
1.1	Aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa.....	17
1.2	Contextualização do objeto.....	19
1.3	Justificativa e Relevância da Intervenção.....	27
2	OBJETIVOS.....	31
2.1	Objetivo Geral.....	31
2.2	Objetivos Específicos.....	31
3	MARCO TEÓRICO–METODOLÓGICO PARA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	32
3.1	Paulo Freire – da cultura aos Círculos de Cultura.....	32
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	37
4.1	Tipo de Pesquisa.....	37
4.2	Cenário da Intervenção.....	38
4.3	O espaço de ensino e aprendizado.....	41
4.4	Os sujeitos da intervenção.....	45
4.5	O PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas, no contexto da pesquisa.....	46
4.6	Ciclo de Pesquisa e as Estratégias para Coleta e Análise de Informações.....	48
4.7	Roteiro da Intervenção.....	51
4.7.1	<i>Fases do Círculo de Cultura.....</i>	51
4.7.2	<i>Apresentação das palavras, temas geradores e encontros com os sujeitos.....</i>	54
4.8	Aspectos Éticos e Autorais da Pesquisa.....	56
5	REVISÃO DE LITERATURA.....	59
5.1	Historicidade e aspectos culturais do consumo de drogas no mundo contemporâneo.....	59
5.2	Potencialidades e ameaças na adolescência.....	62
5.3	O risco do consumo de drogas entre os adolescentes.....	65
5.4	A escola como espaço favorável a uma aproximação entre Saúde e	

	Educação para o desenvolvimento de uma adolescência saudável.....	67
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	73
6.1	Relação Sociocultural dos Sujeitos com as Drogas.....	73
6.2	Descrevendo as intervenções.....	76
6.2.1	<i>O primeiro encontro: vislumbrando um inédito viável.....</i>	<i>76</i>
6.2.2	<i>Meu caminho pelo mundo, eu mesmo traço.....</i>	<i>82</i>
6.2.3	<i>Círculo de Cultura: Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós.....</i>	<i>93</i>
6.2.4	<i>Círculo de Cultura: Em um mundo violento, quem cuida de mim?.....</i>	<i>101</i>
6.2.5	<i>Círculo de Cultura: Como habitar meu corpo?.....</i>	<i>110</i>
6.2.6	<i>Círculo de Cultura: Cidades para as pessoas e pessoas para as cidades.....</i>	<i>119</i>
6.3	Luz, câmera, ação: descrevendo uma vivência de protagonismo.....	128
7	CONSIDERAÇÕES DO AUTOR.....	135
	REFERÊNCIAS.....	138
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	149
	APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	150
	APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME - AUTORIZAÇÃO DE RESPONSÁVEL.....	151
	APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME.....	152
	ANEXO A – MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO.....	153
	ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA.....	154
	ANEXO C – COMPROVANTE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	155
	ANEXO D – TEXTO DO VÍDEO “O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?”	156
	ANEXO E – LETRA DA MÚSICA “É PRECISO SABER VIVER – ROBERTO CARLOS / ERASMO CARLOS”	158
	ANEXO F – MÚSICA “PAZ - GABRIEL O PENSADOR”	159
	ANEXO G – PÁGINA “JUVENTUDE, CONSCIENTIZAÇÃO E SAÚDE” CRIADA NO FACEBOOK.....	161

1 INTRODUÇÃO

1.1 Aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa

Foi com base em lembranças de minha história e nos referenciais que tive para tornar-me o adulto de hoje, que encontrei motivação para realizar um trabalho voltado à saúde do adolescente com estímulo à assunção de comportamentos protagonistas.

Como adolescente não fui diferente de tantos outros contemporâneos: tive medo, angústia, alegria, euforia, dúvidas e certezas. Gostava de música e da agitação própria da idade, de conhecer novas pessoas, da diversão com os amigos e, por vezes, ir além dos limites que se impunham, o que me levou a transitar por espaços favoráveis a situações de exposição a riscos sexuais, de violência, de uso de drogas, dentre outros.

Esta realidade, no entanto, nunca me distanciou de minha família (nem física, nem afetivamente). A estrutura familiar sempre foi um sólido referencial para mim, por ela compreendi o valor do trabalho e de, por meio dele, galgar melhores condições sociais e financeiras. Foi trabalhando com membros de minha família, que pude, com recursos próprios, concluir o ensino médio em uma escola privada. Dividindo tempo com o trabalho buscava dedicar-me aos estudos, ora com mais, ora com menos afinco. O esporte também foi muito importante para mim, como praticante de artes marciais assimilei para a vida, parte da filosofia e disciplina que eram exigidos nos treinos.

Ainda na adolescência, engajei-me em um grupo de jovens católicos, onde eram desenvolvidos trabalhos de evangelização voltados para adolescentes em alguns bairros de Sobral, minha cidade natal, situada na zona norte do Estado do Ceará, sobre a qual trarei detalhes mais adiante. A inclusão nesse grupo, além de fortalecimento espiritual, dava-me uma sensação de utilidade social e realização pessoal, tinha uma identidade, princípios e ideais a seguir.

Ancorado nos referenciais da família, escola, trabalho, esporte e igreja, pude assumir comportamentos mais saudáveis na adolescência, mesmo diante de situações de vulnerabilidade. Esses referenciais não me propiciaram conhecimentos aprofundados sobre temas diversos, sua importância primária estava no potencial de se fazerem espaços de convivência, onde ouvia e me fazia ouvir, espaços de diálogo, de onde eu realizava as medidas do que me era apresentado pelo mundo. Isso me auxiliou a tomar decisões, umas acertadas e outras não, mas foi dessa forma que fui me construindo, e como ser inacabado, buscando manter-me nesse processo, de ser protagonista de minha própria história.

Uma dessas escolhas foi a opção pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), ainda acalorado pela adolescência, busquei me manter envolvido em atividades e estudos voltados à saúde do adolescente. Engajado no Projeto de Extensão Universitária: “AIDS: Educação e Prevenção” da UVA participei de pesquisas e intervenções com grupos de adolescentes. Dentro desse projeto pude compreender o fenômeno do adolecer com mais clareza, principalmente, os processos envolvidos na maturação biopsicossocial dos sujeitos e na formação de sua identidade para uma vida adulta.

Foi nesse decurso, na busca em reunir ferramentas e conhecimentos que dessem conta de uma assistência de enfermagem de qualidade aos sujeitos em processo de adolecer, que percebi a necessidade de conhecer as ações de enfermagem que estavam sendo realizadas para atender aos adolescentes na Estratégia de Saúde da Família (ESF) em Sobral-CE e as principais dificuldades enfrentadas por esses profissionais para uma atenção integral à saúde dos adolescentes, sendo estes os objetivos que nortearam meu trabalho de conclusão da graduação em Enfermagem em 2003.

Enquanto enfermeiro, devido à experiência acumulada dentro do Projeto AIDS, busquei desenvolver ações voltadas à saúde dos adolescentes, especialmente focando nos temas referentes à saúde sexual e reprodutiva, bem como à sexualidade.

Em 2010, dois eventos totalmente antagônicos fizeram revirar meu interior: o nascimento de meu primeiro filho e a morte violenta de um amigo que estava envolvido com o consumo de *crack*. Vi a realidade das drogas por outro ângulo e até muito próxima da minha vida. Com um olhar que a experiência da paternidade permite, vi o que as drogas podem causar a uma família. Sensibilizado, percebi a importância de uma intervenção voltada a essa temática.

Com o acesso ao Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF), em 2011, vi uma oportunidade de responder ao meu anseio, primeiro participando do Grupo de Estudo e Pesquisa: Saúde Mental, Violência e Cuidado, espaço voltado à ampliação dos conhecimentos acadêmicos dentro da temática das drogas. Outro grande benefício do MPSF diz respeito à própria natureza pedagógica do curso, que por meio de metodologias ativas, tem a prerrogativa de levar os mestrandos, profissionais que atuam na Atenção Primária à Saúde (APS), a um aprofundamento teórico-prático da concepção ampliada de saúde e à compreensão da complexidade dos problemas sociais e de seus determinantes no processo saúde-doença-cuidado.

Foi nesse contexto que pude vivenciar e, assim compreender a importância das metodologias ativas, para tornar os conhecimentos mais significativos para os sujeitos das

atividades de educação em saúde. Dentro dessas metodologias, o Círculo de Cultura, desenvolvido por Paulo Freire, foi percebido como o referencial pedagógico capaz de dar conta de uma atividade de intervenção dialógica com adolescentes.

Enquanto enfermeiro da ESF, toda minha experiência foi vivenciada em Barroquinha, um município situado no extremo litoral oeste do Ceará. Lá nasceu e amadureceu o ensaio educacional com adolescentes que culminou nesta dissertação. Foram muitos encontros com os educandos e professores da Escola de Ensino Médio Jaime Laurindo da Silva, que eram verdadeiras trocas de experiência, sendo este espaço ao mesmo tempo escola e laboratório para mim. Não poderia deixar de citar aqui esta fase tão rica na construção de minha dissertação.

Por motivos que não cabem explicar aqui, tive que retornar para Sobral. Ingressei novamente no Curso de Enfermagem da UVA, agora como docente. Naquele período, o projeto inicial da intervenção foi então incorporado e alinhado às ações do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde Redes 2013/2015, em que dentro do eixo da Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas, do qual sou preceptor, foram iniciadas ações de educação em saúde em uma Escola da Rede Estadual de Ensino de Sobral.

Trilhado o percurso histórico do que me levou à prática desta intervenção, trago na sequência do texto uma abordagem escrita em primeira pessoa do plural, opção que faz sentido no momento em que acredito ser este trabalho uma construção que possui a participação ativa de minha orientadora, de monitores do PET Rede de Atenção Psicossocial, de professores e de educandos com os quais construímos e vivenciamos as atividades educativas, estando desta forma mais próximo do que pensa Paulo Freire sobre o processo educativo como uma atividade de construção coletiva. (FREIRE, 2011a, 2011c).

1.2 Contextualização do objeto

No exercício de apresentar e contextualizar o objeto desta dissertação, buscamos fazer uma aproximação com a temática das drogas e como elas têm afetado a vida humana ao longo da história. Para tanto, vimos a necessidade de nos embasarmos em um conceito de droga que fosse coerente com a proposta aqui trabalhada. Então, consideramos “droga” como qualquer substância não produzida pelo organismo, que venha a atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento, sendo esta a denominação estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que é difundida em textos técnicos

pelo Ministério da Saúde e outras secretarias do governo brasileiro. (BRASIL, 2010d, 2008, 2010c).

O conceito de drogas da OMS, no entanto, é amplo e abrange um número vasto de substâncias utilizadas para os mais diversos fins pelo homem. Dentre essas substâncias, destacamos aqui as que pertencem a um grupo específico, sendo capazes de causar alteração no cérebro e no comportamento de seus usuários, podendo algumas, levar à dependência e mediante abuso, tem o potencial de provocar transtornos de ordem biopsicossociais: as drogas psicotrópicas. Seguindo a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), que trata das drogas psicotrópicas e seus respectivos transtornos em seu capítulo V, apresentamos a relação das referidas drogas: álcool; opióides (morfina, heroína, codeína, diversas substâncias sintéticas); canabinóides (maconha); sedativos ou hipnóticos (barbitúricos, benzodiazepínicos); cocaína e seus derivados; outros estimulantes (como anfetaminas e substâncias relacionadas à cafeína); alucinógenos; tabaco; solventes voláteis. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993).

Ao fazermos menção às drogas psicotrópicas, utilizaremos apenas o termo genérico “droga”, com intuito de trazer mais leveza ao texto. Este termo já é frequentemente utilizado para fazer menção a drogas psicotrópicas, por esse motivo acreditamos que, uma vez apresentado aqui o contexto, o leitor terá clareza a que tipo de droga nos referimos.

Atualmente tomadas como um problema, as drogas nem sempre foram vistas dessa forma. Elas acompanham os homens ao longo de sua história. Eram utilizadas em momentos de tensão, estando presentes ainda na realização de celebrações, confraternizações, na busca pelo prazer, por mais coragem ou mesmo como mecanismo de escape. Aqueles que as consumiam buscavam, assim, alterar seu estado natural de percepção e de compreensão de si e do mundo que os cercava. (ROCHA, 2010; SILVA, 2011).

As drogas tinham então uma dimensão cultural e muitas vezes religiosa ou mística, sendo seu consumo dotado de toda uma simbologia em que dose e efeitos esperados eram demarcados pela necessidade própria de cada cultura. O advento do capitalismo demarca profunda mudança no setor produtivo e nas relações humanas, transformando também a relação dos homens com as drogas, que superando o simbólico, são transformadas em mercadoria. Ainda que, servindo muitas vezes para aplacar as angústias trazidas pelo próprio sistema capitalista, o consumo de tais substâncias sofreu drásticas mudanças.

No Brasil, é possível observar o impacto que o consumo de drogas tem causado na população e na saúde pública. Informações do Relatório Brasileiro sobre Drogas (BRASIL, 2009b) demonstram que entre 2001 e 2007 foram observadas 965.318 internações decorrentes

do consumo de substâncias psicoativas, ou seja, 1,2% de todas as internações do país tiveram relação direta com as drogas. As internações pelo consumo de álcool representaram 69% dos casos, sendo seguidas pelo consumo de múltiplas drogas com aproximadamente 23% e de cocaína com um total de 5%.

O sexo masculino destaca-se com um maior número de internações, principalmente pelo consumo do álcool. Quanto à faixa etária, observamos uma maior incidência de internações na fase adulta, em que a idade usual em que os sujeitos buscam tratamento é por volta dos quarenta anos, já com graves problemas de saúde. Sabemos, no entanto, que a faixa etária que apresenta a maior dependência é a de 18 a 24 anos, seguida da de 25 a 34 anos. (BRASIL, 2009b; SOUSA; OLIVEIRA, 2010).

Há uma tendência de convergência do consumo de drogas para sujeitos cada vez mais jovens, sendo, este consumo, descrito como um grande fenômeno da juventude em alguns países. As taxas de prevalência aumentam gradualmente entre os adolescentes atingindo seu pico entre pessoas com idade entre 18 e 25 anos. (UNITED NATIONS, 2012).

O Ministério da Saúde seguindo a classificação da OMS define a adolescência como o período da vida humana compreendido entre 10 e 19 anos de idade, em que ocorrem mudanças de grande importância para os sujeitos, principalmente de ordem emocional, tais como o desenvolvimento da autoestima e da autocrítica. A interação com o mundo externo, ganha outras nuances com a empreitada pela conquista da autonomia. Buscando conduzir os problemas que naturalmente apresentam-se em sua vida, o adolescente se arrisca, oscilando entre condutas de risco calculado, decorrente de uma ação pensada, e do risco insensato, em que, gratuitamente, se expõe, com grande chance de ocorrerem insucessos, podendo comprometer sua saúde de forma irreversível. (BRASIL, 1996, 2009a, 2010b).

Outro ciclo vital definido pelo Ministério da Saúde e que está em consonância com a OMS, é a juventude, que é descrita como o período que inicia aos 15 anos e se estende até os 24 anos. (BRASIL, 2010a). Por reconhecer que neste período também há vulnerabilidades dos sujeitos, o Ministério da Saúde tem estendido suas ações para que deem conta do público de jovens e adolescentes alargando a faixa etária para sujeitos entre 10 e 24 anos. Dessa forma, utilizaremos, quando necessário neste trabalho, os termos “jovem” e “juventude”, entendendo que parte da adolescência está contida neste período.

É neste contexto de mudanças físicas, definição e maturação da estrutura psicológica e emocional e busca da identificação de papéis, que tendem a ocorrer os primeiros contatos e uso de bebidas alcoólicas ou outras drogas, muitas vezes estimulados pelo meio em que o sujeito está inserido.

O Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) divulga os resultados do levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de ensino nas 27 Capitais Brasileiras, e indica que o primeiro contato dos estudantes com as drogas, em geral, está acontecendo muito cedo. Nas diferentes faixas etárias, o uso pelo menos uma vez na vida foi relatado por 10,4% dos estudantes com 10-12 anos; 22,5% dos 13-15 anos e 42,8% dos 16-18 anos. Quando questionados a respeito do uso no ano, ocorre fato semelhante: 5,4% dos 10-12 anos; 9,6% dos 13-15 anos e 17,0% dos 16-18 anos. (BRASIL, 2010e). Os resultados mostram que a presença de drogas é cada vez mais constante na vida dos adolescentes ao longo dos anos e que possivelmente a obtenção das mesmas vai se tornando mais fácil, podendo estar ligada a exposição dos estudantes a inúmeros outros fatores, que se apresentam com o evoluir da idade.

Um resultado categorizado e quantificado é importante como forma de se ter uma visão geral sobre um problema, mas conforme Reguillo (1988 *apud* BRASIL, 2009a), em nenhum local do mundo a juventude é representada como um bloco homogêneo, capaz de responder por um conjunto de categorias fixas. O autor chama atenção à vasta diversidade cultural entre eles e à existência de múltiplas juventudes particulares. Os jovens dividem espaços, trabalham, vão à escola, seguem ideais políticos, mas os referenciais identitários não estão restritos a um local, espaço de aprendizado, convivência social ou política. São identidades móveis, efêmeras, mutantes, capazes de respostas ágeis e, por vezes, surpreendentemente comprometidas.

Cada jovem tem a capacidade de assumir comportamentos próprios diante dos fenômenos da vida. De acordo com Guzman-Facundo (2011), a atitude em relação a uma conduta é determinada por crenças que relacionam o comportamento com os resultados deste. Em seu estudo sobre o uso de drogas em membros de gangues em uma cidade no México, o referido autor descreve que esse conjunto de crenças atribuídas às drogas, assim como às suas consequências, influenciaram esses jovens a optarem por consumir ou não tal tipo de droga, estando a maconha no topo da lista das drogas mais usadas pelos sujeitos de seu estudo, devido a sua associação a efeitos menos nocivos à saúde que os causados pelo *crack* ou solventes, por exemplo.

Ainda nesta lógica, Pedroso (2006) traz em seu estudo uma discussão acerca das expectativas de resultados, sendo descritos como crenças cognitivas, culturais e pessoais acerca dos efeitos de determinada droga. Essas expectativas, que mantêm relação direta com as consequências desejadas ou temidas que o consumo proporcione, direcionaram os sujeitos

na decisão de consumir ou não alguma substância, e ainda foram determinantes na manutenção do consumo para um comportamento dependente, assim como deveriam ser levadas em consideração nas abordagens preventivas e terapêuticas.

Conforme Sanchez, Oliveita e Nappo (2005), em estudo sobre o não uso de drogas por adolescentes, a disponibilidade de informações foi citada como o principal motivo de afastamento das drogas por jovens não usuários, sendo seguida da experiência pessoal do entrevistado, por observação direta dos efeitos negativos das drogas em amigos ou familiares. Entre adolescentes usuários, no mesmo estudo, a disponibilidade de informações e a abordagem dos efeitos devastadores da droga na vida também foram citadas como determinantes. Os sujeitos declararam que informações pouco esclarecedoras e que valorizavam os efeitos psicotrópicos das drogas acabou por apenas despertar a curiosidade e consequente consumo.

Reconhecemos que o fenômeno do uso de drogas é multicausal e que qualquer tentativa que busque determinar um fator que desencadeou este comportamento tende a se tornar imprecisa, principalmente entre adolescentes, devido à sobreposição de complexos processos de maturação biopsicossocial em que estão envolvidos. No entanto, apontamos evidências nos estudos de Guzman-Facundo (2011), Sanchez, Oliveira e Nappo (2005) e Pedroso (2006) da influência do que chamamos aqui de argumentos internos dos sujeitos, que são esquemas mentais moldados por meio de processos vivenciais que envolvem objetivação e subjetivação do mundo, e que se mostraram determinantes na relação desses com as drogas.

Freire (2011d), ao discorrer sobre a objetivação e subjetivação de conteúdos afirma que, o aspecto subjetivo dos sujeitos toma corpo em uma relação dialética com a dimensão objetiva dos conteúdos da realidade sobre a qual se exerce um ato cognoscente. Sendo assim, o que os sujeitos acreditam que as drogas podem causar em sua vida, o que eles esperam como resultados do consumo de drogas e o que eles assimilam dos ensinamentos e da observação de seu mundo são aspectos subjetivos, sendo construídos ou desconstruídos no processo vivencial dos adolescentes, a partir dos conteúdos que lhes são apresentados em uma relação dialógica com o mundo que os cerca, pela objetivação deste mundo.

Dessa forma, entendemos que o acesso a esses aspectos subjetivos são determinantes no processo de educação e promoção da saúde entre os adolescentes, contudo estes não podem ser transformados por intermédio de métodos educacionais e informativos embasados apenas na transmissão de informações, necessitando para isso de um espaço que valorize o diálogo e a expressão de sentimentos, preconceitos, dúvidas e opiniões, sendo assim voltado à formação humana.

Assim, o Ministério da Saúde aponta a escola como um espaço de convivência dos adolescentes que tem potencial para a construção de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo, tornando-se, dessa forma, um lugar privilegiado para promoção da saúde. É um espaço singular para formar sujeitos dotados de autonomia e criticidade, capazes de compreender a realidade e modificá-la a partir do lugar que ocupam, ou seja, aptos a fazer uma reflexão acerca dos problemas da comunidade e a propor ações para resolvê-los, a partir de suas perspectivas. (BRASIL, 2011).

Atentamos ao fato da escola sozinha não dar conta dessa ação promotora de saúde, fazendo-se necessária uma aproximação com o setor saúde por meio de ações, numa lógica intersetorial e interdisciplinar, o que ampliaria o arcabouço de conhecimentos para as ações. Essa integração já foi pensada e materializada legalmente por meio do Decreto Presidencial Nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, que instituiu o Programa Saúde na Escola (PSE), que além de propor ações de educação em saúde, orienta visitas periódicas e permanentes das equipes de saúde às escolas para avaliar as condições de saúde dos educandos e manter atendimento à saúde ao longo do ano letivo, de acordo com as necessidades locais de saúde identificadas. (BRASIL, 2007b).

É dessa forma que o PSE pode contribuir para o fortalecimento de ações na lógica do desenvolvimento integral, possibilitando à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde e educação, para o enfrentamento de problemas que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. (BRASIL, 2011). Acreditamos que ações desta natureza devam ser multiplicadas, mesmo que não estejam arquitetadas e vinculadas à lógica de um programa de governo como o PSE. É certo que mais atores precisam adentrar o espaço escolar para promover vivências direcionadas a um adolescer mais saudável, favorecendo que as vulnerabilidades¹ próprias do público adolescente sejam mitigadas.

Entre adolescentes o uso e o abuso de álcool e outras drogas são gatilhos para situações de vulnerabilidade, como por exemplo, os acidentes, suicídios, violência, gravidez não planejada e a transmissão de doenças por via sexual e endovenosa, nos casos das drogas injetáveis. Existe ainda a possibilidade do envolvimento com o tráfico, que no Brasil, assim como em outras partes do mundo, tem se mostrado uma séria ameaça à estabilidade social

¹Conforme o Ministério da Saúde (BRASIL, 2007a) a vulnerabilidade pode ser compreendida como a incapacidade de um sujeito ou um grupo social de decidir sobre uma situação de risco a que está exposto. É diretamente associada a fatores individuais, familiares, culturais, sociais, políticos, econômicos e biológicos.

sendo descrito por Saporì e Sena (2012) como o principal desencadeador de situações de violência e homicídios entre usuários de drogas ilícitas.

Como um contraponto a essas vulnerabilidades e os prejuízos por elas causados, temos possibilidade de formação de uma personalidade resiliente², sendo evidenciada em alguns sujeitos como um ânimo interior que se manifesta diante de determinadas circunstâncias de infortúnio e que foi sendo construída de forma dinâmica ao longo da vida na relação pessoa e ambiente.

Compreender os conceitos de resiliência e vulnerabilidade na atenção à saúde dos adolescentes e jovens no contexto das relações sociais contribui para orientar estratégias políticas e educacionais capazes de promover ações de multiplicação de fatores resilientes nos espaços da escola, do lar, da comunidade e na convivência de si mesmo, assim como potencializar fatores que podem contribuir para um desenvolvimento humano saudável, reduzindo as vulnerabilidades existentes e elevando o nível de autonomia para atitudes e práticas saudáveis frente às adversidades que comprometam seu bem estar, como as drogas.

Para tanto, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2007a) orienta a implantação de um modelo de educação e atenção à saúde do adolescente capaz de ir além da simples informação e da assistência clínica individual ou repressão ao consumo de drogas. Esse modelo deve favorecer o diálogo sobre as razões da adoção de um comportamento preventivo, buscando desenvolver nos sujeitos habilidades para resistência às pressões externas, enfrentamento e resolução de problemas e dificuldades do cotidiano.

Nessa lógica, Freire (2011d) chama a atenção daqueles que se empenham na práxis educativa a estimularem o diálogo, saindo da lógica que ele chama de “Educação Bancária” que tem como característica a sonoridade das palavras, e não a sua ação transformadora. O ser que educa deve levar o educando a um estado de “criticizar” sua realidade. Dar a este, o poder de escolher, sabendo como escolher, assumindo uma atitude protagonista em sua própria vida.

Precisamente essa postura crítica em que o adolescente, por meio de uma participação construtiva, exerce sua cidadania em questões relacionadas à sua própria adolescência, é descrita por Costa (1998) como protagonismo juvenil. O autor afirma que o entorno da vida social e comunitária dos adolescentes é passível de transformação que advém das atitudes dos mesmos. Sendo o protagonismo juvenil uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental,

² Resiliência: tem relação com a competência do sujeito em atravessar as adversidades e sair transformado, na medida em que obtém êxito no processo de adaptação, enfrentamento e superação. (BATISTA, 2011).

cultural e política as quais estão inseridos. Pode ser efetivada pelo envolvimento nos processos de diálogo, na tomada de decisões, no desenho e execução de ações, visando desenvolver o seu potencial criativo e a sua força transformadora por meio do seu envolvimento na solução de problemas reais.

As crianças e os adolescentes brasileiros têm seus direitos e deveres assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Nº 8.069 de 13 de julho de 1990 (BRASIL, 1990). Os incisos I ao VII, do Artigo 16, do ECA, falam a favor destes sujeitos exercerem uma atitude de protagonismo sobre suas vidas, sendo descritos os direitos de ir e vir nos espaços públicos e comunitários; de ter opinião e expressão; de escolher sua crença e vivenciá-la; brincar, praticar esportes e divertir-se; participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; participar da vida política, na forma da lei; além de buscar refúgio, auxílio e orientação.

Ao buscar orientação, o adolescente expõe sua fragilidade para se fortalecer naquilo que ainda não faz parte do seu acervo de conhecimentos e experiências vividas, entretanto, esse acervo não pode ser desprezado, sendo ele primordial para dar base a novos conhecimentos que são adquiridos e desenvolvidos na relação educador-educando, por meio de uma metodologia dialógica. Um teórico que trouxe importantes contribuições para essa postura educacional foi Paulo Freire, que afirmava ser o processo educacional uma ação transformadora da realidade humana. Para tanto, Paulo Freire desenvolveu a metodologia do Círculo de Cultura.

Em seus escritos o autor descreve o Círculo de Cultura como um espaço em que os sujeitos não só aprendem juntos, mas apreendem o mundo um do outro, em um processo dialógico. Freire dá nome a este espaço em substituição ao termo “escola”, por julgar este um conceito carregado de passividade e àquele mais apropriado à fase dinâmica de transição e transformação em que os sujeitos de sua ação estavam envolvidos. Vai além, redefinindo papéis no processo educacional, em que não existem alunos e professor, figuras eivadas de elementos de forte dependência e passividade, no lugar destes, os participantes de grupo (educandos) e coordenador de debates (educadores). Os Círculos de Cultura consolidam-se como centros em que os sujeitos se encontram no diálogo sobre seu mundo, para, mediante reflexão crítica sobre este, organizar-se e planificar ações de interesse coletivo, culminando assim com uma prática transformadora. Suas atividades têm início com a imersão no mundo dos educandos, tornando assim o aprendizado mais significativo para os envolvidos. (FREIRE, 2011a, 2011d).

Alguns dos conceitos educacionais de Paulo Freire servem de referência a várias ações de educação em saúde, sendo possível observar inclusive, no delineamento conceitual e metodológico das ações do PSE, no qual existe a orientação de que o trabalho de promoção da saúde nas escolas deve ter como ponto de partida as experiências dos sujeitos, sendo necessário desenvolver neles a capacidade de interpretar o cotidiano e agir no sentido de incorporar atitudes e comportamentos que propiciem uma melhor qualidade de vida. (BRASIL, 2011).

Reconhecemos a importância dos profissionais de saúde adentrarem a escola para a implementação de ações voltadas à promoção da saúde dos adolescentes, a exemplo do PSE, que já está arquitetado sob uma concepção metodológica que valoriza o diálogo e a pluralidade de opiniões. Nesse sentido, decidimos por desenvolver vivências dentro do espaço escolar, que dessem resposta ao nosso questionamento: diante do avanço do consumo de drogas que favorece situações de vulnerabilidade entre adolescentes, o Círculo de Cultura poderia contribuir para a assunção de comportamentos mais saudáveis por parte destes sujeitos?

Supomos assim, que a implementação dos Círculos de Cultura poderia favorecer um aprofundamento em aspectos do cotidiano sociocultural dos adolescentes. Tal método foi base para a execução de atividades dialógicas e participativas que tiveram como foco o bem-estar e o autocuidado, que a partir desta proposta, interligou com a temática das drogas aspectos como: sexualidade, alimentação, esporte, estudos, lazer, sonhos, ideais de vida, cultura e arte.

Com isso, apresentamos aqui o objeto de nosso estudo que se trata de uma intervenção educativa que possibilite ao adolescente protagonizar em sua vida um pensar e um agir mais saudáveis, respaldados pela avaliação crítica de seu mundo (realidade sociocultural) e as consequências do uso/abuso das drogas para sua vida.

1.3 Justificativa e Relevância da Intervenção

O consumo das drogas tem levantado muitos desafios para aqueles que planejam e executam as políticas públicas no Brasil, principalmente aquelas voltadas à saúde dos adolescentes, que por características próprias de seu desenvolvimento tendem a se mostrar mais vulneráveis ao consumo destas substâncias e assim sujeitos aos transtornos advindos dessa prática.

A mudança do padrão de consumo das drogas influenciado pelo modo de produção capitalista, em que este consumo perde seu caráter simbólico, ritual e cultural, tornou evidente a capacidade que as drogas têm de transformar, ou melhor, de transtornar a estrutura de vida das pessoas envolvidas em seu consumo abusivo. Quando se trata de adolescentes estes efeitos são ainda mais amplos. Por estar em pleno desenvolvimento cerebral, a precocidade do consumo de drogas tende a causar um atraso no desenvolvimento psicossocial e prejuízos cognitivos aos adolescentes, resultando em dificuldades de aprendizado e com maiores índices de reprovação escolar. Ao iniciar o consumo de drogas na adolescência os sujeitos têm maior tendência à dependência química. (HORTA, 2007; PASSA, 2011).

Ainda sobre esses efeitos, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010c, 2010a) afirma que o consumo de álcool e outras drogas podem também manter estreita relação entre sexualidade e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), ampliando a vulnerabilidade dos adolescentes. Esta ligação pode acontecer pelo compartilhamento de: agulhas e seringas entre usuários de drogas injetáveis, via de transmissão do Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV); de utensílios como latas para fumar o *crack*, que podem causar fissuras na mucosa labial facilitando a transmissão de vírus como os das hepatites B e C. Sob o efeito das drogas, podem estar expostos também ao sexo desprotegido, que pode levar à gestação não planejada e à transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Sodelli (2007 *apud* SANCHEZ *et al.*, 2010), considerando esta vulnerabilidade própria dos adolescentes como envolta em um processo dinâmico e contínuo, recomenda que as intervenções fujam da lógica pontual e informativa, que apresentam resultados limitados. Afirma, ainda, que as ações educativas não deveriam apenas alertar, mas promover uma preparação das pessoas para que superem os obstáculos materiais, culturais e políticos que as mantenham vulneráveis.

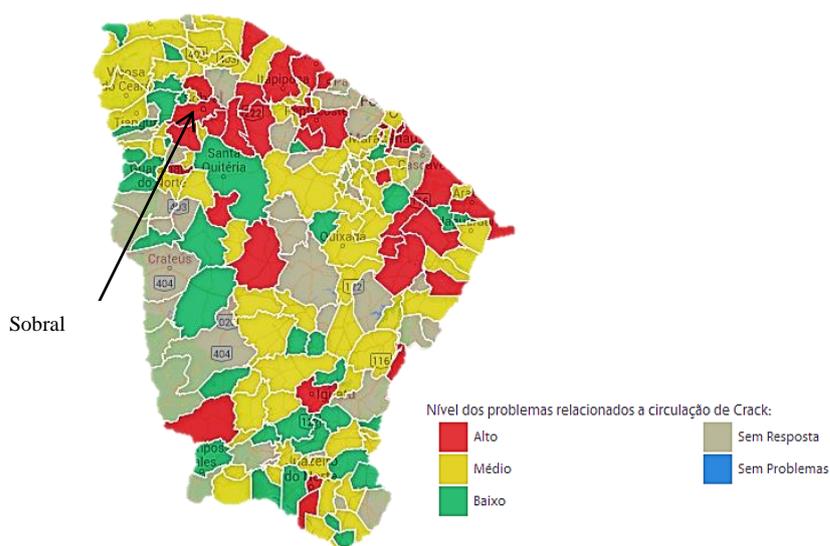
Fernandes e Backes (2010) ampliam o olhar sobre estes processos educativos afirmando que percebem a necessidade de inserção da cultura e da participação popular nessa prática, uma vez que tem potencial de conscientização dos sujeitos envolvidos no processo, levando a uma ótica mais abrangente, que atende as complexidades da nova saúde pública e nos apresentam os Círculos de Cultura como um referencial teórico-metodológico capaz de modificar profundamente a prática da educação em saúde.

A expansão do consumo e a popularização das drogas entre adolescentes, aliadas à possibilidade de maior vulnerabilidade são realidades que remetem à necessidade de uma ação de educação em saúde abrangente, sistemática e dotada de potencial de desenvolver

autonomia nos sujeitos. Essa realidade aliada a características observadas no Município de Sobral-CE, revelam a importância de realizarmos este trabalho.

Informações obtidas por meio de pesquisa organizada pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM) (2011), revelam uma realidade já percebida *a priori*, pela população de muitos municípios brasileiros: quase 90% destes vêm enfrentando problemas com a circulação de drogas em seu território, sendo o *crack* a droga que assume a tônica destes problemas. No Ceará, como pode ser observado na Figura 1, dos municípios pesquisados, todos já enfrentam problemas com o *crack*, estando Sobral classificado como uma cidade com alto nível de problemas relacionados a essa droga.

Figura 1 - Nível de problemas relacionados ao consumo de *crack* nos Municípios do Ceará.



Fonte: Confederação Nacional dos Municípios (CMN).

Oliveira *et al.* (2013), avaliando prontuários em um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas (CAPS-AD) do município de Sobral, indica que o consumo do *crack* foi predominante nos atendimentos observados, superando o consumo problemático do álcool, que apareceu em segundo lugar entre os usuários. Uma informação importante, pois vai ao encontro da pesquisa do CNM, indicando que a realidade de consumo de drogas dos municípios menores têm se aproximado cada vez mais dos grandes centros, onde o consumo do álcool vem sendo substituído paulatinamente pelo do *crack* (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS, 2011). Essa substituição dá-se tanto pela facilidade de acesso à droga como pelo seu baixo custo. O que de certa forma aumenta a possibilidade de consumo por parte dos adolescentes.

Na realidade estudada por Oliveira *et al.* (2013), no município de Sobral, os jovens entre 11 e 29 anos, somam 44,3% dos atendidos pelo CAPS-AD, sendo o consumo do *crack* predominante em tal faixa etária. A informação é preocupante, devido aos efeitos devastadores que tal droga pode trazer ao organismo destes jovens, seja de ordem fisiológica, psicológica ou social.

Diante do exposto, percebemos a necessidade de uma atividade voltada ao público adolescente que vá além dos atendimentos em momentos críticos, como em caso de doenças. É necessário, também, ir ao encontro deste público com uma ação educativa que não seja apenas transferência de conhecimentos, mas que produza um momento para uma educação crítico-reflexiva, que lhes garanta participação enquanto sujeitos da transformação de sua realidade de vida.

Freire (2011b) afirma que uma educação desta natureza leva os sujeitos envolvidos à assunção de pensamentos que culminam com a transformação de comportamentos. Quanto mais o sujeito se assume como está sendo e assim percebendo as razões de ser, de por que está sendo assim, mais se torna capaz de mudar, de evoluir, de promover-se.

É oportuna, então, a inserção desse estudo no espaço escolar, sendo o palco para esta intervenção o Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, importante e tradicional escola pública sobralense, situada nas proximidades do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A abertura para a realização dessa intervenção mostrou-se também uma oportunidade para associação com as ações desenvolvidas pelo “PET Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas”, do qual o autor desta dissertação é preceptor.

Essa associação garantiu a inclusão de diferentes atores como outros preceptores e os acadêmicos dos Cursos de Enfermagem e Educação Física, monitores do PET Redes. Esses atores, inseridos no espaço escolar e associando essa intervenção às ações já desenvolvidas pela escola, puderam prestar relevante contribuição para os adolescentes, em que com eles e para eles se buscou (re)construir um conhecimento para disseminar informações sobre os riscos do consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, tanto em ambiente escolar como nos espaços de convivência social desses educandos, estimulando a assunção de comportamentos e atitudes mais saudáveis frente a tais substâncias.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Estimular entre adolescentes de uma escola pública de Sobral-Ceará, a reflexão crítica e a vivência de atitudes saudáveis frente às drogas, com a implementação dos Círculos de Cultura.

2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Descrever a relação da dinâmica sociocultural destes adolescentes com as drogas;
- ✓ Organizar encontros de sensibilização e vivências socioculturais que favoreçam a troca de experiências, vivências e narrativas sobre bem estar, qualidade de vida e autocuidado entre os adolescentes;
- ✓ Elaborar de forma proativa, material educativo relacionado com o conhecimento resultante dos encontros de sensibilização.

3 MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Neste tópico, apresentamos o marco teórico que serve de base para o percurso adotado com fins de realização desta pesquisa, que tem como meta transformar seus objetivos em ações de intervenção e transformação da realidade a médio e longo prazo. Para tanto, faz-se uma apresentação do educador Paulo Freire e do seu *modus operandi* de trabalhar, mostrando que “[...] ensinar não é transferir conhecimento.” (FREIRE, 2011b, p. 24).

Da perspectiva do pensar de Freire nos encaminhamos para a metodologia a ser construída como estratégia de coleta, descrição, análise das informações e, finalmente, a elaboração de um modelo proativo de trocas de conhecimentos entre adolescentes, profissionais da saúde e professores.

3.1 Paulo Freire – da cultura aos Círculos de Cultura

Paulo Reglus Neves Freire, nordestino, nasceu na capital pernambucana – Recife, em 1921, filho caçula de uma família tradicional cristã da classe média, sendo seu pai militar e sua mãe dona de casa. Teve vida pacata em uma casa mediana, o qual o mesmo descreve como o local de suas primeiras experiências de leitura do mundo, para então despertar-se como leitor das palavras. (FREIRE, 1989).

Freire aprendeu a ler com seus pais sob as sombras das mangueiras no quintal de sua casa. Sua alfabetização tem início com as palavras de seu mundo, de sua infância, palavras de sua realidade enquanto criança, que escritas no chão do quintal com um graveto, retratavam o que ele percebia do mundo, como o mundo se mostrava ante seus olhos e não o mundo que mostravam a ele. Esse fato influenciou drasticamente sua atuação e sua obra anos depois. Foi assim que Freire idealizou um método de educação construído sob o diálogo entre educador e educando, em que cada um contribui com uma parcela na produção do conhecimento, revelando aspectos do mundo vivenciado pelos sujeitos, que é sistematizado em questões referentes à prática social para o exercício da cidadania, na perspectiva da participação política, buscando soluções para problemas do mundo do trabalho e da vida. (FREIRE, 1989; GADOTTI, 2004).

O legado educacional de Paulo Freire (1921-1997) perpassa décadas na história do Brasil e de outros países mundo afora, sempre impulsionando profissionais e cientistas a realizar as mais diversas experimentações educativas, sendo estes, chamados pelo grande

mestre à ousadia da inovação no campo educacional e em tantas outras áreas às quais couberem seus preceitos.

Gadotti (2004) abre uma reflexão sobre o que vem sendo denominado “Método Paulo Freire”, relatando que vai além de um método, trata-se muito mais de uma teoria do conhecimento ou mesmo uma filosofia da educação. Essa teoria tem um corpo próprio de conceitos, é dotado de uma visão de mundo e de um ideal humanitário que é descrito, pelo próprio Freire (2011a), como um processo em que o homem não é um paciente, cuja sua única virtude seria realmente ter paciência para suportar a incomensurável distância entre a sua experiência existencial e o conteúdo que lhe apresentam, antes ele deve exercer um papel ativo, como sujeito de seu processo de aprendizado.

Segundo Marinho (2009), a participação do homem nos processos educativos se reflete também em sua participação nos processos sociais, por meio de um posicionamento crítico acerca das estruturas políticas, sociais e educacionais que o cercam. A autora traz o pensamento freireano de cultura como essa implicação crítica do homem, de pensar a estrutura social e assim tentar descobrir a forma pela qual ele próprio se constitui. Afirma, ainda, que nenhuma ação educativa pode se dá distante da cultura. Sendo ela obra humana, resulta das interações intermediadas entre o trabalho e a comunicação das consciências.

Paulo Freire (2011a, p. 60) explica como se dá a gênese da cultura dentro das relações humanas, quando diz que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.

É partindo desta transformação do mundo natural em mundo cultural por meio do trabalho humano, que Freire compreende o homem como um ser que gera conhecimento e, dessa forma, revela que entre os seres humanos não é possível a absolutização da ignorância nem do saber, afirmando que “[...] ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo.” (FREIRE, 1981, p. 17).

Esse pensamento freireano nos remete, então, a pensar que os homens estão envolvidos neste processo de comunicação no qual ninguém aprende sozinho, o que se propõe a ensinar sempre tem algo a aprender e vice-versa, sendo este aprendizado mediatizado pelo diálogo. Chegamos, então, a outro conceito chave, uma vez que Freire define seu método como: ativo, dialogal e participante. O diálogo é uma relação horizontal, que nasce em uma

matriz crítica e tem potencial de gerar criticidade, ganha força no amor, na humildade, na esperança, na fé e na confiança. Só é possível, se partir da virtude da crença no homem e em suas possibilidades. Como oposto do diálogo ergue-se o antidiálogo, processo que culmina com uma mera transmissão/depósitos de comunicados, que determina uma prática de educação bancária. (FREIRE, 2011a, 2011d).

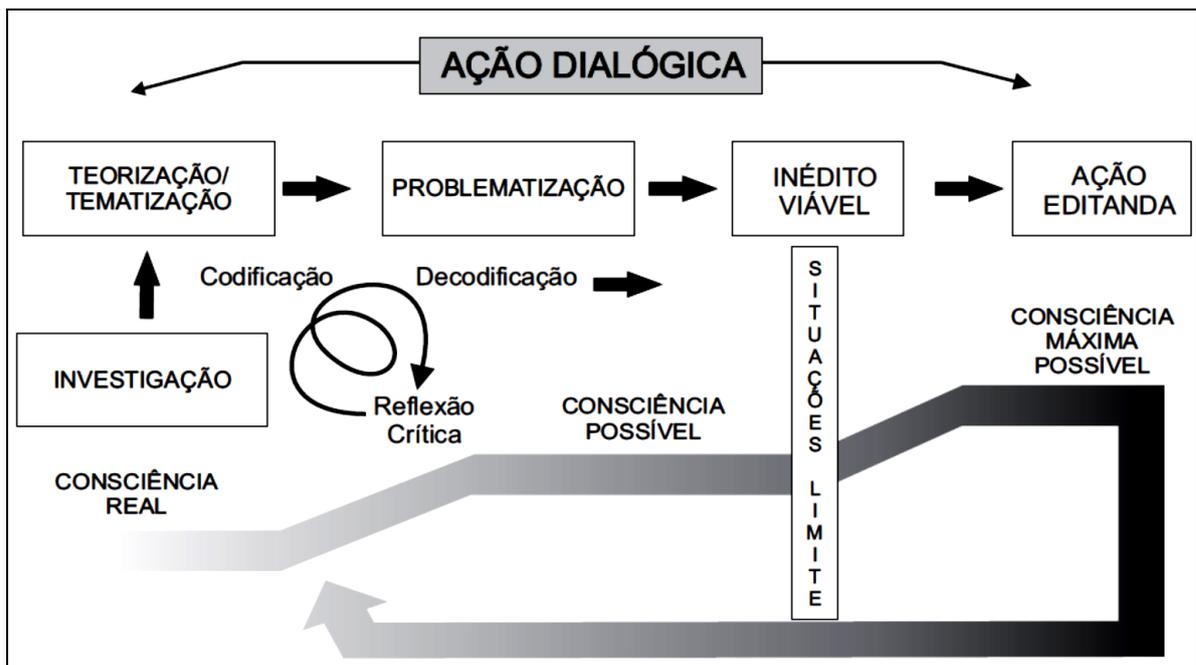
Acreditar no potencial que os seres humanos têm para transformarem-se a si mesmos e o mundo que o cerca, remete-nos a pensar na expressão que, a nosso ver, tem íntima ligação com a adolescência: o inédito viável. Essa expressão é descrita por Freire como o resultado de um vislumbrar as possibilidades possíveis de serem vivenciadas. No mundo adolescente, pode ser descrita como os sonhos, as aspirações e as expectativas que impulsionam estes sujeitos a empreender seus projetos de vida. A contemplação de um inédito viável só é possível pelo rompimento e superação das situações limite, situações que tem potencial de imobilizar o ser humano, caso não se tenha a compreensão em plenitude dos aspectos que lhes são relacionadas. Quando a compreensão acontece, essas situações limite tornam-se combustível para a reflexão crítica da realidade e se materializam em uma ação transformadora que continua a ser editada/reproduzida pelo adolescente, a ação editanda. (FREIRE, 2011d).

Muitas vezes, na busca de superar situações limite, os adolescentes engendram um comportamento entendido como rebelde, em que buscam enfrentar, não as situações limite em si, mas o que conseguem perceber como limitadores de seu desenvolvimento e autonomia. Freire (2011b) chama a atenção para a necessidade de promover a mudança de posturas rebeldes em posturas revolucionárias, capazes de engajar os sujeitos na transformação de seu mundo. O autor entende que a rebeldia é ponto indispensável de deflagração de um movimento do homem em busca de justiça e de denúncia, mas não é suficiente. Só a postura revolucionária, embasada na crítica e na dialogicidade é transformadora das situações desumanizantes e anunciadora de sua superação, nossos sonhos.

Para esse movimento de transformação e superação, é necessária a evolução dos modos de ver e pensar o mundo, determinantes nos processos de tomada de consciência. Sobre esses processos, Freire (2011d) mostra-nos três fases as quais passamos a refletir criticamente sobre nossa realidade: a consciência real, consciência possível e consciência máxima possível. Ao serem apresentados os temas geradores, que são temas carregados de significado, pinçados do universo dos sujeitos, para que estes exerçam reflexão crítica, estes sujeitos vão expandindo sua consciência.

Na consciência real, os sujeitos encontram-se impossibilitados de perceberem soluções para além das situações limite e o pensar só gera soluções praticáveis percebidas e efetivamente realizadas. A consciência possível aproxima-se do inédito viável, com a clarificação de soluções praticáveis, mais até então despercebidas pelos sujeitos. O último estágio de tomada de consciência seria a consciência máxima possível, nas quais as soluções ganham forma em ações que extrapolam os momentos de diálogo e reflexão e continuam transformando/editando a práxis, em “ações editandas”. Estas fases são dinâmicas e cíclicas, podendo o sujeito evoluir no pensar, sempre alcançando níveis mais complexos de consciência sobre temas geradores. Construímos o esquema gráfico que revela esta evolução a partir da vivência dos Círculos de Cultura, descritos na Figura 2.

Figura 2 – Esquema gráfico do Círculo de Cultura e sua relação com a expansão da consciência



Fonte: Elaborado pelo autor (2012).

O Círculo de Cultura foi pensado por Freire como uma ideia que pudesse substituir a lógica hierárquica das salas de aula. Trazem denominações conceituais acerca do método, afirmando que é “círculo” porque reúne os participantes à volta de uma equipe de trabalho, que forma esta figura geométrica, tendo um animador de debates que participa de uma atividade comum, em que todos se olhavam e se viam, se ensinavam e aprendiam, ao mesmo tempo, por meio do diálogo. É “de cultura”, pois esses momentos têm o potencial de extrapolar o aprendizado individual, produzindo também modos próprios e renovados,

solidários e coletivos de pensar e agir, por meio de uma interação do homem com a realidade, recriando-a e buscando-se a dinamização de seu espaço no mundo. (HENRIQUES; TORRES, 2009; MARINHO, 2009; MONTEIRO; VIEIRA, 2010).

Segundo Freire (2011a) e Marinho (2009), o método é descrito como sendo composto por três momentos:

a) **Investigação:** animador e educandos buscam juntos as palavras e os temas mais significativos da vida destes, dentro de seu universo vocabular e da comunidade onde vivem. Esses temas são chamados de temas geradores sendo a partir deles que se desencadeia o processo de diálogo e reflexão crítica;

b) **Teorização/tematização:** momento da tomada de consciência do mundo, por meio da análise dos significados sociais das palavras e temas geradores. Construção de situações desafiadoras, codificadas e carregadas de elementos que serão decodificados pelo grupo com a mediação do educador.

c) **Problematização:** partindo das situações codificadas, buscamos a decodificação, pela reflexão crítica dos problemas apresentados e até do próprio produto da reflexão. Nesse momento, o animador desafia e inspira o educando a superar a visão mágica e acrítica do mundo, para uma postura conscientizada e conscientizadora.

Sendo pensados para processos educativos e não apenas para alfabetização, os conceitos de Paulo Freire extrapolam o Campo da Educação e se aproximam do Campo das Ciências da Saúde, principalmente da Saúde Coletiva. Soares e Bueno (2005) apontam para alguns dos conceitos trazidos por Freire e que foram introduzidos na rotina do Setor Saúde, a saber: autonomia, liberdade, humanização, conscientização, diálogo, cultura, reflexão crítica e problematização.

Nos trabalhos realizados por Beserra, Araújo e Barroso (2006), Melo e Dantas (2012) e Zanatta e Motta (2007), o Círculo de Cultura mostrou-se uma estratégia de educação em saúde importante para melhor compreender a diversidade de valores, práticas e crenças culturais as quais os sujeitos estavam envoltos. Isso foi determinante para o planejamento de ações de intervenção adequadas a cada realidade, tornando o processo educativo mais significativo para todos, desmistificando alguns conceitos, revelando novas práticas e identificando as potencialidades e dificuldades de adequar o que a teoria determina à realidade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Tipo de Pesquisa

A natureza deste trabalho encaminha-nos para uma pesquisa com abordagem qualitativa, uma vez que trilhamos pelo caminho das interpretações sociais. (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2012). É um tipo de pesquisa que se ocupa de questões muito particulares dos sujeitos: seus significados, motivos, aspirações, crenças valores, atitudes etc. Promovendo um mergulho nas interações situacionais nas quais os sentidos são produzidos e os significados são construídos, é possível a construção de um conhecimento sobre o humano-social e o humano-educacional. (GATTI; ANDRÉ, 2010; MINAYO, 2011).

Quanto ao tipo, é classificada como uma pesquisa-intervenção. Sobre o processo de formulação da pesquisa-intervenção, Rocha e Aguiar (2003) remetem a um aprofundamento da cisão com as abordagens conservadoras de pesquisa. Essa pesquisa ergue-se, então como um contraponto à visão estéril, asséptica, da lógica da produção do conhecimento positivista, em que o sentido é firmado na segregação entre aquele que pesquisa e o que é pesquisado. A pesquisa-intervenção amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas como proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, uma vez que propõe uma intervenção de natureza micropolítica na vivência social.

Sobre as pesquisas participativas, Aguiar e Rocha (2007) afirmam que o sujeito do conhecimento é um produto forjado em meio às práticas sócio-históricas. Dessa forma, o conhecimento enquanto produção e o sujeito que está inscrito nesse processo fazem-se em condições determinadas. Essa visão leva-nos a pensar na impossibilidade da manutenção de uma neutralidade por parte do pesquisador, pois ele também é ator nessa engrenagem que move a pesquisa. É o que afirma também Lévy-Strauss (1975 *apud* Minayo, 2011), quando se remete a esta relação entre observador e objeto, afirmando que sendo eles da mesma natureza é esperado que estivessem solidariamente envolvidos, uma vez que estes podem compartilhar aspectos como cultura, classe social, idade, entre outros, sendo assim o observador faz parte da própria realidade observada.

Sendo pesquisador e pesquisados agentes que estão implicados nesse processo de aquisição de conhecimentos e transformação proposto na pesquisa-intervenção, entendemos que esta tem potencial para minimizar os efeitos das razões apontadas por Alves-Mazzotti (2011), como as responsáveis por impactos insignificantes de pesquisas em ambiente escolar, sendo elas: pouca persuasão do estudo, em que os resultados não oferecem uma orientação

garantida para a prática; baixa relevância para o cotidiano da escola, uma vez que não reflete a real necessidade dos professores; acesso dos resultados não é facilitado aos professores; sistema escolar resistente às mudanças ou o seu contrário muito instável, sendo levado por modismos metodológicos, o que em ambos os casos dificulta no engajamento às mudanças propostas.

Acerca da experiência de trabalho com o método da Pesquisa-Intervenção, Castro e Besset (2008) relatam que ele proporciona um entrelaçamento entre o que se investiga e o próprio modo de investigar, em que mesmo sendo configurados como momentos distintos, tornam-se inseparáveis no ato de pesquisar.

Esse tipo de pesquisa alinha-se, ainda, com a proposta de Paulo Freire nos Círculos de Cultura, instrumento teórico utilizado no presente trabalho, uma vez que se fazem mediados pela aproximação entre sujeito e objeto, sendo que o “fazer/pesquisar” está envolto pelo compromisso ético e político com o sujeito pesquisado.

Sobre o ato de pesquisar, Freire (2011b) alega ser este indissociável do fazer, do educar. Tem a compreensão da pesquisa como necessária ao crescimento do pensamento crítico:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011b, p. 30).

4.2 Cenário da Intervenção

Minayo (2011) afirma que o objeto das ciências sociais possui consciência histórica, ou seja, não só o pesquisador é capaz de dar sentido ao seu trabalho, mesmo sendo este, fruto de seu esforço intelectual, compreendemos que a pesquisa aqui apresentada está contextualizada historicamente, tendo sofrido influência, em todas as suas fases, dos grupos humanos por ela abraçados. Nessa lógica, nós não poderíamos deixar de apresentar os aspectos históricos de construção desta pesquisa, que planejada em um primeiro momento para uma realidade, teve que ser redirecionada para outra. Contudo, sem perder sua essência fundamental, teve vários elementos da primeira realidade servindo como subsídio para compreensão e aprofundamento de sua execução no segundo momento.

O primeiro cenário para aonde direcionamos nosso olhar em busca da realização da intervenção foi o município de Barroquinha-CE, localizado no extremo litoral oeste do

Estado do Ceará-Brasil, na divisa Ceará-Piauí, distante 400 km da Capital Fortaleza. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2013a), Barroquinha-CE estava com uma população de 14.476 pessoas, em que a pirâmide etária apresenta uma população jovem e tendo um padrão que remete ao do Brasil na década de 80, com alta taxa de natalidade e baixa expectativa de vida. Conforme dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) (CEARÁ, 2012), o município tem uma renda que gira em torno das atividades agropecuárias, de pesca e da administração pública, sendo esta responsável pela maioria dos empregos formais.

Nesse cenário, o autor desta pesquisa desenvolveu suas atividades profissionais durante uma década. Atuando como enfermeiro junto à Atenção Básica do município, teve a oportunidade de assistir a população de praticamente todas as microáreas de saúde desse cenário. Nos dois últimos anos como enfermeiro da Estratégia Saúde da Família de Barroquinha, criou forte vínculo com aqueles que fazem a Escola de Ensino Médio Jaime Laurindo da Silva: estudantes, professores e corpo gestor. As intervenções de educação em saúde voltadas ao público adolescente daquela escola foram amadurecendo conforme eram aprofundadas as leituras e discussões propiciadas pelo Mestrado Profissional em Saúde da Família. O contato com o universo teórico-conceitual de Paulo Freire culminou com a elaboração do primeiro projeto de intervenção que agora se materializa nesta dissertação.

Não quis a história que o projeto de intervenção fosse executado em Barroquinha, várias “forças” impulsionaram o autor a retornar a Sobral, sua cidade natal. Local que teve que redescobrir após longo período de distanciamento e que, agora, após as correções de rumo devidas, é apresentada como cenário desta pesquisa.

Sobral é uma cidade que está em pleno semiárido cearense, distante cerca de 230 km da capital Fortaleza, sua localização pode ser observada na Figura 3. O município tem uma população estimada de 197.613 habitantes, sendo o segundo mais desenvolvido do estado do Ceará, atrás apenas de Fortaleza. Sobral é a quinta cidade mais povoada do estado, a segunda maior do interior e a maior da Zona Norte. (BRASIL, 2013a; ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL, 2013, 2014).

Sobral, carinhosamente conhecida como a Princesa do Norte, é também a “Sobral de Dom José”, em alusão a um de seus filhos mais ilustres e possivelmente o maior visionário do desenvolvimento dessa cidade: o bispo Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959). Em seus primórdios, Sobral crescia de forma desordenada, como um polo da zona norte do estado, para aonde acorriam comerciantes em busca de bons negócios. Dom José, seu primeiro bispo foi o responsável por importantes obras estruturantes, sociais e educacionais na cidade. Suas

contribuições para o povo sobralense vão além da dimensão espiritual, projetando-se com fortes influências intelectuais, econômicas e políticas. Ainda hoje, ele permanece vistoso no imaginário sobralense sempre que pensamos na Santa Casa, no Abrigo Coração de Jesus, no Colégio Santana, no Sobralense, no Patronato, no Jornal Correio da Semana, na Rádio Educadora, no Museu Diocesano, na Reitoria da UVA e em todos os outros espaços que foram também obra de sua mente privilegiada, que pensou a cidade e executou seus planos. (SOARES, 2012). Algumas imagens atuais de Sobral podem ser vistas na Figura 4.

Figura 3 – Localização do município de Sobral em relação ao Brasil e ao Ceará



Fonte: Wikipedia (2013).

Figura 4 – Imagens de Sobral-CE



Fonte: Google Imagens (2014).

4.3 O espaço de ensino e aprendizado

Dentro desse cenário, o local que optamos por realizar a pesquisa foi o Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, considerada como a mais tradicional escola pública sobralense, principalmente por seu legado histórico que se confunde com a própria história do município. Da revista comemorativa de seu Jubileu de Ouro (50 anos), colhemos informações que possibilitam contextualizar a escola historicamente.

O Colégio Estadual – como é comumente chamado pelos sobralenses – recebeu o nome de Dom José Tupinambá da Frota (primeiro bispo diocesano de Sobral e figura

importante para a educação local), por ter sido fundado em setembro de 1959, mês de seu nascimento e coincidentemente de sua morte, sendo esta a última homenagem concedida em vida ao ilustre bispo. A criação da escola foi fruto de uma rixa político-partidária entre o então prefeito municipal José Palhano de Sabóia (Pe. Palhano) e o Deputado Federal Francisco de Almeida Monte (Chico Monte). Sob a alegação de que a maioria dos professores do Ginásio Municipal Caiçara, que funcionava em um prédio pertencente ao Governo Estadual, eram opositores de seu partido político, Pe. Palhano demite todos os professores e fecha o Ginásio. O governador Parsifal Barroso, do grupo político de Chico Monte, abre então o Colégio Estadual, com uma novidade para Sobral, este era o primeiro colégio público na cidade a ofertar também o “segundo grau”, hoje ensino médio. Em 1967, a escola muda de prédio e se instala em sua nova sede, onde permanece até os dias atuais. (CEARÁ, 2009).

Estão gravados na história da escola nomes de pessoas ilustres que ali estudaram e que se tornaram referência em Sobral, no Ceará e no Brasil, nos mais diversos campos de conhecimento e atuação, jovens que foram orgulho para suas famílias e que engrandecem suas cidades ao se tornarem professores, comunicadores, profissionais da saúde, músicos, políticos, entre tantos que por ali passaram. Figuras como Ciro Gomes, a poetisa Dinorah Ramos e Ferreira Aragão (deputado estadual e apresentador de programa televisivo) serviram e ainda servem de inspiração para tantos educandos que buscam transformar suas vidas por meio da educação.

No ano de 2013, a escola atendia a turmas do nono ano do ensino fundamental e ensino médio, passando em 2014 a lecionar apenas para o ensino médio. Atualmente, consta de 25 turmas entre o primeiro e o terceiro ano do ensino médio, atendendo nos turnos matutino e vespertino a um total de mil educandos. Conta com um núcleo gestor e 37 professores.

Diversos momentos de socialização e aprendizado são vivenciados dentro dessa escola na busca de enriquecer o desenvolvimento dos estudantes, como a utilização de espaços esportivos e de projetos que merecem destaque, como o “Diretor de Turma”, em que um professor fica responsável por acompanhar mais de perto uma turma, servindo de conselheiro e observador. Esse professor, ao identificar um aluno com algum problema, pode dedicar-lhe especial atenção. Na área de Linguagens e Códigos dois projetos chamam atenção pelo seu potencial de estímulo à leitura, capacidade de síntese e pensamento crítico: o “Rodas de Conversa” e o “Ciranda Literária”, em que os alunos são convidados, após a leitura de um livro, a se expressarem sobre a leitura realizada, sempre sendo estimulados a uma visão mais crítica da obra, no primeiro projeto, isto se faz com a discussão do texto de forma oral e no

segundo por meio da escrita. Um projeto ambiental desenvolvido na escola rendeu a um aluno uma bolsa do CNPq, ao vencer concurso promovido pela UVA. O projeto chama-se “Fossa Ecológica”, que é a construção de uma fossa séptica utilizando pneus velhos, que ao atingir seu limite máximo de drenagem é então transformada em canteiro de plantas. Além desses projetos, a escola promove eventos para estimular o protagonismo dos adolescentes, como a Feira de Idealizações e o Festival de Talentos.

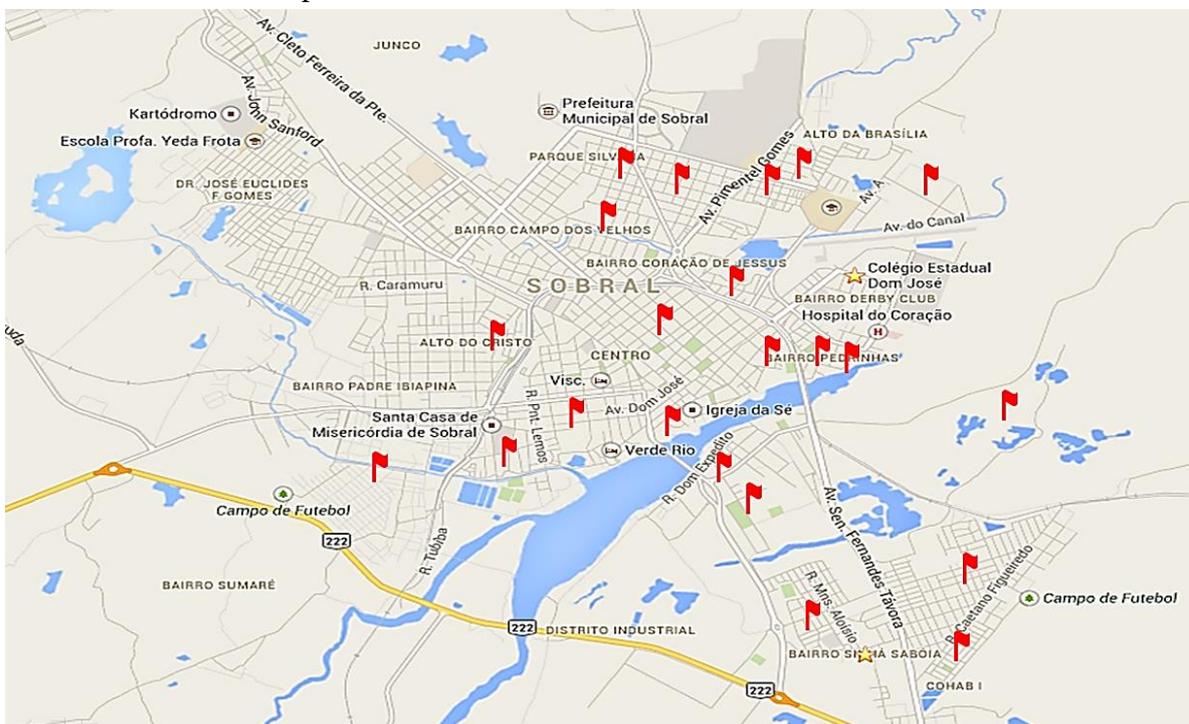
Figura 5 – Fotos Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Colégio Estadual Dom José continua a ser mantido pelo Governo do Estado, tem salas amplas e ventiladas, uma grande biblioteca, laboratórios, quadra poliesportiva, além de outros espaços que contribuem para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico significativo, como a Sala Master, que foi montada no início de 2014, como um local mais reservado de estudo dos educandos e para o exercício de atividades de discussão em grupo. O espaço mostrou-se propício para a inserção das atividades desta pesquisa e concomitantemente para as atividades do “PET Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas”. A eleição de tal escola deu-se por sua relevância histórica para a cidade de Sobral e devido à sua localização, por estar situada na mesma quadra do CCS-UVA, onde estão os cursos de Enfermagem e Educação Física. A abertura da escola para essas atividades tem sido uma situação facilitadora que torna capaz o estreitamento dos laços e a geração de vínculo entre educandos e educadores das duas instituições de ensino.

Figura 6 – Distribuição dos bairros de residência dos educandos do nono ano do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Google mapas (2013), com edição do autor.

Uma característica da escola que merece atenção é o fato de ela acolher alunos de diversos bairros de Sobral (Figura 6), uma vez que no bairro em que a escola está instalada é predominante a presença de grandes instituições públicas e comerciais, sendo que as poucas residências são de famílias com padrão socioeconômico mais elevado, que o comumente

encontrado entre seus estudantes. Isso foi outro ponto favorável à definição desta escola, pois se há representantes de diferentes bairros fica garantida a diversidade de realidades que é pertinente para o tipo de atividade que vamos desempenhar, apesar do fato de que esta característica mostrou-se um fator limitante para algumas atividades que seriam desempenhadas em contraturno.

4.4 Os sujeitos da intervenção

Pensando de forma mais ampla, foram sujeitos dessa intervenção: os adolescentes, estudantes do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota; seus professores; os monitores do PET Redes de Atenção (acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Educação Física da UVA); e o próprio pesquisador. Tendo sido expostos ao processo de ensino aprendizagem dialógico, nos Círculos de Cultura, é pouco provável que estes não tenham passado também por um processo de transformação, do qual Freire (2011b, p. 28) afirma que “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.”.

Objetivando nossas ações de pesquisa, os sujeitos informantes desta intervenção foram os adolescentes estudantes que, no segundo semestre de 2013, estavam cursando o nono ano do ensino fundamental no turno da manhã, passando em 2014 para o primeiro ano do ensino médio.

A decisão por essas turmas foi tomada em comunhão com a direção e coordenação pedagógica da escola que, primeiro atendendo ao critério da idade, por serem turmas mais homogêneas, com educandos principalmente entre 14 e 15 anos de idade – salvo alguns poucos que estão fora de idade, entre 16 e 17 anos – tinham também mais possibilidade de inclusão das atividades dentro do programa pedagógico da escola, assim como de uma manutenção das atividades de acompanhamento destas turmas nos anos subsequentes, deixando em aberto a possibilidade de, em outro momento, o retorno a estes sujeitos para realização de pesquisa com cunho avaliativo.

No segundo semestre de 2013, existiam no turno da manhã, quatro turmas de nono ano do ensino fundamental, duas turmas com trinta e cinco e outras duas com trinta e oito educandos, o que totalizava cento e quarenta e seis educandos. Dentre esses, dezenove adolescentes não tiveram liberação dos pais com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou não trouxeram a autorização enviada e seis optaram por não assinar

o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Assim, fizeram-se então sujeitos informantes cento e vinte e um adolescentes, que têm sua distribuição por faixa etária apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição por idade dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013.

IDADE	NÚMERO DE EDUCANDOS
14	58
15	59
16	02
17	02
TOTAL	121

Fonte: Secretaria do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota.

Os sujeitos tiveram seus nomes preservados neste trabalho, para identificá-los em suas falas usamos a profissão indicada por eles no primeiro encontro. Para os adolescentes que não indicaram uma profissão ou aqueles em que não foi possível a identificação nos registros realizados, nomearemos de “anônimo” ou “anônima”.

Como as atividades se estenderam até fevereiro de 2014, sendo intercaladas pelo período de férias escolares, retornamos com os educandos já no primeiro ano do ensino médio, porém com turmas muito mais densas, com uma média de 40 adolescentes por turma. A manutenção da maioria dos sujeitos em suas turmas garantiu que fosse mantida a homogeneidade para a conclusão da intervenção. Os novos educandos que aderiram às turmas foram convidados a participar das atividades, contudo não houve registro de sua participação nos resultados desta dissertação por não terem sido expostos às primeiras experiências.

4.5 O PET-Saúde Rede de Atenção Psicossocial: priorizando o enfrentamento do álcool, crack e outras drogas, no contexto da pesquisa

O PET-Saúde foi uma inovação que teve início em 2009 e buscou fortalecer no processo de ensino/aprendizagem dos cursos de graduação da área da saúde, a prática de atividades que associam ensino, pesquisa e extensão, integrando-as com demandas sociais de forma compartilhada com a rede de serviços de saúde.

Na prática, o PET é executado por meio de um modelo pedagógico multiprofissional, pelo qual os estudantes de diferentes cursos de graduação são acompanhados por professores de várias formações e por profissionais dos serviços, sendo inseridos na rotina de trabalho destes profissionais para vivências de assistência terapêutica e

educacional. Nesse espaço, todos estudam e interagem, buscando a melhoria da qualidade no cuidado integral à saúde dos sujeitos, famílias e comunidades.

O PET/Saúde Redes de Atenção à Saúde – Anos Letivos 2013/2015, foi aprovado mediante Edital Nº 14, de 8 de março de 2013, da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, que selecionou acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Educação Física da UVA. Os acadêmicos atuam como monitores dentro do PET Redes de Atenção e são acompanhados diretamente por preceptores nos mais diversos serviços de atenção à saúde de Sobral. Estes sujeitos estão divididos em quatro Redes de Assistência à Saúde: Rede Cegonha, Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência, Rede de Atenção às Urgências e Emergências e Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas. (BRASIL, 2013b).

Na formulação do projeto do PET Redes de Atenção à Saúde, alguns dos objetivos da Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas, foram alinhados aos objetivos desta pesquisa, buscando contemplar principalmente o componente de intervenção, dentro da referida rede de atenção. Sendo assim, o autor da pesquisa, que também atua na rede de atenção à saúde de Sobral, foi incorporado como preceptor desse programa.

O PET Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas, é constituído de três eixos de atuação: intervenção, pesquisa e ensino. Com base nesses três eixos são desenvolvidas ações para a formação de acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Educação Física, que estão voltadas para a qualificação da atenção e a identificação de necessidades dos serviços. É a partir dessas necessidades que são gerados novos conhecimentos e são desenvolvidas pesquisas, no território e na academia.

Assim, os objetivos do PET Redes de Atenção Psicossocial são:

a) Estimular entre os adolescentes de Sobral-CE o protagonismo juvenil e a vivência de atitudes saudáveis frente às drogas, com a implementação do processo de educação em saúde;

b) Analisar a sobrecarga vivenciada pelos familiares de usuários de drogas atendidos na Rede de atenção à Saúde Mental da Cidade de Sobral-CE;

c) Desenvolver ações/estratégias de cuidados com os familiares de usuários de drogas atendidos na Rede de Saúde Mental de Sobral;

d) Desenvolver ações/estratégias de cuidados com os usuários de drogas atendidos na Rede de Saúde Mental de Sobral;

e) Realizar vivência clínica, tendo como foco o ensino/aprendizagem baseado na clínica ampliada.

As ações desta pesquisa contemplam o primeiro objetivo da Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas, aqui apresentado. Além dos objetivos desta pesquisa, buscamos também junto ao PET Redes, que os acadêmicos de Enfermagem e Educação Física vivenciassem experiências de educação em saúde para que fossem ampliadas as suas possibilidades de atuação em todos os níveis da rede de atenção à saúde mental, dentro da problemática das drogas e os jovens. A participação dos monitores do PET Redes foi importante para ampliar a diversidade de olhares e vivências nos diálogos estabelecidos com os sujeitos desta dissertação.

4.6 Ciclo de Pesquisa e as Estratégias para Coleta e Análise das Informações

Por apresentar em sua essência uma abordagem de pesquisa qualitativa, nosso trabalho segue o ritmo apresentado por Minayo (2011) como “Ciclo de pesquisa”, que dividido em três imbricadas fases, vai seguindo uma linguagem baseada em conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas, sem abdicar da criatividade, vai cadenciando o desenvolver da pesquisa. As fases em que estão divididas o trabalho científico nas pesquisas qualitativas são: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. É importante destacar que apesar de serem etapas bem definidas, elas não se dão em momentos estanques, estão integradas, mantendo uma relação de continuidade e complementariedade.

A fase exploratória desta pesquisa teve início ainda na cidade de Barroquinha-CE, onde foram definidos o objeto de trabalho, o percurso metodológico e teórico e seus instrumentos de operacionalização. Contudo, com a mudança do município em que se daria a consolidação da pesquisa, tivemos que definir um novo campo de trabalho. Já em Sobral-CE, fizemos visitas a algumas escolas e levantamos outras possibilidades de campo de pesquisa, contudo, a que mais se adequou aos propósitos desta dissertação foi a realidade evidenciada no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota. Com um novo campo definido, precisávamos fazer uma imersão nessa realidade, compreender as relações que ali estavam postas e com isso planificar o percurso da intervenção.

Em contato prévio com a direção e a coordenação pedagógica da escola foi encaminhado resumo do projeto e esclarecidos os objetivos da proposta, bem como sua metodologia. Nossa proposta foi que os Círculos de Cultura acontecessem dentro do espaço

escolar, durante o período de uma aula, cerca de cinquenta minutos, duas vezes por semana, sempre alternando entre as turmas, de forma que fosse minimizada a interferência no calendário de conteúdos escolares já programados para estas turmas.

Para que fosse possível a realização da intervenção, a escola disponibilizou as aulas de Artes, Filosofia e Formação Cidadã, que previamente agendados eram utilizadas como momento para execução do Círculo de Cultura. Tivemos a colaboração dos professores dessas disciplinas que compreenderam serem as atividades desta pesquisa, afins ao conteúdo que era trabalhado em suas aulas.

O planejamento junto à escola alinhou o calendário escolar e cronograma da pesquisa para que este trabalho fosse possível de ser realizado e abriu a possibilidade de inclusão das ações do PET Redes de Atenção. Esta junção com o PET Redes de Atenção possibilitou a manutenção do caráter cíclico definido por Minayo (2011), como o movimento em espiral que tem início com uma pergunta, tem sua conclusão com uma resposta ou produto, que por sua vez dá origem a novas indagações. Essas indagações subsequentes abrirão novas possibilidades de pesquisa e intervenção.

Com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), pudemos iniciar a fase do trabalho de campo, definida aqui, não pela inserção no campo de pesquisa, que já foi feita na fase exploratória, mas pela aproximação com os adolescentes para definição dos temas geradores e início da execução dos Círculos de Cultura, estratégia utilizada para a coleta das informações.

Os sujeitos participaram ativamente do processo de seleção dos temas geradores que foram trabalhados, sendo esse processo melhor descrito no capítulo de resultados. Freire (2011c) orienta que o processo de planejamento dos conteúdos para a atividade educativa deve nascer de uma produção ou trabalho coletivo, em que não são especialistas os seus mentores, eles devem ser parte dos que planejam, mas nunca os únicos. Devem participar do planejamento tantos quantos estejam implicados com a atividade educativa. Defende, ainda, que os conteúdos devam ser entregues à curiosidade cognoscitiva dos educadores e educandos.

Uma ferramenta que foi utilizada para captar o que os informantes tinham a apresentar foi a observação participante. Tura (2011) comenta que a observação é a primeira forma da qual o homem se utiliza para uma aproximação com o mundo que o cerca. É pelo olhar que entramos em contato com uma realidade, para então nos comunicarmos e, assim, conhecer suas dimensões. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar

fatos ou ferramentas que se deseja estudar, sentindo de perto as motivações, interesses e crenças daqueles que são os quais se convive no desenvolver da pesquisa.

Sarmento (2011) chama a atenção para a presença do pesquisador observando a dinâmica escolar, que pode gerar nos sujeitos em todo o campo de pesquisa a ideia de uma avaliação das práticas ali desempenhadas, isso pode alterar drasticamente a rotina do campo. O mesmo autor alega, no entanto, que é uma realidade que pode ser superada pela execução de uma observação participante, em que o pesquisador se assume como sujeito ao aprendizado, assumindo um compromisso ético de equidade no campo da pesquisa.

A observação participante é caracterizada pela presença constante do pesquisador no campo em que ele se coloca como observador da realidade social, com observação direta das atividades no local de sua ocorrência, com a finalidade de realizar uma investigação científica. Pela sua natureza, pode vir a ser um instrumento de mudança social. O observador assume uma relação direta com seus interlocutores e, na medida do possível, participa de suas relações sociais, vai assim modificando o contexto de sua observação, pois interfere nele e igualmente vai sendo modificado por ele, por isso o pesquisador é mais ativo e capaz de planejar com o grupo, intervenções no contexto ali apresentado. (MINAYO, 2011; TURA, 2011).

Freire (2011d) também lançava mão da observação para coletar informações do campo de trabalho em que seriam realizados os Círculos de Cultura, ora testemunhando fatos da vida diária, ora dialogando de maneira informal com os habitantes do local observado. Estes fatos observados, tanto os mais aparentes quanto os menos importantes do convívio social das pessoas, que poderiam ser a maneira de conversar, seus comportamentos no culto religioso ou no trabalho, suas expressões e linguagem eram registrados em um caderno de notas para posterior análise e estruturação das atividades.

Para o registro das observações efetuadas, utilizamos o diário de campo formulado por Sipriano (2012) (ANEXO A). Tura (2011) afirma que o diário de campo é o principal auxiliar do pesquisador na observação, no qual podem ser registrados, da maneira mais completa possível, os mais diversos momentos, incluindo nossas incertezas, indagações e perplexidades. Tal instrumento permitiu que o pesquisador fizesse a releitura e revisão de todos os momentos, tendo sido útil nas situações que era preciso confrontar informações díspares, analisar diferentes posições ou lembrar uma sequência de fatos. Foram ainda utilizados registros fotográficos, filmagens e gravações de áudio.

A fase de análise e tratamento do material empírico e documental deu-se, muitas vezes, durante o próprio processo de coletar as informações, uma vez que não há a regra de

que aconteça um *continuum* entre as fases, essas podem se sobrepor durante a evolução da pesquisa. A necessidade de já levantar informações importantes para a estruturação dos Círculos de Cultura, como a eleição de temas geradores, levou-nos a recorrer à análise das informações coletadas desde o início do trabalho de campo.

Para identificação dos temas geradores, as informações colhidas foram separadas de acordo com o conteúdo das falas e dos desenhos utilizados, em que a frequência com que as informações iam aparecendo nos possibilitou definir categorias. Essas categorias que foram submetidas à avaliação dos grupos (adolescentes, monitores do PET Redes e pesquisador), foram, em outro momento, agrupadas por núcleo de sentido para então serem propostos os temas geradores.

Na etapa de análise das informações colhidas nos Círculos de Cultura, valorizamos elementos mais reflexivos dos diálogos e do material coletado, assim como suas atitudes, posturas e relações sociais evidenciadas.

4.7 Roteiro da Intervenção

A própria conformação metodológica do Círculo de Cultura aponta em direção a alguns passos a serem seguidos, contudo, sendo fiel aos princípios pregados por Freire (2011c, 2011d) que afirma ser a adoção de esquemas rígidos um fator limitante do processo educativo, tomamos a iniciativa, nesta pesquisa, de adequar as fases do Círculo de Cultura, para um roteiro que desse conta da elaboração de conhecimentos com e para os sujeitos deste estudo.

Apresentamos aqui o percurso que utilizamos para implementação dos Círculos de Cultura, que foram embasados nas cinco fases propostas por Freire (2011a). Na sequência, apresentamos os temas geradores que foram utilizados para desencadear o processo de discussão dentro dos Círculos de Cultura.

4.7.1 Fases do Círculo de Cultura

- Levantamento do universo vocabular dos adolescentes

Freire orienta que nesta fase seja realizada uma série de visitas aos locais em que vivem/convivem os sujeitos da investigação, para uma imersão em seu mundo na busca de

uma compreensão integral dos aspectos que podem estar se apresentando com geradores de situações de vulnerabilidade ou ainda promotores de resiliência.

Apesar de os temas geradores terem sido definidos por meio de uma atividade com os sujeitos, a busca do universo vocabular não se constitui nesta pesquisa um momento fechado em si e temporalmente determinado, mas um processo que perpassou toda a observação realizada em visitas a escola e também durante os contatos com os sujeitos informantes, prolongando-se com a constante revisão dos produtos dos diálogos dentro dos Círculos de Cultura.

Podemos citar como momentos desta fase as conversas com os professores e com os adolescentes, as observações das relações e comportamento dos educandos durante o intervalo entre as aulas (recreio) e reuniões entre coordenação da escola e integrantes do PET Rede de Atenção Psicossocial: Priorizando o Enfrentamento do Álcool, Crack e Outras Drogas.

- Escolha das palavras, expressões ou temas selecionados do universo vocabular pesquisado

No método de Freire, as palavras são escolhidas, principalmente por seu potencial fonêmico, uma vez que são destinadas à alfabetização. Nesta pesquisa, no entanto, foi resguardada a força semântica e pragmática das palavras, sua importância para o grupo e relevância no tema discutido e ainda que representasse um maior ou menor teor de conscientização e seu potencial para ampliar a visão sobre os temas estudados.

As palavras foram obtidas a partir da apreciação dos produtos do primeiro encontro com os adolescentes, foi levado em conta tanto a frequência com que algumas palavras apareciam nestes produtos, como o teor semântico que elas carregavam, se representavam algum aspecto da realidade dos sujeitos ou se chamou mais a atenção destes para o conteúdo associado a esta palavra. Focalizamos as informações trazidas pelos sujeitos e montamos as categorias, foi a partir delas que os temas geradores puderam ser definidos.

- Criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar

A identificação das palavras, temas e expressões geradoras foi importante, pois a partir delas foram elaboradas situações-problema codificadas, guardando em si elementos que foram descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador. Essas situações não

eram explícitas nem implícitas demais, assim favoreceram o processo de reflexão crítica para seu desvelamento, sempre estando passível de compreensão pelos sujeitos. (FREIRE, 2011a).

Buscamos a inclusão de questões políticas e culturais da vida e do cenário de atuação dos adolescentes, nas situações montadas propositalmente para o diálogo, que dessa forma tiveram o potencial de maximizar o processo de reflexão crítica de seu mundo e os aspectos ligados ao uso e abuso das drogas.

Trazemos aqui um exemplo simplificado de uma situação com o uso da Figura 7, que contém elementos codificados passíveis de decodificação pelos sujeitos, para explicarmos como se dá o processo de decodificação.

Figura 7 – Menino atirando de baladeira (estilingue)



Fonte: Google imagens (2012).

Os sujeitos são convidados a falar livremente sobre a situação apresentada. O coordenador de debates vai direcionando o diálogo, instigando os estudantes a refletirem em aspectos ligados à situação: Em que o menino está atirando? Ele percebe todas as consequências de seu ato? Quais podem ser as consequências? Pode este ato desempenhado afetar a natureza ou outros sujeitos? O que levou o menino a este ato? Que outras situações podem ser comparadas a este ato? A discussão pode seguir no sentido de fazer os sujeitos se verem em situações em que podem estar reproduzindo em suas vidas o sentido do problema apresentado e como estas situações podem ser superadas. Assim, os adolescentes são desafiados a uma reflexão crítica de situações em que as questões culturais vivenciadas por eles têm o potencial de maximizar o processo de crítica de seu mundo.

- Elaboração de material educativo/estratégias que auxiliem no encaminhamento do diálogo no Círculo de Cultura

De posse das situações existenciais que iam ser discutidas, os organizadores dos Círculos de Cultura, no caso deste trabalho, o pesquisador e os acadêmicos monitores do PET Redes, elaboravam um material que desse conta de facilitar o diálogo dentro das atividades. Esse material era composto de: imagens, como no exemplo anterior; texto, podendo ser matérias de jornais, revistas, casos fictícios; músicas; filmes; *slides*; dinâmicas de grupo; ou tantos outros meios que sejam capazes de dar conta de um aprendizado significativo e dialógico, quanto à criatividade dos organizadores alcançassem.

- Preparação de um roteiro com a decomposição dos temas a serem trabalhados

Era necessária a elaboração de um roteiro que desse conta de um aprofundamento teórico do tema proposto. Este roteiro, que é o planejamento dos passos a serem seguidos no Círculo de Cultura, indica a estratégia definida pelos organizadores para aprofundamento teórico dos temas. Sua importância está na necessidade de se manter uma lógica durante as atividades, para que fossem atingidos os objetivos da proposta inicial e para que não ficassem, as atividades, propensas a seguir o rumo de qualquer “vento”. Esse roteiro deveria, também, ter a flexibilidade para não imobilizar os participantes ou induzir nestes, apenas as respostas esperadas pelos educadores.

Quanto a esse roteiro, é importante que esteja adequado à realidade de cada tipo de grupo para que não se corra o risco de levar os participantes a situações vexatórias, inapropriadas às suas condições físicas ou cognitivas, ou ainda que não seja atrativo o suficiente para o público a ser trabalhado. Deve, também, ser planejado para que seja elevado o nível de reflexão crítica dos temas trabalhados.

4.7.2 Apresentaçãodas palavras, temas geradores e encontros com os sujeitos

De acordo com Freire (2011d), com um mínimo de conhecimento da realidade que se pretende trabalhar, os educadores podem indicar alguns temas que terão a função do que ele chama de codificações de investigação, para o desdobramento do programa como um todo. No entanto, sempre é importante que estes sujeitos participem da elaboração ou eleição dos temas geradores, devendo esses temas representar a realidade dos sujeitos do Círculo de Cultura.

Foi apresentada, no capítulo de descrição dos resultados, a exposição mais minuciosa da atividade que culminou com a elaboração dos temas geradores aqui expostos. Segue aqui a lista com as atividades (QUADRO 2) que foram realizadas com os sujeitos (círculos de cultura e reuniões de planejamento), as palavras geradoras que conduziram a organização da atividade, os temas geradores que nortearam os Círculos de Cultura e os objetivos esperados.

Quadro 2 – Plano de atividades para os Círculos de Cultura no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – Ceará, 2014

PALAVRAS GERADORAS	TEMAS GERADORES	OBJETIVOS
Projetos; sonhos; desafio; liberdade; trabalho; felicidade; realização; profissão; faculdade; estudo; futuro; maturidade; fé; esperança; vida; família.	Círculo de Cultura: <i>Vislumbrando um inédito viável.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular os adolescentes a expressar qual o seu projeto de vida; - Fazer uma imersão no mundo dos adolescentes.
	Oficina: <i>Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Categorizar os desenhos frutos da atividade anterior; - Identificar palavras e temas geradores para as demais atividades.
Viagem; independência; liberdade; prisão; policial; delegado; juiz; país; família; escola; drogas; escolhas; dinheiro; leis; direitos; ordem.	Círculo de Cultura: <i>Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir aspectos ligados à independência, liberdade, limites, leis e responsabilidades. - Desvelar as consequências do consumo de drogas para nossa liberdade; - Refletir sobre tráfico e dependência química.
Violência; cuidado; lazer; diversão; medicina; enfermagem; psicologia; doença; saúde; amizade; festa; briga; armas; proteção; família; drogas; paz; vida.	Círculo de Cultura: <i>Em um mundo violento, quem cuida de mim?</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Lançar um olhar reflexivo e crítico sobre a influência da violência e do cuidado para uma vida melhor; - Discutir os seis princípios da cultura de paz. - Compreender a relação entre o mundo das drogas e a violência;
Corpo; cuidado; esporte; limites; arte; dança; oração; cultura; juventude; música; doença; cigarro; álcool; drogas; alimentos;	Círculo de Cultura: <i>Como habitar meu corpo? (2 encontros)</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre a constituição do nosso corpo: físico, mental, espiritual; - Valorizar nosso corpo como meio de expressão e

felicidade; atividade física; futebol; amar; beleza; moda.		comunicação com o mundo. - Identificar o que é e o que não é saudável para nosso corpo; - Vivenciar um momento de cuidado com o corpo: alongamento e meditação.
Construção; engenharia; arquitetura; cidade; bairro; cidadania; desenho; natureza; animais; casa própria; respeito; harmonia; população; segurança; desordem; poluição.	Círculo de Cultura: <i>Cidades para as pessoas e pessoas para as cidades.</i> (2 encontros)	- Refletir sobre cidades ideais para o bem-estar de seus habitantes; - Refletir sobre os comportamentos humanos para viabilizar o bem-estar nas cidades; - Idealizar uma cidade apropriada para a vida adolescente.
	Reuniões: <i>Luz, câmera, ação...</i> Planejamento para gravação do vídeo: elaboração do script; agenda; locais; personagens.	Elaborar uma história para desenvolvimento de vídeo mostrando os aspectos do consumo de drogas entre adolescentes; Organização do roteiro, agenda para gravação, locais e personagens.
	Gravações dos vídeos	Gravar o vídeo conforme planejamento executado pelos adolescentes.

Fonte: Elaborado pelo autor (2014).

4.8 Aspectos Éticos e Autorais da Pesquisa

Por se tratar de um estudo que envolve seres humanos, esta pesquisa está pautada na Resolução N° 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sendo aprovada sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) N° 17320613.4.0000.5053.

Por ser realizada com adolescentes e no entendimento que estes são sujeitos vulneráveis, tendo então sua capacidade de autodeterminação reduzida perante um CEP, foi redigido Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) a ser assinado por seus responsáveis legais. Aos adolescentes, sujeitos do estudo, foi direcionado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE B). Com esses instrumentos, buscamos garantir a dignidade e a autonomia dos sujeitos, a livre escolha em

participar ou desistir dessa participação em qualquer estágio que ela se encontre sem que isso traga prejuízos ou ônus aos participantes. (BRASIL, 2012).

Tais termos foram lidos em sala para que fossem esclarecidas as dúvidas dos sujeitos e foi disponibilizado canal de comunicação (celular e *e-mail*) para que os pais pudessem tirar suas dúvidas e ainda assegurada a possibilidade de visita ao lar para esclarecer os termos. Não foram necessárias comunicações ou visitas para esclarecimento dos termos.

Por ser uma intervenção educacional que aconteceu dentro de uma instituição com regimento interno e normas bem estabelecidas, não foi garantida aos sujeitos a opção de não estarem presentes nas atividades executadas, uma vez que foram realizadas no período da aula regular destes. A escola entendeu que era importante a participação de todos uma vez que as atividades estavam sendo contabilizadas como horas de efetivo estudo, além do que no momento da atividade, caso não estivesse em sala, estes adolescentes ficariam transitando pelos corredores da escola e poderiam causar algum transtorno aos demais educandos em sala. Respeitamos a posição da escola e os adolescentes foram mantidos em sala.

Aos que não assinaram o TALE ou que não apresentaram o TCLE, bem como para os adolescentes novatos na turma no ano de 2014, foi garantida participação nas atividades, sendo a única diferença com os demais educandos, o fato de não terem suas falas ou produtos registrados para esta pesquisa.

Como esta pesquisa gerou um produto audiovisual, foi solicitada dos sujeitos e de seus responsáveis legais a liberação para o uso de suas imagens, por meio de autorização de uso de imagem, som de voz e nome (APÊNDICES C e D). Enfatizamos que, sempre que possível, buscamos preservar a identidade dos adolescentes nas imagens divulgadas, principalmente aquelas expostas no trabalho escrito, restringindo a publicidade de suas imagens ao vídeo desenvolvido.

Em todas as ações foram ponderados riscos e benefícios visando garantir os princípios da beneficência e não maleficência. Para minimizar os riscos, as informações colhidas serão guardadas em sigilo, caso seja necessário expor alguma fala dos participantes, esta se dará com a preservação da identidade deste. Serão abolidas do processo todas e quaisquer informações ou atos que venham a ferir a dignidade ou expor indevidamente os sujeitos da pesquisa, sempre que a garantia do anonimato não for suficiente para tal. Assim, buscamos com a pesquisa gerar benefícios diretos para os que dela participaram, assim como benefícios indiretos àqueles a que se estendam seus resultados (pesquisadores, educadores e educandos).

Respaldados na Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998) e sendo esta dissertação e o vídeo por nós produzidos, fruto de trabalho intelectual e científico de um curso de pós-graduação público, é totalmente livre a sua divulgação na íntegra ou em partes, para meios acadêmicos e pedagógicos, cabendo apenas para tal divulgação a indicação do autor da obra, sendo totalmente vetada sua publicação e reprodução com fins comerciais.

5 REVISÃO DE LITERATURA

5.1 Historicidade e aspectos culturais do consumo de drogas no mundo contemporâneo

Ao contemplar a história, tecendo uma linha cronológica no percurso do consumo de drogas na humanidade, MacRae (2001) afirma que, desde a pré-história, os membros de grupos humanos diversos têm sabido utilizar plantas e substâncias de origem animal para deliberadamente alterar sua consciência. Descreve que tábuas sumérias do terceiro milênio a.C., cilindros babilônicos, imagens da cultura cretense-micênica e hieróglifos egípcios faziam menção ao uso do ópio e que, na *Odisséia*, Homero o menciona como algo capaz de fazê-lo esquecer qualquer sofrimento.

Carneiro (2009) descreve o exemplo de algumas tribos americanas, que extraíam substâncias alucinógenas de cogumelos, cactos, cipós e folhas para uso xamânicos ou iniciatórios. Dentro desse resgate histórico, o vinho ganha destaque, sendo considerado, com a água, o leite e o mel, uma das bebidas mais importantes das civilizações mediterrâneas.

Os gregos consideravam seu consumo uma realização cultural humana e um instrumento de educação dos cidadãos, cujo uso permitia conhecer melhor a si mesmo. O judaísmo tinha no vinho um alimento e um medicamento, além de utilizá-lo como instrumento de devoção. O álcool ainda hoje é utilizado em cerimônias protestantes, no candomblé e em outras práticas espirituais. Destacam-se aqui os católicos, que indo além, creem na encarnação da própria divindade no vinho. (BRASIL, 2010d).

Mesmo sendo apreciadas e até veneradas, as bebidas alcoólicas encontraram restrições ao consumo dentro de algumas culturas, assim como as outras drogas. Entre os romanos, o consumo de vinho era proibido às mulheres e aos menores de 30 anos e no mundo islâmico os que consumiam bebidas alcoólicas eram vistos como mau exemplo e não dignos de confiança. Para os primeiros cristãos, as drogas passaram a ser estigmatizadas por sua associação a cultos mágicos e religiosos. (MACRAE, 2001).

A história das drogas revela que o proibicionismo tem sua gênese muito mais na intolerância do que no bom senso, devido à associação do consumo de substâncias, ditas venenosas, a minorias étnicas. Isto era uma prática comum a países da América (em especial, aos Estados Unidos) e da Europa. Para estes, os ameaçadores grupos de pobres, negros e imigrantes utilizavam-se das mais diversas substâncias psicoativas de maneira desmedida, o que potencializava o seu estado de degeneração moral e física. Tais grupos tinham, por necessidade de ordem pública, que ficar separados. Em suas campanhas proibicionistas, a

mídia norte-americana fazia associação direta do consumo de cocaína aos negros, de maconha aos hispânicos e de álcool aos irlandeses. Quando a droga começa então a se apresentar para a classe médica como um grave problema de saúde pública e para os que lidam com a segurança pública, a responsável pela proliferação de criminosos, foram criados para a sociedade, ao mesmo tempo, um pecado, uma doença e um crime, e com isso a personificação de figuras da disseminação do “Mal”. (RODRIGUES, 2008).

Tais restrições é que foram, ao logo do tempo, configurando aspectos de legalidade ou ilegalidade ao consumo das drogas. MacRae (2001) e Rodrigues (2008) afirmam que esse caráter legal do uso destas substâncias teve relação direta ou indireta com jogos de interesses políticos, religiosos, sociais e até econômicos. Atualmente, há uma intervenção do estado na comercialização de drogas, sendo possível observar a venda de algumas, as chamadas drogas lícitas. Enquanto que a outras é veemente a proibição de sua comercialização, sendo, por isso, descritas como drogas ilícitas.

Acerca dos princípios que regem a proibição de drogas no caso mais específico da América Latina, Gil e Ferreira (2008) alertam que não foram levadas em consideração algumas especificidades culturais latino-americanas de tribos indígenas e de povos afrodescendentes, sobre o uso ritualístico e tradicional de substâncias como a *ayahuasca* e a folha de coca. Os autores partem em defesa de uma maior visibilidade do Estado a estas dimensões do consumo de drogas psicoativas, garantindo o direito de livre expressão cultural e ritual, não devendo dar tratamento indiferenciado ao consumo, haja vista a grande diversidade cultural disseminada principalmente em território brasileiro.

Se ainda existem aspectos culturais e rituais relacionados ao consumo de drogas, é importante também frisar que, de forma geral, as características do padrão consumo têm se alterado nas últimas décadas, tornando-se cada vez mais homogêneo e tem colocado em risco a vida e integridade física, mental e social de milhares de pessoas, fato que é consequência das transformações sociais e culturais por quais a sociedade passa. (BRASIL, 2010d).

Helman (2009) indica que além de especificidades referentes à droga e ao próprio indivíduo, o contexto social, cultural, político e econômico sob o qual este indivíduo se encontra podem alterar o seu padrão de consumo. Como exemplos destes fatores podem ser citados: valores morais e culturais associados à droga; situação socioeconômica, como desemprego e níveis de pobreza; forças econômicas envolvidas na produção, publicidade e venda das drogas; e os grupos sociais de influência em que o consumo ocorre, podendo ser a família, amigos, membros de cultos rituais etc.

O certo é que na sociedade contemporânea, dentro do modo de produção capitalista, as drogas psicoativas perdem seu caráter de exóticas e fascinantes, para serem tratadas como mercadorias, obedecendo também a uma lógica de mercado. Isso dá ao problema do consumo uma complexidade que requer abordagem sistêmica e multidisciplinar, uma vez que o consumo ultrapassa os limites legais, jurídicos, sociais e da saúde. (BRASIL, 2010d).

Silva (2011) alerta que o consumo de drogas tomou proporções pandêmicas, como um dos mais preocupantes problemas de saúde pública no mundo, sendo necessária também, uma abordagem conjunta para as drogas lícitas e ilícitas. Exemplo disso são os usuários que se tornam dependentes do álcool (droga lícita), que tendem a buscar efeitos mais intensos nas drogas ilícitas e quem usa as drogas ilícitas não abandona as lícitas, pelo contrário, expande o consumo.

Dados do *World Drug Report 2012*, produzido pelo *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNITED NATIONS, 2012), estimam que no ano de 2010, aproximadamente 230 milhões de pessoas, o que representa 5% da população adulta mundial, chegaram a utilizar droga ilícita pelo menos uma vez na vida e que o número de usuários problemáticos subiu para 27 milhões, 0,6% da população adulta mundial. Segundo o referido relatório, cerca de 200 mil pessoas morrem a cada ano em decorrência do uso de cocaína, heroína e outras drogas, destruindo famílias e trazendo sofrimento para milhares de pessoas. Aponta, ainda, que as drogas ilícitas vêm prejudicando o desenvolvimento econômico e social e contribuindo para a criminalidade, instabilidade, insegurança e a propagação do HIV em vários países.

Essa dimensão que o consumo de drogas alcançou na sociedade moderna tem relação direta com a inversão de valores, com o poder do mercado e com as relações de desigualdade impostas pelo capitalismo. Cresce a valorização do “ter”, em detrimento do “ser”. Como uma mercadoria, as drogas passaram a ser desejadas e algumas dão status para quem as possui ou consome. Uma rede de distribuição organizada foi montada sob um forte esquema de *marketing*, seja a droga legal ou ilegal. O leque de substâncias psicoativas aumenta a cada ano, favorecendo a evolução do consumo para substâncias cada vez mais “pesadas” e se servindo a uma gama de finalidades que vão desde o uso lúdico, com fins prazerosos até a experiência de um estado de êxtase, passando por um uso místico, terapêutico, até seu uso científico. O ritualismo, que impunha limites ao consumo, perde espaço para o poder de compra e a fragilidade nas relações sociais aprofundam a competitividade e o individualismo. As famílias, as culturas e as religiões devem, na

contramão dessa tendência, voltar a assumir forte influência na vida dos sujeitos, para quebrar esta cadeia perniciosa, principalmente no que diz respeito à educação de crianças e adolescentes. (BRASIL, 2010d).

Além de saber como o consumo evoluiu no decorrer da história da humanidade, é necessário seguir nesta revisão de forma a conhecer um pouco mais sobre o ser adolescente, alvo das redes de distribuição de drogas e tão associado, no imaginário popular, ao status que o consumo das drogas alcançou. Para tal, tomamos aqui de empréstimo alguns questionamentos pertinentes para o momento: “Quando estamos frente a frente com um adolescente, o que estamos vendo? O que queremos ver? [...] Nossa visão está clara ou estamos vendo apenas imagens, sombras e vultos?”. (BRASIL, 2009a, p.23).

5.2 Potencialidades e ameaças na adolescência

Dentro da cultura ocidental contemporânea, concordamos que os primeiros indícios da maturação sexual, que iniciam na puberdade, marcam concretamente, o início da adolescência. Esse período envolve um processo amplo de desenvolvimento biopsicossocial. Como parte da adolescência, a puberdade é caracterizada, sobretudo, pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal e evolução da maturação sexual. Essa fase ocorre de maneira similar em todos os sujeitos que gozam de equilíbrio físico, sendo assim um parâmetro universal. A adolescência, no entanto, é um fenômeno particular, caracterizado por influências socioculturais que vão se concretizando por meio de reformulações constantes de caráter social, sexual e de gênero, ideológico e vocacional. (BRASIL, 2007a).

A tendência em olhar para a adolescência apenas como uma fase de transição acaba por proporcionar a desvalorização das necessidades desta população, o desrespeito com relação a seus direitos e uma exigência, até inadequada, com relação ao cumprimento de seus deveres como cidadão. É preciso que a sociedade valorize o potencial de contribuição dos adolescentes e os apoie, permitindo que seus pensamentos, desejos, ideias e críticas sejam ouvidos. Essa postura pressupõe a abertura de um espaço para os adolescentes exercerem sua liberdade e participarem mais ativamente de seu processo de amadurecimento. (RUZANY, 2008).

Meireles e Ruzany (2008) percebem os adolescentes como um grupo chave para qualquer processo de transformação social. Dotados de potencial crítico, criativo, inovador e participativo, quando adequadamente canalizado, estes podem ser a mola propulsora de

mudanças positivas no contexto social. Segundo Assis *et al.* (2003), isso se dá pelas condutas desafiadoras assumidas pelos adolescentes, pela inconformidade com a ordem vigente e pelas manifestações culturais que a juventude propicia, distinguindo-se assim das outras gerações não pela faixa etária, mas pelo conteúdo que simboliza, determinando de forma mais veemente, o ritmo da história.

Os jovens contemporâneos mostram-se como um grupo singular, se comparados com as gerações que os antecedem. Conseguem traçar um diálogo com modelos mais conservadores de conduta e percepção, e igualmente com as novas tecnologias que se apresentam. Vale ressaltar, no entanto, que estes modelos tradicionais inúmeras vezes recusam as práticas e os saberes cotidianos dos adolescentes, criando tensões e distanciamento. No entanto, quando envolvidos em ambiente favorável, os adolescentes enriquecem suas relações ao introjetar nelas marcas adquiridas na relação com a moderna cultura das mídias e dos recursos resultantes de suas relações com as novas tecnologias. (BRASIL, 2009a).

Sobre as representações que os adolescentes fazem de si mesmos, Assis *et al.* (2003) afirmam que estes possuem uma visão muito positiva de si próprios, contrariando a visão que a maioria dos adultos e a sociedade em geral têm deles. As principais características descritas pelos adolescentes deste estudo, como inerentes à fase que estão vivenciando, foram: alegria, bom humor, extroversão, igualdade entre as pessoas, amizade com franqueza e sinceridade, solidariedade e satisfação corporal. É perceptível que, mesmo diante dessa fase de desenvolvimento marcada por mudanças emocionais e físicas, conflitos e transformações, foram enfatizados atributos positivos em detrimento de qualidades negativas. Características que refletem impulsividade e agressividade foram pouco mencionadas nas abordagens metodológicas utilizadas. Os autores orientam que ao reconhecer os aspectos positivos dos adolescentes, os adultos podem reduzir a distância deste público, criando a possibilidade de uma convivência mais sadia, potencializando estratégias de promoção da saúde e prevenção de situações de risco, propiciando assim uma base segura para a estruturação da identidade destes sujeitos.

Meireles e Ruzany (2008) traçam uma relação entre promoção da saúde, participação social e protagonismo juvenil, que se dá dentro de um processo de educação e saúde para a cidadania. Afirmam, ainda, que esta prática deve ser pautada em um modelo de relação pedagógica solidária e respeitosa entre os adultos e os mais jovens. A partir desse convívio democrático, o jovem vai aprendendo a pensar e agir, adquirindo assim, diante da

complexa realidade político-social de nosso tempo, melhores condições para decidir de forma autônoma, madura e responsável sobre os aspectos de sua vida.

Buscar a participação dos jovens nesse processo pedagógico de autocuidado deve ser um desafio permanente para os profissionais de saúde e da educação. Devemos levar em consideração que a juventude atual mantém outra relação com o mundo, com as diversidades de grupos sociais, com a mídia, os modos de produção, enfim com a própria vida. Assim, mobilizar e aglutinar jovens pressupõe a adoção de metodologias participativas e de estratégias inovadoras. Portanto, a participação é a condição indispensável para fazer acontecer o protagonismo juvenil. (MEIRELLES; RUZANY, 2008).

A ideia de que a adolescência e juventude estão, de maneira geral, associadas à noção de crise, desordem e irresponsabilidade, em nada contribui com o desenvolvimento integral destes sujeitos, antes, levanta-se como um problema social a ser resolvido, que merece atenção pública. Essa ideia está fortemente associada a repertórios com enfoque nos riscos, através de expressões como: gravidez de risco, risco de contrair o HIV, risco de uso de drogas ilícitas, risco de morte frente à violência. É necessário ampliar o olhar sobre esse público, de forma que se dê conta de suas fragilidades, mas, sobretudo, percebendo seus potenciais. A generalização do risco associado, que define e circunscreve negativamente esse período da vida, gera expressões, ações e posturas imobilizadoras e inadequadas ao seu cuidado, uma vez que não leva em conta que estas pessoas podem protagonizar atitudes surpreendentemente saudáveis. (BRASIL, 2007a).

Adolescentes e jovens que exercem esta postura protagonista são dotados de uma autoestima elevada e acreditam em sua competência e seu valor, são autoeficientes e conseguem se adaptar mais facilmente a uma situação, tornando-se pessoas mais independentes, autônomas, com uma percepção mais acurada da realidade. Há, no entanto, aqueles que, por diversas razões manifestam baixa autoestima, sendo assim, mais sensíveis a críticas dirigidas a eles. Esses sofrem com sentimentos de inferioridade, menos valia, isolamento e insegurança. Têm um grande senso de proteção consigo e a vulnerabilidade como característica marcante (ASSIS *et al.*, 2003).

Para Ximenes Neto *et al.* (2007), a redução de vulnerabilidades entre adolescentes, passa por uma melhor estruturação de aparelhos sociais, tornando-os eficientes e efetivos, e por políticas públicas que sejam destinadas às necessidades dos adolescentes e de suas famílias e não as do sistema político e econômico daqueles que os formulam. Uma vez que isso aconteça, vislumbraremos adolescentes, não só, mais saudáveis, mas também comprometidos com sua saúde, vivendo sua cidadania plena. O resultado disso são sujeitos

firmes em sua personalidade, com excelente desenvolvimento sexual e capacidade reprodutiva, com a concretização dos projetos de vida, desenvolvimento espiritual e autoestima e, ainda, com a capacidade de pensamento abstrato e independência.

5.3 O risco do consumo de drogas entre os adolescentes

A adolescência é um período propício para deixar as pessoas que a vivenciam diante de situações de fragilidade, sendo esta uma realidade que não pode ser refutada. A adolescência acaba expondo os sujeitos a atribulações, das quais ele nem sempre dispõe de elementos significantes para enfrentá-las, constituindo-se verdadeiros impasses para estes, mas os caminhos percorridos diante dessas situações, assim como o constante exercício fazer escolhas, são altamente favoráveis à elaboração de conteúdos que culminam com sua maturação mental e social. Não é a regra, mas alguns dentro deste processo podem cair em descaminhos como: transtornos socioafetivos, delinquência, uso de drogas, psicoses e em situações extremas, suicídio. Em todos estes transtornos as drogas podem atuar potencializando os efeitos negativos. (ABRAMOVITCH; MOREIRA, 2008).

De acordo com Garcia, Pillon e Santos (2011), geralmente, é na adolescência que a maioria dos consumidores têm seu primeiro contato com as drogas. Consideram, assim, esse grupo etário, como prioritário para investigações científicas e estratégias de intervenção voltadas a distanciá-los das drogas. Os autores citados ainda apontam como causas para o ingresso no consumo das drogas tanto a falta de projeto de vida, por parte dos adolescentes, para a transição para a vida adulta, como também o fracasso escolar, ausência de lugares de recreação e de oportunidades de trabalho e problemas relacionais dentro do núcleo familiar.

Conforme Passos (2008), a etiologia do consumo de drogas pelos adolescentes é difícil de ser estabelecida. Considera como um problema multifatorial, que engloba desde fatores genéticos ou familiares, traços individuais, até influências sociais e psicológicas. Indica, no entanto, quatro elementos que estão inversamente associados ao uso de drogas: ligação forte e harmônica com os pais; compromisso com os estudos; envolvimento regular com atividades escolares e religiosas; confiança nas normas e valores gerais da sociedade.

O meio social a que estão expostos os adolescentes pode influenciar parte dos comportamentos observados dentre esses sujeitos. A imposição de rígidas normas de conduta aos jovens, que não valorizam a individualidade e subjetividade, típica dos valores capitalistas de consumo, exige relações rápidas e prontas, massificadas e grupais, tornando o sujeito excluído das possibilidades de diferença e particularidade. Isso vem reforçar uma tendência

dos adolescentes de se agruparem e rejeitarem os rivais, contribuindo, primeiro para a segregação dentro da própria comunidade e depois para a reprodução de comportamentos dentro destes grupos. (ABRAMOVITCH; MOREIRA, 2008).

Para Passos (2008), como influência social ao consumo de drogas entre adolescentes podem ser citadas a propaganda e o exemplo de comportamento dos adultos, existência de restrições legais, deterioração da vizinhança e ausência de controle paterno. Pode ainda, na história destes sujeitos, ter ocorrido abuso físico ou sexual durante sua infância.

Dentre as drogas, o álcool merece destaque tanto pelas consequências advindas de seu consumo, para o público adolescente, quanto por sua permissividade e aceitação social. O álcool figura, junto com o tabaco, uma droga de iniciação, que pode levar os indivíduos a avançar dentro de uma escala de consumo, sendo estas drogas muitas vezes os primeiros degraus para a experimentação de drogas mais pesadas. (PIMENTEL; COELHO JUNIOR; ARAGAO, 2009).

Sousa, Silva e Oliveira (2010) fazem uma crítica a essa postura permissiva da sociedade de estimular o consumo do álcool mediante propaganda. Afirmam que a aceitação do seu consumo livremente em ambiente domiciliar e em festividades nos mais diversos espaços públicos, sem alertar devidamente quanto ao risco de dependência que tal droga traz é uma atitude geradora de nefastas consequências não só para a juventude, mas para a sociedade como um todo.

Conforme Pierobon (2013), intervenções de saúde pública voltadas a desestimular o consumo de álcool, associadas à restrição da exposição à publicidade de bebidas alcoólicas teriam impacto positivo para adiar a iniciação à bebida e para reduzir o abuso de álcool entre adolescentes. Programas educacionais com envolvimento dos adolescentes e de seus pais são essenciais para o sucesso de campanhas de desestímulo ao consumo de drogas, pois as intervenções que fornecem ferramentas para que os pais conversem com seus filhos sobre o problema têm se mostrado mais efetivas do que somente a educação sobre o seu consumo na juventude. Atividades educativas envolvendo escolas e o setor saúde também se mostram úteis para redução do consumo dessas substâncias.

5.4 A escola como espaço favorável a uma aproximação entre Saúde e Educação para o desenvolvimento de uma adolescência saudável

A escola, além de um espaço de formação, mantém importante relação com a família dos educandos e assume posição de destaque na comunidade. É dessa forma que ela se consolida como uma referência, capaz de influenciar práticas políticas, atitudes de alunos, professores, outros profissionais de educação e de saúde e seus familiares. Frente a esses fatores, o setor educação revela-se como forte aliado do setor saúde, sendo a escola um espaço estratégico para a promoção da saúde. (CERQUEIRA, 2006).

Sobre a promoção da saúde, Dias e Vieira (2008) afirmam que esse termo pode vir tomado por diferentes abordagens, que vão desde um nível de atenção básica de saúde, mantendo relação com a prevenção de doenças, até uma concepção mais complexa e abrangente em que é compreendida por processos que, visando garantir assistência integral dos sujeitos e gerar qualidade de vida, extrapolam o setor saúde. Ela está na essência da práxis governamental, dos profissionais, da comunidade civil organizada e da população em geral, levando em conta que problemas multicausais demandam por processos multiprofissionais e intersetoriais.

Para Braga e Moraes (2010), o espaço escolar torna-se um local de extrema importância para a promoção da saúde uma vez que pode proporcionar o desenvolvimento de ações multiprofissionais que favorecem a autonomia moral dos sujeitos, quando oportuniza relações simétricas e de cooperação entre educandos, educadores e aqueles que se propõem transitar neste fértil terreno de crescimento humano.

Bressan (2011) também lança um olhar para essa relação entre promoção da saúde e escola, mas afirma que são as práticas voltadas à promoção da saúde que podem trazer contribuições para a escola, uma vez que possibilitam a revisão das práticas pedagógicas nesses espaços, promovendo o diálogo entre os diversos setores e disciplinas, o fomento à participação, a valorização do saber popular e das diversidades, com vistas à equidade, propondo também a revisão de valores morais e sociais, que se expressam na instituição escolar.

Sobre a experiência de promoção da saúde em uma perspectiva interfacial com o setor educação no município de Sobral-CE, Oliveira *et al.* (2006) descrevem que o ponto chave de toda atividade é ter disponibilidade para o diálogo e sempre buscar a articulação entre os sujeitos para que entre estes não haja acomodação, aceitação e replicação de modelos educacionais descritos como falidos e ineficazes. O grande desafio é ousar na criatividade e

romper com a estrutura estabelecida que privilegie a segmentação, as ações individuais, mecanicistas e curativas, através do envolvimento do máximo de atores dos mais diversos setores como: Educação, Saúde, Esporte, Economia e Cultura, entre outros. No município em questão, isso vem transformando o discurso em possibilidades concretas, de alcance de uma cidade mais saudável. Sendo considerada como espaço social que agrega um grupo etário em processo de formação e em fase de inquietações, a escola destacou-se como um cenário ideal para implementação de ações de promoção da saúde e a construção de valores e hábitos de vida saudáveis.

Contudo, Belchior (2012) e Bonamigo (2012) alertam que dentro do contexto da saúde do adolescente, o ambiente escolar mostra-se um importante lugar que promove a socialização do saber, em que as relações interpessoais fluem mais facilmente, mas também, pode esse espaço, rico em oportunidades, manifestar-se como campo de proliferação de situações de riscos e de situações de vulnerabilidade para os sujeitos, uma vez que sendo campo de convivência social está igualmente aberto a conflitos, jogos de poder, situações de violência etc.

Lopes Neto (2006) indica que as crianças e adolescentes podem se utilizar do espaço da escola para manifestar comportamentos que são frutos de relações domésticas e familiares desestruturadas ou em que há frágil relacionamento afetivo entre seus membros. Essa vivência desequilibrada, segundo o autor, vem favorecendo a prática de *bullying*.

Tal modelo de comportamento ocorre com frequência nas escolas e tem como característica a agressão, dominação e prepotência entre pares. Um comportamento nocivo realizado de forma intencional e repetitiva, com apelo à submissão e humilhação. Em nossa língua, o termo *bullying* pode ser entendido como o ato de colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir e divulgar comentários maldosos. (BRASIL, 2010a).

Entender isso é importante no contexto escolar, uma vez que Lopes Neto (2006) diz que já existem estudos longitudinais que admitem que os que praticam *bullying*, apresentam maior possibilidade de se envolver em comportamentos delinquentes, violência doméstica e atos criminosos e, ainda, uma tendência ao uso do tabaco, álcool ou outras drogas.

Por isso, é importante o esforço e envolvimento de todos em uma relação respeitosa e de valorização dos sujeitos escolares, buscando reduzir situações conflituosas e assim atuar com vistas à integralidade no enfoque da saúde. Torna-se necessária a valorização e multiplicação de técnicas e métodos participativos que tenham a capacidade de ultrapassar a

delimitação física da escola e que envolvam pais, professores e a própria comunidade. É importante que estas metodologias perpassem todas as atividades desenvolvidas, tais como diagnóstico das necessidades de saúde da população escolar; desenvolvimento curricular; preparação de material didático; formação permanente de docentes; investigação, seguimento e avaliação das atividades desenvolvidas e difusão de informações sobre os avanços e desafios encontrados. (PEDROSA, 2006).

Gomes e Horta (2010) concordam que é necessária esta abordagem multiprofissional e intersetorial, principalmente entre saúde e educação para a realização do processo educacional e para que os sujeitos gozem de boas condições de saúde. As autoras vão além e diz que entende que é fundamental, para se obter uma boa condição de saúde, o acesso à educação e a condições favoráveis de desenvolvimento humano.

Wendell (2006) orienta que a escola deve ser um espaço de ensino-aprendizagem donde advêm as mobilizações transformadoras que culminam com o maior aprendizado prático do ser humano: a cidadania. Em sua publicação sobre o Projeto Paz com Arte nas Escolas de Salvador-Bahia, a escola é dimensionada por novos valores, nos quais a arte insere-se como fundamento básico para conseguir unir o aprender, mobilizar e amar em uma via criativa e envolvente, admitindo que cada potencial do ser humano se manifeste e ocupe sua representação viva na sociedade. Sendo a violência um sintoma que interfere nas várias formas de saúde escolar, o desafio do projeto foi valorizar ao máximo as atitudes pacíficas que sobrevivem, por vezes, aos duros atos da insensibilidade humana, buscando acionar no cotidiano das ações o caráter pacífico que compõe o ser humano. Nesse sentido, foi priorizado o trabalho com a arte para sensibilizar e estimular, na comunidade escolar, valores comuns das atitudes pacíficas, exercitá-las na convivência e mobilizar novas opções de relação entre os sujeitos.

Também buscando uma abordagem diferente para um trabalho com escolares, Baumfeld (2012) optou por uma intervenção voltada para o lúdico, que objetivava tornar os estudantes mais ativos no processo de ensino/aprendizagem. Nessa intervenção, foram produzidos cartazes, peças teatrais, paródias musicais, coreografias e vídeos, voltados a aspectos da sexualidade dos adolescentes. No decorrer das apresentações, paulatinamente, percebemos o domínio e a desenvoltura apresentados pelos adolescentes ao falar sobre sexualidade. Concluídas todas as etapas da intervenção, os estudantes conseguiram tratar do tema com mais naturalidade, principalmente na elaboração das peças teatrais e vídeos. A transformação do comportamento pode indicar que o grupo conseguiu amenizar o tabu sobre sexualidade na escola.

Ferreira *et al.* (2012), buscando construir conhecimentos sobre a prevenção das DST/HIV/AIDS com adolescentes masculinos de escola pública em Fortaleza-CE, lança mão dos Círculos de Cultura como ferramenta metodológica. Segundo os autores, o método propiciou a inserção no universo dos adolescentes, favorecendo, assim, a (re)construção do conhecimento acerca das DST/HIV/AIDS, por meio da reflexão e problematização das vivências com a adoção de posturas livres para a realização de escolhas.

Sendo vista pelo setor saúde, na maioria dos casos, como um lugar onde os alunos seriam um grupo passivo para a realização de ações de saúde, a escola tem sido lugar de aplicação de medidas de controle e prevenção de doenças. Dessa forma, os educadores rotineiramente se queixam de que o setor saúde usa a escola e consome muito tempo com ações isoladas que poderiam ser mais proveitosas, com um programa transversal, mais participativo e protagonista de atenção integral à saúde. Os educadores reconhecem a importância da saúde de seus educandos como um dos aspectos fundamentais para sua qualidade de vida e seus processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem, mas lamentam que muitos dos programas de educação para a saúde ainda estão mais voltados para o foco da doença, o que precisa ser revisado para que tenham uma perspectiva de maior participação e de melhor promoção da saúde e da qualidade de vida. (CERQUEIRA, 2006).

É importante destacar que em 1984 no Brasil, foi criado o Programa de Saúde Escolar, ainda de forma desarticulada, por meio do Fundo de Desenvolvimento da Educação. Com esse programa foram propostas ações que deveriam ter como objetivo proporcionar aos escolares condições adequadas de promoção, proteção e recuperação da saúde, através de um processo pleno de desenvolvimento educacional. Até o ano de 2005, as ações desse programa tinham seu cerne em campanhas, visando à reabilitação visual e auditiva dos adolescentes. (GOMES; HORTA, 2010).

Atualmente, é possível observar uma gama de iniciativas que se ocupam de promover uma aproximação entre os setores saúde e educação, sejam nas esferas federal, estadual ou municipal. O Programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), criado em 2003 por uma parceria entre os Ministérios da Saúde e de Educação, entretanto, manifestou-se como uma resposta do governo brasileiro à epidemia de HIV/AIDS, para o desenvolvimento de ações de prevenção no espaço escolar, estimulando para isso a participação da sociedade civil e, especialmente, dos adolescentes e jovens. Basicamente, o SPE foi colocado em cena como um projeto de prevenção, entretanto, seus conceitos e operacionalização, ao promover à participação, os direitos sexuais e reprodutivos, a equidade, a diversidade, a ampliação da autonomia de sujeitos e coletividades, promovem o direito à vida e, dessa forma, o SPE

apresentou-se, no âmbito das políticas públicas, como uma estratégia de promoção da saúde nas escolas. (BRESSAN, 2011).

Para o Ministério da Saúde (BRASIL, 2011), as práticas de educação e saúde devem ponderar os diversos contextos com o objetivo de realizar construções compartilhadas de saberes sustentados pelas histórias individuais e coletivas, dos vários sujeitos envolvidos no processo educativo, produzindo aprendizagens significativas e ratificando uma ética inclusiva. Nessa lógica, foi instituído em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE), também uma parceira entre os Ministérios da Saúde e da Educação. O projeto é fruto do empenho do governo federal em construir políticas intersetoriais para a melhoria da assistência à saúde e da qualidade de vida da população brasileira. É, portanto, dentro desta realidade que as políticas de saúde e educação voltadas às crianças, adolescentes, jovens e adultos da educação pública brasileira estão se aproximando para promover o desenvolvimento pleno desse público.

Conforme o Decreto Presidencial Nº 6.286, de cinco de dezembro de 2007, que institui o PSE (BRASIL, 2007b), este será implementado mediante a adesão dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aos objetivos e diretrizes do programa, sendo esta formalizada por meio de termo de compromisso. Às equipes da ESF, competirá a realização de visitas periódicas e permanentes às escolas participantes do PSE para avaliar as condições de saúde dos educandos, bem como para proporcionar o atendimento à saúde ao longo do ano letivo, de acordo com as necessidades locais de saúde identificadas.

São diretrizes do PSE:

- I – Tratar a saúde e educação integrais como parte de uma formação ampla para a cidadania e o usufruto pleno dos direitos humanos;
- II – Permitir a progressiva ampliação intersetorial das ações executadas pelos sistemas de saúde e de educação com vistas à atenção integral à saúde de crianças e adolescentes;
- III – Promover a articulação de saberes, a participação dos educandos, pais, comunidade escolar e sociedade em geral na construção e controle social das políticas públicas da saúde e educação;
- IV – Promover a saúde e a cultura da paz, favorecendo a prevenção de agravos à saúde, bem como fortalecer a relação entre as redes públicas de saúde e de educação;
- V – Articular as ações do Sistema Único de Saúde (SUS) às ações das redes de educação pública de forma a ampliar o alcance e o impacto de suas ações relativas aos educandos e suas famílias, otimizando a utilização dos espaços, equipamentos e recursos disponíveis;
- VI – Fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar;
- VII – Promover a comunicação, encaminhamento e resolutividade entre escolas e unidades de saúde, assegurando as ações de atenção e cuidado sobre as condições de saúde dos estudantes;

VIII– Atuar, efetivamente, na reorientação dos serviços de saúde para além de suas responsabilidades técnicas no atendimento clínico, para oferecer uma atenção básica e integral aos educandos e à comunidade. (BRASIL, 2011, p. 7).

Para Giacomozzi *et al.* (2012), as ações do SPE e do PSE articulam-se pela abordagem da promoção à saúde e da prevenção de agravos, mas também mantêm proximidade devido aos aspectos da sexualidade e saúde reprodutiva. Entende, ainda, que é perceptível que a escola não consegue sozinha trabalhar com os aspectos de promoção de saúde e prevenção, uma vez que não dispõe de ferramentas e conhecimentos aplicados a estas dimensões, sendo aí que reside a importância da articulação do trabalho junto a profissionais de saúde, em especial, os que compõem as equipes da Estratégia de Saúde da Família.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Relação Sociocultural dos Sujeitos com as Drogas

Buscamos iniciar o presente capítulo fazendo uma sucinta descrição da relação sociocultural dos sujeitos com as drogas, principalmente em espaço escolar. A construção deste texto não foi feita a partir de um instrumento de coleta de dados específico, foi sendo concebida em cada vivência e cada contato com os sujeitos do estudo. Dessa forma, buscamos uma aproximação com a realidade deles, para balizarmos nossas atividades.

Todo esforço que diz respeito à redução da circulação ou do consumo de uma droga, requer o mínimo de compreensão dos fatores que têm levado os sujeitos a esse consumo, caso contrário estará fadado ao insucesso já em seu projeto inicial. É de suma importância compreender como está formada a rede de relacionamento dos sujeitos e quais são os seus núcleos de influência, principalmente se tratando de adolescentes. O consumo de drogas requer uma abordagem mais ampla, que leve em consideração um encadeamento dos fatores de vulnerabilidades e os determinantes socioculturais relacionados a este fenômeno. (BRASIL, 2010c).

Sabemos que para a descrição mais completa e detalhada dessa realidade seria necessário um dispêndio maior de tempo e observação em outros lugares de convívio destes sujeitos, que não só a escola. Quanto a isso, Minayo (2011) tranquiliza-nos ao afirmar que as ciências sociais possuem instrumentos capazes de uma descrição apenas sucinta, da suntuosidade que é a existência humana em sociedade, mesmo assim consegue extrair dela toda uma riqueza de significados.

Durante o período em que estivemos em contato com a escola e com os educandos, pudemos presenciar várias situações e ouvir vários comentários que faziam referência ao consumo de drogas entre os sujeitos. O primeiro desses comentários foi feito por uma estudante, ao apontar para uma realidade que para ela parecia desconfortante, a de que ali, vários estudantes já faziam uso de álcool e não estavam assumindo naquele momento.

A informação daquela estudante ia ao encontro de uma realidade que a literatura já nos havia indicado: o consumo de álcool é uma realidade entre os adolescentes. Mesmo sendo a minoria destes, os adolescentes têm iniciado as primeiras experiências com o álcool por volta dos treze anos de idade, sendo no geral a droga mais consumida por esse grupo etário. (BRASIL, 2009b; 2010b).

Com o passar dos encontros, fomos confirmando a informação prestada pela estudante e percebemos o quanto o álcool está popularizado na realidade desses sujeitos. A relação com essa droga começa dentro da família, em que eles observam seus pais ou outros familiares beberem. Tivemos também vários relatos de consumo problemático por familiares, e em todos esses comentários, os adolescentes expressavam seu descontentamento e sua visão contrária ao consumo dessa substância, que tanto transtorno tem trazido às suas vidas.

O álcool é presença garantida em muitos momentos de descontração dos sujeitos e de seus pares. Aqueles que frequentam festas utilizam-se da substância abertamente para “se divertirem melhor”. A droga parece também dar certo *status* aos que a consomem em eventos ou festas, como se o nível de divertimento estivesse diretamente associado ao quanto se bebeu naquela situação. Adolescentes chegam à escola, no início da semana, falando de como foram suas “farras” de fim de semana e do quanto eles beberam. Outros se promovem dizendo “ainda estar com umas na cabeça³” ou com muita “ressaca” da noite anterior.

Dentro da realidade cultural e familiar destes adolescentes, o consumo de álcool ainda apresenta tabus relacionados às questões de gênero. Estudantes do sexo feminino têm procurado manter o consumo escondido de seus familiares, enquanto este comportamento acaba sendo visto com mais naturalidade entre aqueles do sexo masculino. Quanto à característica do consumo do álcool de gerar “respeito” e aceitação entre os grupos, é mais acentuada entre os homens que entre as mulheres.

Na escola, o álcool não tem presença marcante. Em algumas festas comemorativas, alguns estudantes conseguem levar pequenas quantidades e procuram fazer uso de forma discreta para que os adultos não os percebam. Muitos dos que não consomem afirmam não o fazer por temer que os pais descubram ou por não tolerarem o gosto, o que revela contato prévio com a substância.

Mesmo sendo proibida a venda para menores, estes conseguem adquirir bebidas alcoólicas por intermédio de amigos mais velhos, dentro dos grupos que fazem parte fora da escola ou, ainda, comprando diretamente de alguns comerciantes que não exigem identidade para a venda, segundo eles uma prática comum em Sobral.

Outra droga consumida pelos sujeitos, contudo em uma escala muito menor que o álcool é o tabaco. O consumo dessa substância está associado, geralmente, a outras drogas, não sendo comum o seu uso isolado. O consumo de qualquer substância psicoativa não é

³ “Umas na cabeça”: Expressão utilizada para indicar o consumo de bebidas alcoólicas e manutenção de estado de embriaguez com persistência de níveis de leve a moderados de álcool na corrente sanguínea.

tolerado dentro do Colégio Estadual Dom José. Por essa razão, aqueles que consomem tabaco, fazem-no fora dos portões da escola.

Os sujeitos que não fumam afirmam não tolerar o tabaco. No geral, essa droga não tem conseguido mexer com o imaginário de liberdade dos sujeitos como o álcool faz, sendo uma das que mais foi associada a problemas de saúde pelos adolescentes.

Outras drogas como inalantes podem eventualmente ser consumidas, contudo seu consumo está muito relacionado a algumas datas festivas como o carnaval.

A droga que mais está mexendo com o imaginário e pela qual os adolescentes mais têm desafiado os limites de tolerância da escola é a maconha. Os sujeitos revelam que alguns colegas fazem uso da droga, inclusive dentro da escola, onde existem os que “passam” a droga para outros. Ouvimos relatos de drogas sendo “passadas” dentro das salas de aula, afirmando os sujeitos que acham que alguns professores percebem essa prática, mas acabam não intervindo por medo de sofrer represálias. Mesmo correndo o risco de neste momento está fazendo juízo de valor, afirmamos que tendo observado o comprometimento que a maioria dos professores demonstra com os estudantes, não cremos que estes assumam deliberadamente tal postura.

Em várias atividades em que falamos sobre os efeitos da maconha, muitos adolescentes partiam em defesa desta droga com argumentos de que ela é natural, que pode ser utilizada até como remédio ou ainda que a maconha seja menos prejudicial que o cigarro ou que o álcool. Essas informações são as mesmas que circulam em seus diálogos cotidianos pelos corredores da escola e aquelas que acabavam por delimitar seu consumo entre estes adolescentes.

Uma “bala⁴” de maconha pode ser comprada por um grupo de estudantes – os amigos “das áreas⁵” – que se juntam e a “colocam na roda⁶” para ser consumida. Essa prática pode ser feita, mesmo dentro do banheiro da escola e o consumo é motivado tanto pela lombra que a maconha causa, como pela excitação de usar algo proibido, desafiando assim os limites de tolerância da escola.

Durante nossas atividades, presenciamos uma intercorrência com maconha, em que alguns adolescentes foram pegos dentro do banheiro consumindo a droga. Esses estudantes tiveram seus pais chamados, para que tomassem consciência do ocorrido. Alguns pais ficavam estarecidos com a possibilidade de seus filhos estarem consumindo drogas,

⁴ Cigarro feito artesanalmente com maconha.

⁵ Os amigos mais próximos, que se mantêm mais afinidade.

⁶ Fumar maconha em grupos, de maneira que um único cigarro seja compartilhado entre os usuários.

outros tentaram entender as explicações dos filhos. Quando situações desta natureza acontecem, a polícia é chamada para que sejam tomadas as providências legais ou para que os adolescentes percebam a seriedade com que é tratado o consumo de drogas naquele espaço.

O cotidiano dos adolescentes também é marcado pela presença de drogas mais pesadas como o *crack*, principalmente em seus bairros, onde o tráfico é observado como uma prática diária, assim como todo o contexto de violência que circunda esta droga. Os sujeitos ainda percebem o *crack* como uma ameaça dentro da escola, contudo conhecem estudantes que são usuários. O medo da violência nos lugares onde a droga está presente e da “nóia⁷” que o *crack* proporciona são os principais fatores que estão mantendo estes sujeitos ainda como espectadores desta substância.

Encontramos nessa realidade a importância de realizar o nosso trabalho, de cunho educativo, mas que também é um trabalho que busca promover uma percepção mais ampla da realidade que as drogas podem trazer para suas vidas.

6.2 Descrevendo as intervenções

Seguiremos aqui trazendo detalhes de como se deram as intervenções, primeiro descrevendo o encontro em que buscamos fazer uma imersão no mundo dos sujeitos, seguindo pelo itinerário de consolidação dos temas geradores, para então descrevermos os Círculos de Cultura que tiveram como temas: Vislumbrando um inédito viável; Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós; Em um mundo violento, quem cuida de mim?; Como habitar meu corpo?; Cidades para as pessoas e pessoas para as cidades. Por fim, descreveremos uma experiência de protagonismo dos sujeitos com a gravação do vídeo: Adolescência saudável, vida sem drogas.

6.2.1 O primeiro encontro: vislumbrando um inédito viável

Em nossa primeira aproximação com os sujeitos para executar as atividades educativas, buscamos fazer um mergulho em seu mundo para pinçar dele as palavras que seriam a base dos temas geradores para os Círculos de Cultura. Nossa postura era de alguém que buscava respostas para a curiosidade que nos povoava os pensamentos. Mas não era

⁷ Nóia: Termo utilizado pelos sujeitos para fazer menção aos efeitos deletérios que a droga causa à mente dos usuários impelindo o uso a um nível progressivo de dependência química e limitando faculdades mentais como a autonomia e livre arbítrio.

qualquer curiosidade, e sim uma curiosidade chamada por Freire (2011b) de epistemológica. O grande educador leva-nos a contemplar duas perspectivas da curiosidade: a ingênua, que “desarmada” tem como resultado de suas respostas o saber do senso comum; e a epistemológica, que busca uma aproximação metodológica do objeto cognoscível. Não há ruptura entre as duas perspectivas, mas uma superação, que acontece quando a curiosidade ingênua é investida do poder de criticizar o mundo, ela então muda de qualidade, mas não de essência.

Nossa missão ali, além de obter respostas, era de fazer com que os adolescentes quisessem também respostas, mas agora mediatizadas pela postura crítica. Mas como então adentrar este mundo dos sujeitos, até então fechado para nós? Como buscar na realidade de cada um, palavras que direcionassem nossa relação educacional daquele momento em diante? Buscamos direcionamento em Paulo Freire e nas palavras que já brotaram das primeiras conversas com os professores, coordenadores e até da observação dos adolescentes durante as visitas de planejamento.

Nos primeiros contatos com a escola sempre conversávamos sobre os adolescentes e de como eles viam seus estudos, alguns professores falavam que os mesmos não levavam os estudos muito a sério, que “não queriam nada com a vida”, ou que não dispunham de muito apoio familiar. Destes diálogos, surgiram palavras como: projetos; profissão; faculdade; estudo; futuro; maturidade; fé; esperança; vida; família. Então, afluímos a Freire (2011a, 2011b) que nos direciona a levar os educandos a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito de sua própria vida e de seus projetos, acrescenta ainda que não é possível fazer educação sem o reconhecimento do valor das emoções, dos sentimentos, da intuição, da criatividade e dos sonhos dos educandos.

Figura 8 – Primeira atividade no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Planejamos, então, uma atividade que desse conta de uma apresentação entre educadores e educandos, em que os sujeitos foram convidados a assistir a um vídeo motivacional (FIGURA 8). O texto do vídeo (ANEXO D) convida-nos a não deixar de sonhar, a planejar um futuro e investir em nossos sonhos, conclui fazendo a pergunta: “O que você quer ser quando crescer?”. Esse foi o mote do primeiro encontro. Assim, os adolescentes foram desafiados a expressar através de um desenho a resposta para a pergunta do vídeo, que surgia para eles como um inédito viável.

Já naquele primeiro momento, conhecemos os nomes dos adolescentes, seus locais de residência, suas preferências por alguns professores, sua visão sobre a escola etc. Ficou evidente também toda a energia de que dispunham estes sujeitos e o quanto precisávamos nos esforçar para prender a atenção dos grupos. Naquele momento, o vídeo foi importante para conseguirmos traçar um curto diálogo, antes da atividade do desenho, as falas dos sujeitos revelaram, em todas as salas, as primeiras informações importantes às atividades subsequentes:

[...] eu não consigo pensar nisso (se referindo à pergunta do vídeo), tipo assim, ainda falta muito tempo para eu ser adulta, acho que só vou descobrir o que quero ser quando estiver adulta. (ANÔNIMA - 9º A).

[...] nunca parei para ver o que quero ser, com o que quero trabalhar [...] Só sei que quero fazer uma faculdade, mais ainda não sei de que, até porque não sei nem se vou passar em um vestibular. (ANÔNIMA – 9º B).

[...] não quero pensar nisso agora, sou muito novo. Não sei pra que esse negócio pensar no futuro se ele ainda nem aconteceu. (ANÔNIMO – 9º C).

Eu posso ficar sem desenhar? Não consigo pensar em alguma coisa que eu quero ser [...] acho que não consigo sonhar (risos). (ANÔNIMO – 9º D).

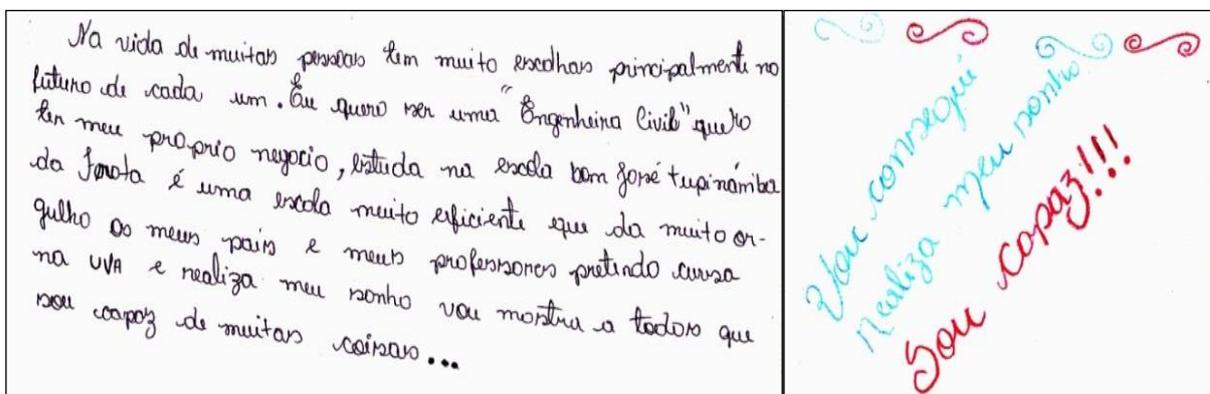
O número de sujeitos que decidiram por não fazer o desenho foi pequeno diante daqueles que participaram ativamente da atividade, mas a impossibilidade de vislumbrar um inédito viável por alguns adolescentes abriu-nos alguns questionamentos acerca dos motivos dessa postura: seria esta uma atitude descomprometida, com a atividade que ali se realizava, ou mesmo com o seu futuro que se buscava idealizar? Ou seriam apenas jovens que, diante de uma situação nova estariam apenas inibidos ou pensando ser aquela prática infantilizada e imatura para eles? A atitude observada em sala, após os comentários, não mostrava sujeitos introvertidos ou silenciados pela situação, eles participavam da construção dos desenhos dos colegas sugerindo o que desenhar, comentando com os desenhos feitos e, às vezes, fazendo graça com os rabiscos dos colegas. Vale aqui lembrar o ditado popular que diz: “para quem

não sabe aonde quer chegar, qualquer caminho serve”, pensemos então que estes caminhos podem se tornar em descaminhos, rumando para possibilidades como as drogas.

Outra reflexão merece ser feita aqui, a de que o constante exercício de sonhar com um futuro melhor, de vislumbrar este inédito viável vai transformando o homem em sujeito comprometido com sua vida e com a vida dos que o rodeiam.

Freire (2000) alerta que não é saudável à prática educativa o total esvaziamento dos sonhos e utopias, pelos quais se lute pela realização. A modernização tem imbuído na prática educativa uma lógica tecnicista e mecanicista, em que os conteúdos tornaram-se mais importantes que os conteúdos. Tanto mais os sonhos vão sendo substituídos pelas técnicas, mais a educação é a elas reduzida e se transforma em puro treino, puro adestramento, puro exercício de adaptação ao meio. A assunção dos sonhos em educação implica na assunção, pelos sujeitos, de sua responsabilidade social e política, do desejo de constante reinvenção do mundo, do sonho de uma sociedade “menos feia” e “menos malvada”.

Figura 9 – Texto de otimismo de aluna do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



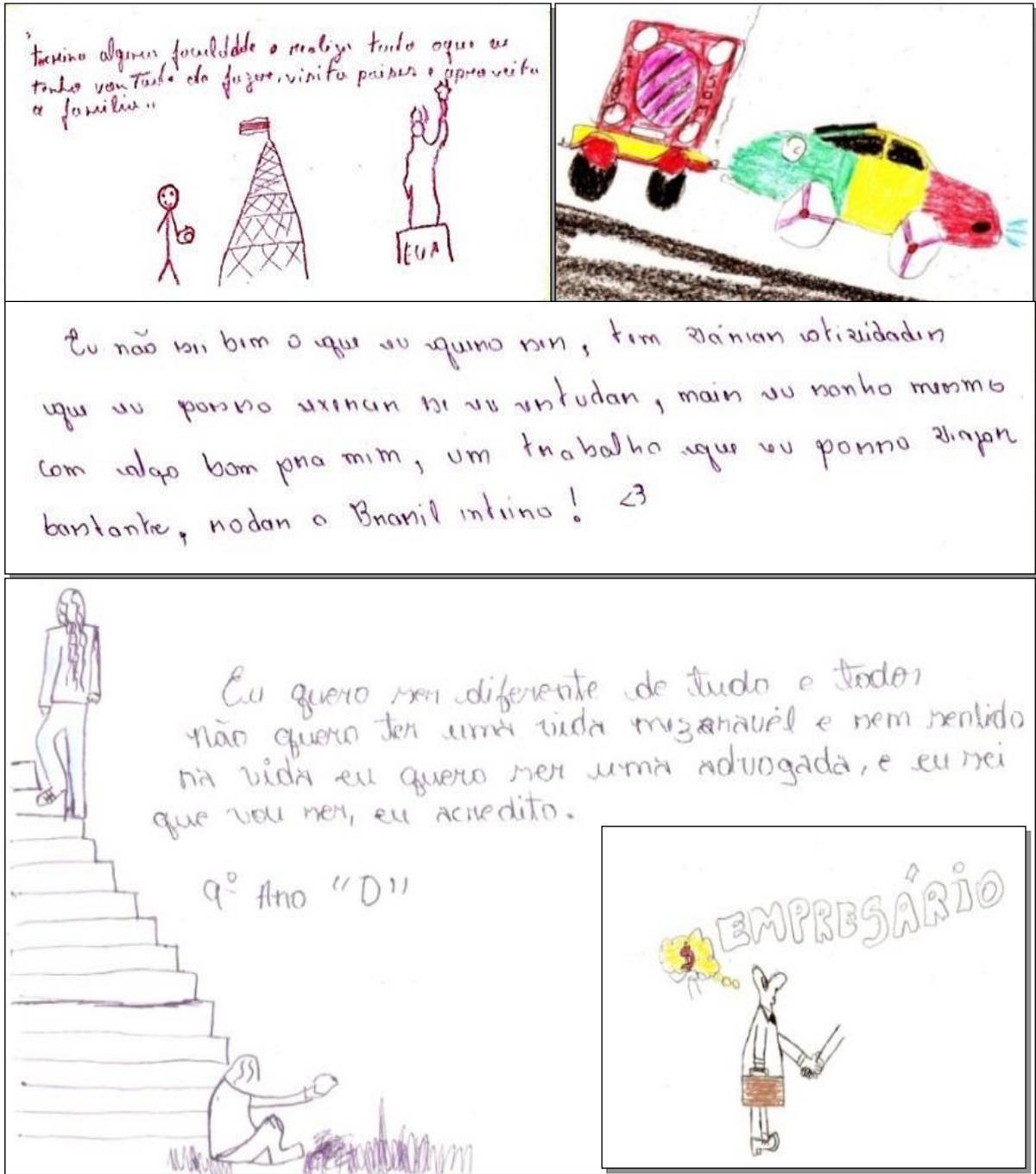
Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

Como vemos na Figura 9, muitos dos adolescentes concluíram a atividade e assim vislumbraram um inédito viável, para além das situações limite em suas vidas. Estes se aventuraram em dar um passo para além da consciência real em direção a uma consciência possível e mostraram-se extremamente comprometidos com seus sonhos e assim com seu mundo.

Vemos em alguns desenhos, como os mostrados na Figura 10, a clara expressão de vontade de uma mudança das suas condições sociais e financeiras, mostrados pelo desejo de viajar e adquirir bens materiais. Informações que nos remetem a pensar que os adolescentes acreditam que o desconforto de hoje pode ser superado pelo sucesso nos estudos

e conseqüentemente o sucesso profissional, que garante também liberdade e autonomia tão almejadas com o advento da vida adulta.

Figura 10 - Expressão de superação de condições financeira e realidade social de educandos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

Dos Santos, Nascimento e Menezes (2012), afirmam que o nível de instrução é um divisor de águas entre a juventude pobre e a mais rica e abastada, estes últimos muito frequentemente chegam à faculdade por conseguirem tardar a entrada no mercado, mantendo-se na escola por mais tempo. Dessa forma, a escola tem produzido diversos sentidos para a

juventude, entre eles a possibilidade de ascensão social e financeira, como garantia de um futuro melhor. Para outros, no entanto, a escola é entendida como um puro acontecimento, impessoal, neutro e que não afeta de nenhuma forma suas vidas.

Os desejos e sonhos dos adolescentes que foram expressos em seus desenhos revelam um leque variado de profissões e projetos de vida. Apresentamos aqui todas as profissões e projetos de vida indicados pelos adolescentes que serão mais detalhadamente apresentados na descrição da próxima atividade (QUADRO 3).

Quadro 3 – Indicação de carreiras ou projetos de vida dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013

PROFISSÃO	INDICAÇÕES
Carreiras relacionadas à saúde humana: medicina, psicologia, enfermagem, odontologia	24
Carreiras relacionadas ao Direito: advogado, promotor, juiz.	23
Construção Civil: engenharia, arquitetura, construtor.	12
Carreiras policiais ou militares	12
Carreiras relacionadas aos esportes	11
Carreiras relacionadas às artes: música, dança, artes cênicas, moda.	10
Carreiras relacionadas ao ensino e pesquisa: professor, cientista, filósofo.	8
Medicina Veterinária	8
Carreiras que não necessitam de curso superior: operador de caixa, mecânico, secretária, motorista, mototaxista.	6
Projetos de viajar e conhecer novos lugares	4
Empresário/Executivo/Contabilista	3
Constituir família	3
Missões religiosas	2

Fonte: Elaborado pelo autor.

A expressão dos desenhos e frases, produzidos neste encontro pelos sujeitos, mostra que além deles, almejam a ascensão social e financeira comentada anteriormente, também querem ser agentes de mudança para o seu meio social, com respostas altamente comprometidas com questões sociais, da saúde, de segurança, infraestrutura, educação, entre outras. Mesmo que seja esta expressão, uma resposta à situação vivenciada por eles em seu cotidiano, o movimento de planificar um futuro voltado a melhorar áreas que extrapolam seus limites individuais é tido como uma manifestação de compromisso ético com sua vida, sua família, sua escola, assim como afirma Freire (2011c, p. 126):

[...] não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua.

6.2.2 *Meu caminho pelo mundo, eu mesmo traço*

*Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço
A Bahia já me deu régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu - aquele abraço!
Pra você que meu esqueceu - aquele abraço!*
(Música: Aquela Abraço - Gilberto Gil)

Construir com o educando, o caminho pelo qual deve trilhar o processo educativo é uma prerrogativa já muito detalhada neste trabalho. Sua importância reside no fortalecimento e respeito à autonomia dos sujeitos educandos e na possibilidade de tornar os temas mais significativos para todo o processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva, organizamos uma oficina em que uma turma, dentre as que estávamos trabalhando, foi sorteada para que estes adolescentes pudessem contemplar, junto com os educadores, os desenhos e frases que foram frutos do primeiro encontro. Como quem constrói uma história de vida traçamos um caminho que começava no presente e chegava ao futuro. No meio estavam os sonhos e projetos desses sujeitos, o que precisávamos fazer era organizar a história agrupando aqueles desenhos que tinham alguma afinidade, para assim podermos conversar sobre as histórias ali contadas, como pode ser visualizado na Figura 11.

Figura 11 – Encontro “Meu caminho pelo mundo eu mesmo traço” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Elaborado pelo autor.

As categorias montadas em conjunto com os adolescentes, foram importantes para o delineamento dos temas geradores. Os desenhos foram agrupados levando em consideração, não só a carreira ali indicada, mas todo o contexto do que estava sendo expresso naquele momento e que era compreendido pelos sujeitos. Foram importantes para o processo de construção, todos os atores que ali estavam presentes naquele momento: o pesquisador, os acadêmicos monitores do PET e em especial os adolescentes. Como precisávamos seguir um cronograma para concluir a pesquisa, delimitamos que emanariam daquele diálogo quatro temas geradores, os demais temas que por ventura surgissem, poderiam ser trabalhados com atividades do PET Redes em outro momento.

Na sequência, apresentamos as categorias que foram construídas pelos sujeitos:

a) **Violência:** Desenhos que expressaram cenas de violência que foi identificado dentre os sujeitos como um desabafo ao cotidiano vivenciado em muitos bairros de Sobral.

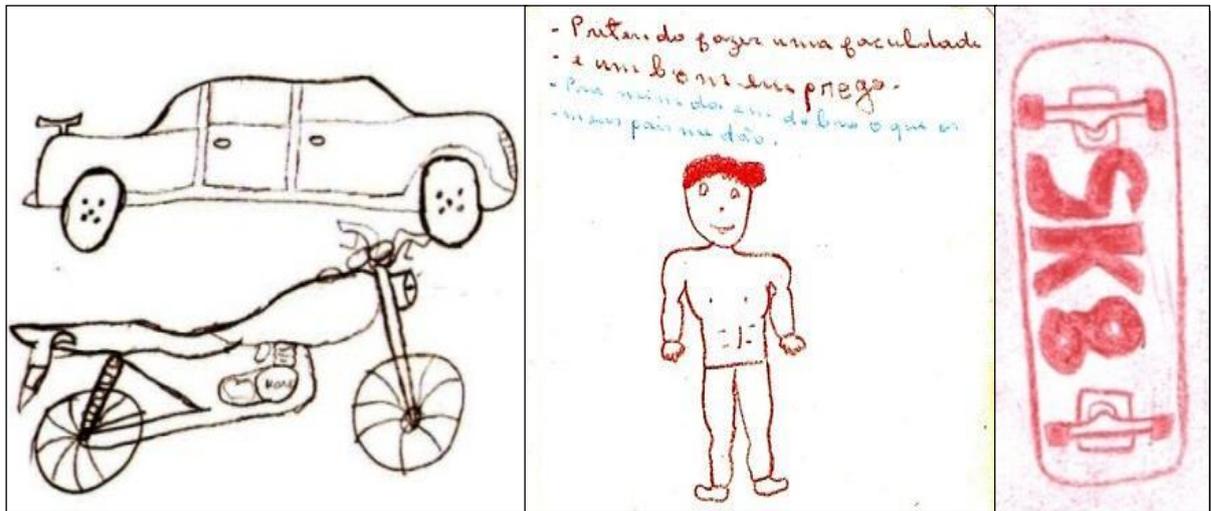
Figura 12 – Exemplos de imagens da categoria “Violência” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

b) **Liberdade e Independência:** Expressão do desejo de alcançar independência financeira, de realizar viagens e ter bens desejados na adolescência.

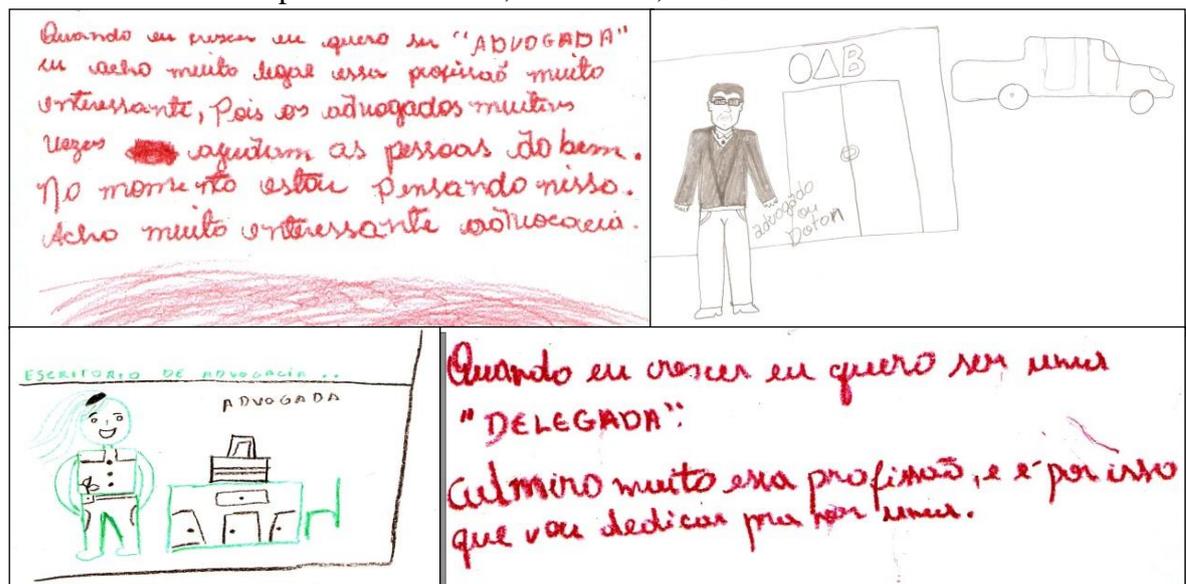
Figura 13 – Exemplos de imagens da categoria “Liberdade e Independência” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

c) **Lei e Ordem:** Expressa a vontade de ajudar pessoas queridas que os adolescentes tenham presenciado em situações de injustiça, assim como a admiração por aqueles que têm o poder de trazer ordem para suas realidades de convívio social.

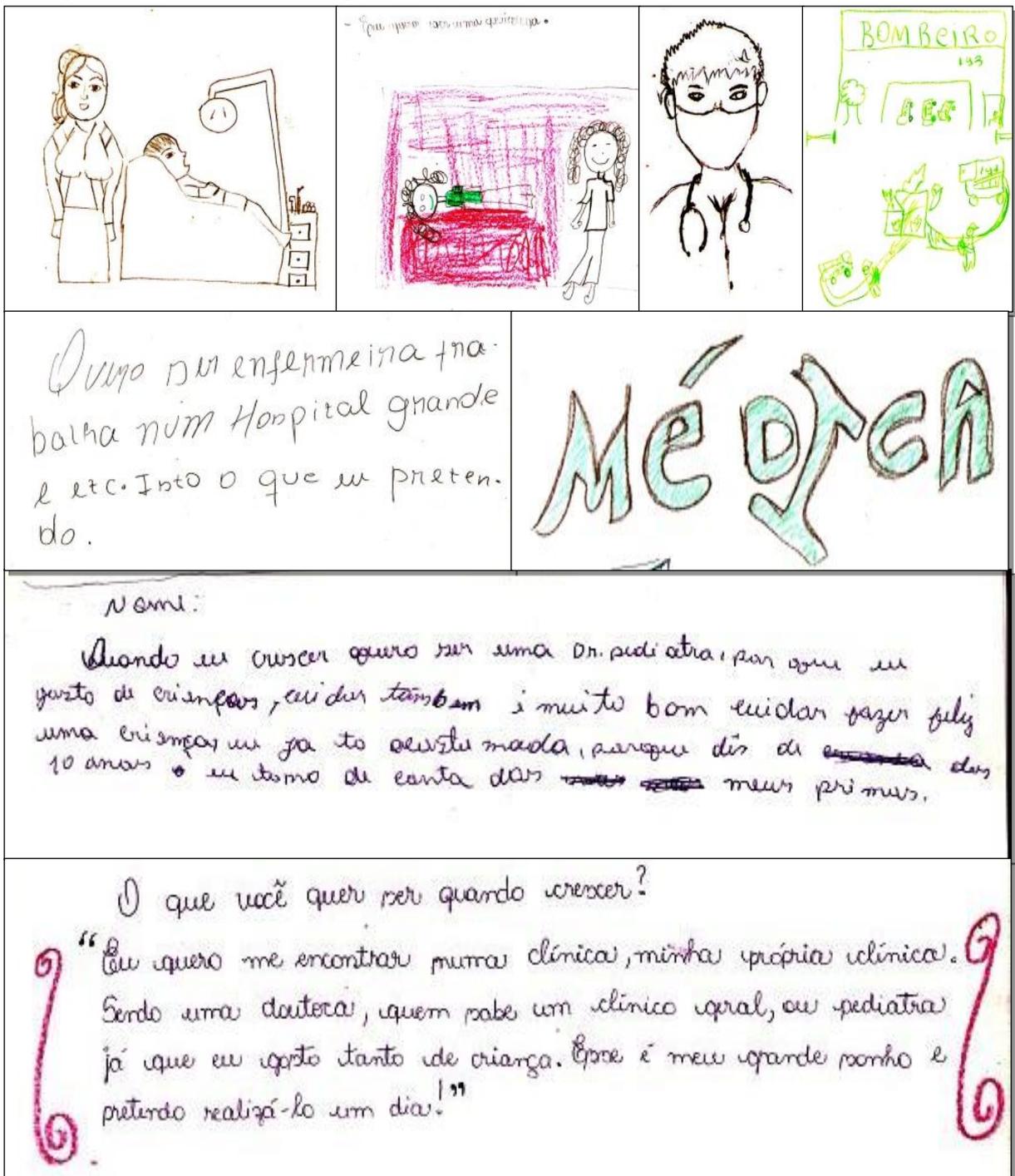
Figura 14 – Exemplos de imagens da categoria “Lei e Ordem” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

d) **Cuidado com os outros:** Esta categoria refere-se a adolescentes que encontram no cuidado ao outro a sua realização, cuidado que muitas vezes já é exercido em casa, direcionado aos irmãos mais novos, sobrinhos ou avós.

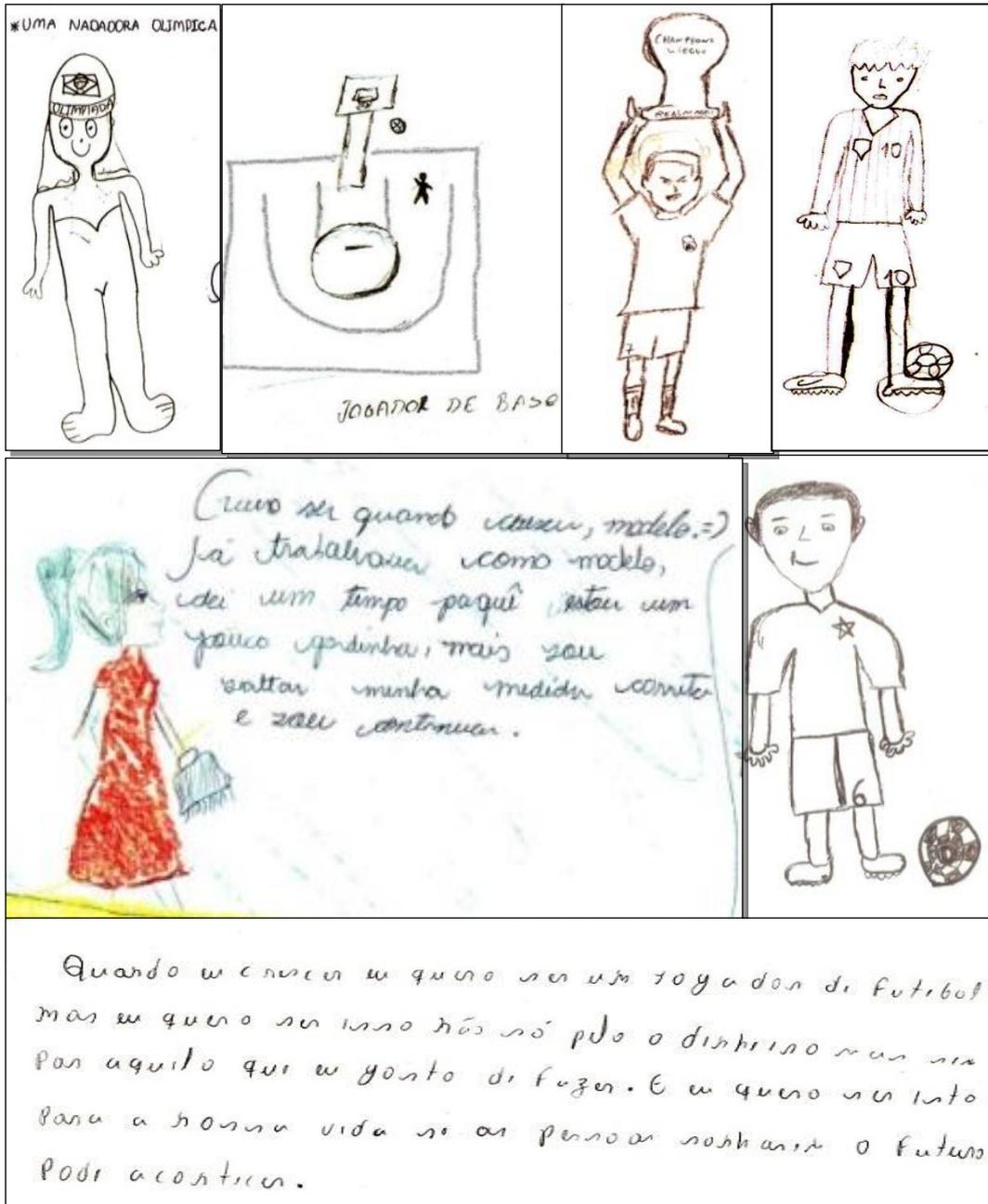
Figura 15 – Exemplos de imagens da categoria “Cuidado com os outros” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

e) **Cuidar de si:** Nesta categoria os adolescentes revelam o interesse por esportes e por práticas que denotam o cuidado para si. O fruto desse cuidado é um bem-estar físico com o cuidado ao corpo, o bem-estar mental ao verem superados os seus limites e o bem-estar social quando alimentam um sentimento de defesa da pátria.

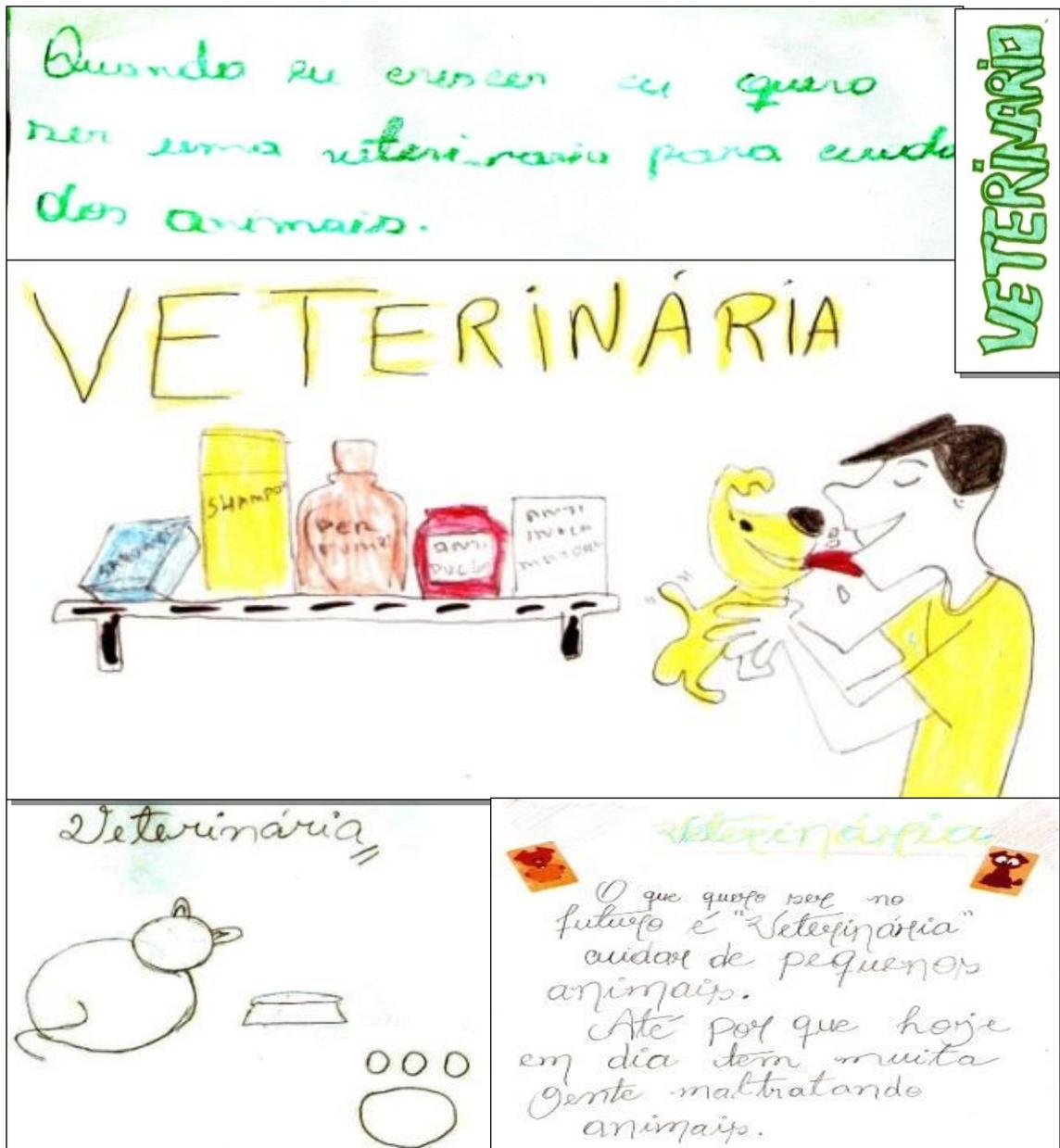
Figura 16 – Exemplos de imagens da categoria “Cuidar de si” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

f) **Cuidado com os animais e a natureza:** Cuidar dos animais na perspectiva destes sujeitos é cuidar de toda a natureza. Indignados com a forma que a natureza vem sendo agredida esta é uma maneira que eles encontraram de mudar esta realidade e de serem pessoas melhores.

Figura 17 – Exemplos de imagens da categoria “Cuidado com os animais e a natureza” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa.

g) **Construção de um mundo melhor:** Esta categoria é formada por aquelas pessoas que buscam construir um lugar melhor para se viver. Seja através da educação, da reflexão ou da ação.

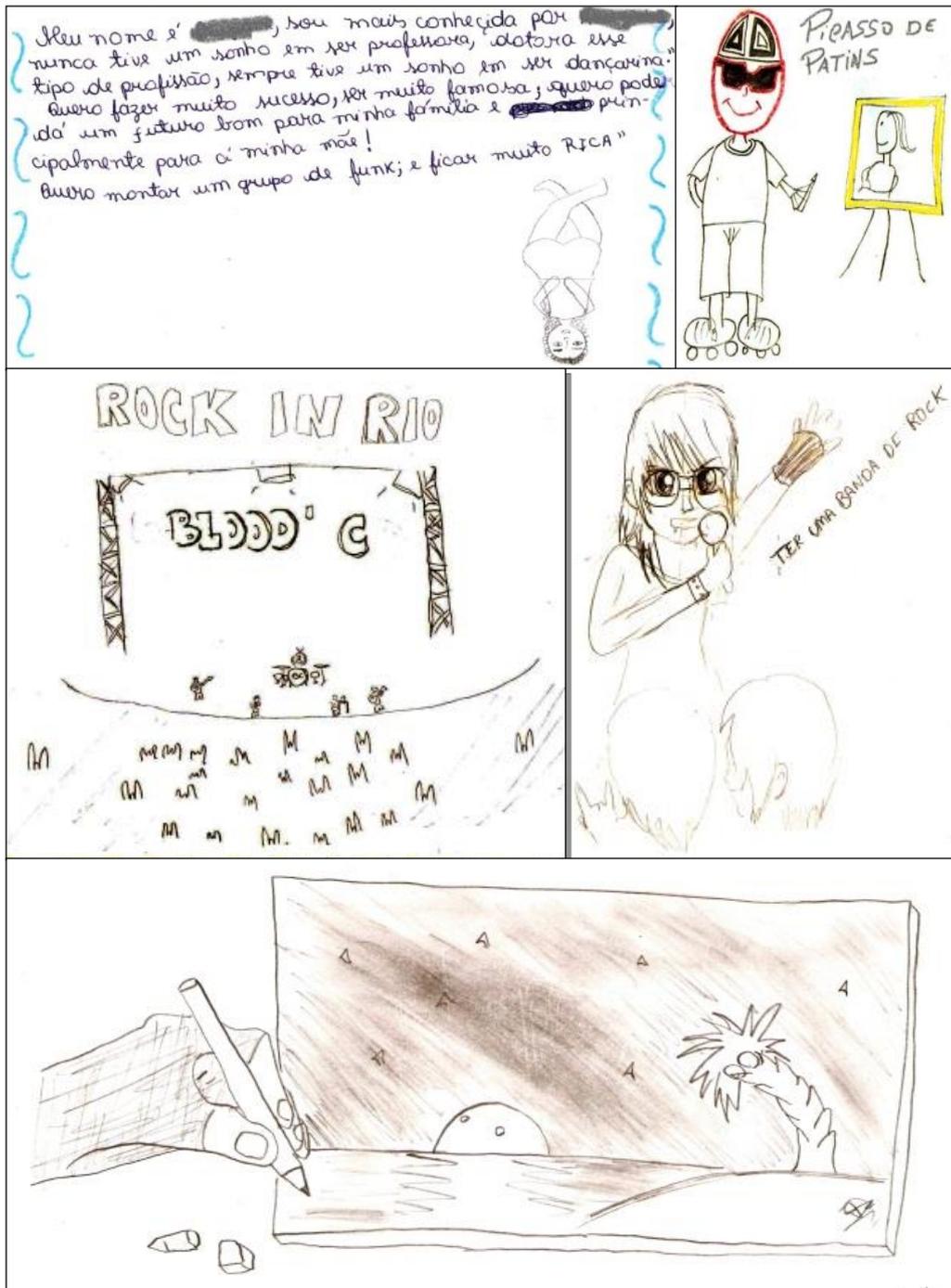
Figura 18 – Exemplos de imagens da categoria “Construção de um mundo melhor” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa

h) **A arte da vida:** A arte é expressa pelos sujeitos como uma maneira de embelezar mais seu mundo. Ao tempo em que é vista como oportunidade de descontração é também encarada como um caminho para o sucesso pessoal e financeiro.

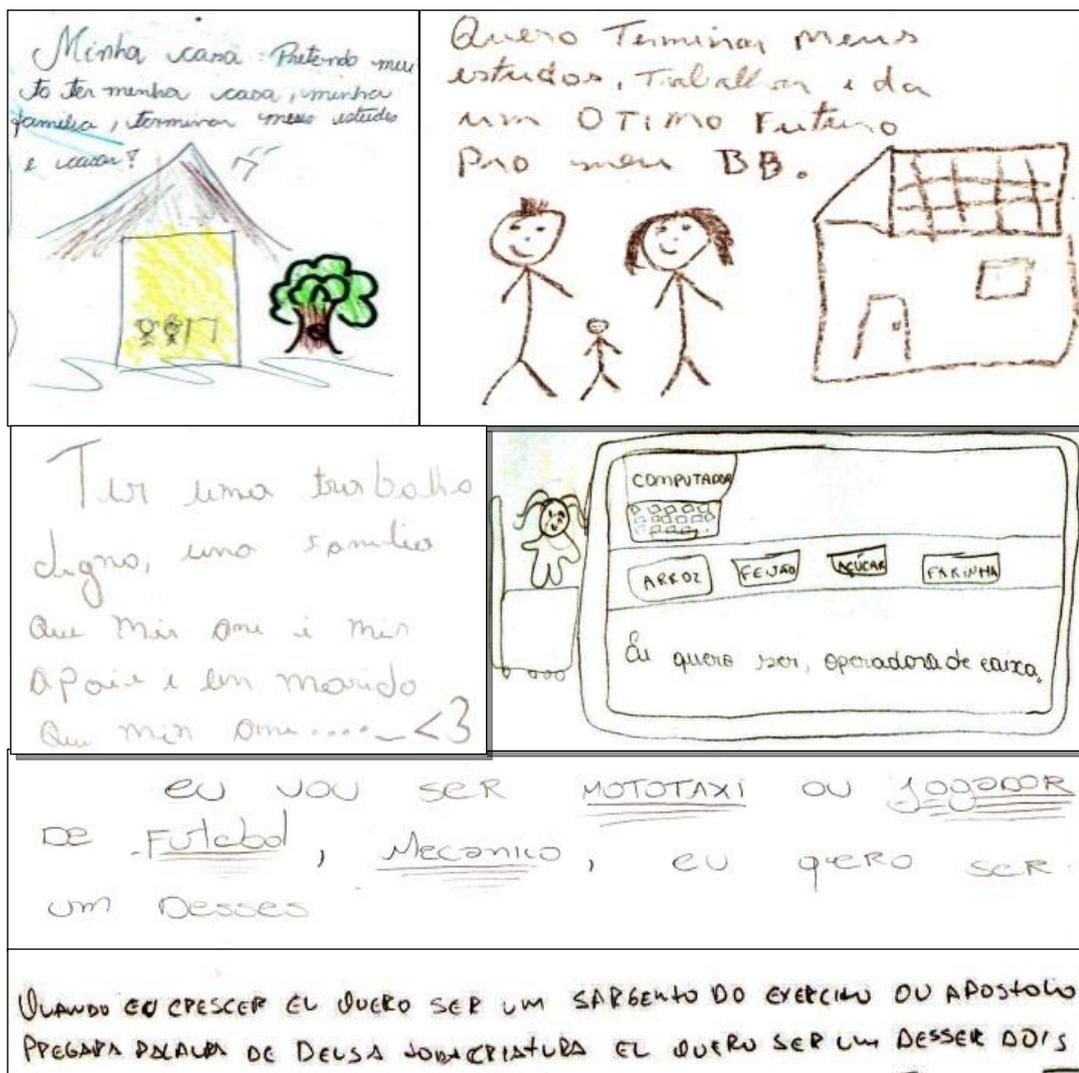
Figura 19 – Exemplos de imagens da categoria “A arte da vida” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa

i) **O cotidiano da vida:** Esta categoria reflete que alguns sujeitos querem apenas reproduzir em seu futuro as coisas simples de seu cotidiano, não que não tenham perspectivas melhores, mas é que o seu cotidiano já tem um encanto que os seduz.

Figura 20 – Exemplos de imagens da categoria “O cotidiano da vida” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Produção dos sujeitos da pesquisa

As respostas obtidas nas oficinas dão um vasto arsenal de informações para as atividades subsequentes, contudo como comentamos anteriormente devemos focar em quatro temas geradores. Apresentaremos aqui como foram desenvolvidos estes temas, após um breve comentário sobre a atividade e as categorias emanadas dos desenhos e da discussão com o grupo.

Os padrões de resposta percebidos nos desenhos assim como o resultado dos diálogos na oficina mostram uma realidade que nos animou para realização das próximas

atividades. Contemplar os sonhos destes adolescentes e seu posicionamento sempre com esperança de uma vida melhor é realmente alentador, mas temos o dever ético de começar esta fala com uma verdade não tão agradável, por mais positivo que tenha sido o produto desta oficina.

Sabemos que muitos dos jovens que ali estão, vivem em situações desprivilegiadas financeiras ou sociais, assim como temos consciência da situação da educação pública brasileira no que diz respeito às séries que abarcam crianças e adolescentes. Assim dizemos, porque foi percebido entre os sujeitos um acentuado desnível educacional, de respeito, de pensamento crítico, de percepção de sua realidade, de expressão, de escrita etc. Enquanto alguns expressavam facilmente seus pensamentos, outros mal conseguiam escrever, apresentando letra ilegível ou erros ortográficos não esperados para a série que frequentam, ou ainda não silenciavam para a escuta dos colegas. Talvez isso se desse porque esses educandos não tenham levado tão a sério seus estudos em anos anteriores, ou o que é mais provável, não tenham sido, ou não estejam sendo levados tão a sério. Comentamos isso aqui para deixar claro que, apesar de considerarmos que o produto tenha sido muito bom, sua construção não foi tão fácil e simples.

Seguindo em nossa descrição, focamos em uma qualidade percebida no conteúdo da maioria dos desenhos: a esperança de uma vida melhor! Freire (2011c) afirma que a esperança é necessidade ontológica humana e que mesmo sem deixar de pensar em todas as razões para não termos esperança, históricas, econômicas e sociais, devemos alimentar esta necessidade com a assunção de nossos sonhos. Sonhos de uma vida melhor, de uma adolescência sem violência, sem drogas, com direito à livre expressão, a comer bem, a morar bem, a poder comprar o que nos apraz, a ter saúde, a ser felizes e fazer os outros felizes.

Este sonho de felicidade parte de uma vida social mais fraterna e organizada, de uma rede social solidária e respeitosa. Os grupos e as relações sociais são elementos decisivos para a manutenção do sentimento de pertença e de valorização pessoal.

O sucesso dessas relações é apontado como um fator de proteção que desfavorece o consumo de drogas. Tomando como base os sujeitos deste estudo e o espaço em que estamos inseridos, são então, alguns fatores de proteção relacionados à vida escolar: o bom desenvolvimento escolar; ligações fortes com a escola; boa relação afetiva e vínculo com professores e colegas; realização pessoal; oportunidade de desafios para a expansão da mente; descoberta de talentos e possibilidades pessoais; descoberta e construção de um projeto de vida. (BRASIL, 2010c).

As possibilidades de prevenção ao consumo de drogas podem ir além de atividades educativas pontuais e se manifestar em ações que promovam as pessoas. Exemplos disso são as artes, a dança, a música.

Dos Santos, Nascimento e Menezes (2012), demonstram em seu estudo, que o *hip hop*, tem se apresentado em grupos de adolescentes matriculados em escolas de Recife, principalmente para jovens pobres e negros, como uma possibilidade que representa esperança, emancipação e melhora das condições econômicas. É para estes jovens, exercício de mobilização social, oportunidade de expressarem seus descontentamentos e de adquirirem notoriedade. Uma característica deste movimento cultural é a facilidade de envolver os sujeitos com uma linguagem que se aproxima da realidade que eles fazem parte.

Manifestações como esta devem fazer parte do nosso cotidiano de (re)pensar estratégias para a prevenção do consumo de drogas em todos os estratos sociais. Nesse sentido é que buscamos romper com a lógica de uma prevenção apenas como um pacote cumulativo de informações sobre as drogas, estratégia que muito se aproxima da educação bancária tão refutada por Paulo Freire em praticamente todos os seus escritos. Nossa intenção ao construir os temas geradores das intervenções foi inserir os adolescentes em um processo de aprendizagem voltado ao desenvolvimento de habilidades psicossociais que lhes permitam um amadurecimento social e afetivo equilibrado, em uma lógica de prevenção voltada à assunção de atitudes responsáveis na identificação e no manejo de situações de risco que fossem ameaças às suas opções de vida, estando assim em conformidade com Brasil. (2010c).

Quadro 4 – Apresentação dos temas geradores e Círculos de Cultura por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013

CATEGORIAS DE INFLUÊNCIA	TEMAS GERADORES	CÍRCULOS DE CULTURA
- Liberdade e Independência; - Lei e Ordem; - A arte da vida.	Liberdade e limites	Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós.
- Violência; - Cuidado aos outros.	Violência e cuidado	Em um mundo violento, quem cuida de mim?
- Cuidar de si; - A arte da vida.	Cuidado e valorização do corpo	Como habitar meu corpo?
- O cotidiano da vida; - Construção de um mundo melhor; - Cuidado aos animais e à natureza.	Exercício da cidadania e nossos direitos e deveres.	Cidades para as pessoas e pessoas para as cidades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Apresentamos então o Quadro 4, que sintetiza os temas geradores construídos e as categorias que os motivaram, logo na sequência, iniciamos a descrição dos Círculos de Cultura desenvolvidos. A indicação dos temas foi realizada na oficina, contudo a denominação dos Círculos de Cultura foi feita pelo pesquisador em parceria com os monitores do PET Redes em momento posterior.

6.2.3 Círculo de Cultura: “Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós”

A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência.

(Mahatma Gandhi)

A proposta deste encontro era fazer com que os adolescentes refletissem sobre aspectos relacionados à independência, liberdade, limites, leis e responsabilidades e dentro desse contexto perceber as consequências do consumo de drogas para nossa liberdade e do tráfico e dependência química que podem estar muito próximos de nós.

A atividade constou de três fases: a primeira foi uma dinâmica de descontração e integração, com imagem mostrada na Figura 21; a segunda foi uma apresentação de imagens por meio de *slides*, que continham mensagens codificadas; a terceira fase foi a decodificação das mensagens por meio do diálogo. Ressaltamos que o diálogo perpassou todas as fases, não ficando restrito temporalmente a uma atividade.

Figura 21 – Dinâmica da liberdade com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2013



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na dinâmica de descontração e integração, foram formados dois grupos com os sujeitos, que se agruparam em dois círculos dando as mãos uns aos outros. De cada grupo, um sujeito foi convidado a ficar de fora do círculo e outro a ficar dentro. Ao som de uma música os adolescentes que estavam dentro do grupo deveriam tentar sair e os que estavam fora deveriam tentar entrar.

Pelo cunho lúdico da atividade os adolescentes participaram ativamente, em alguns grupos foi um pouco demorado iniciar os comentários sobre a dinâmica devido à manutenção dos risos e do estado de euforia que eles ficavam. Mas em todos foi possível mesmo que uma rápida discussão sobre as representações da dinâmica para eles.

Aff... acho que nunca tinha me sentido assim, tentava sair dali e não conseguia, parece que eu não tinha mais forças, estava era quase passando mal [...]. (PSICÓLOGA – 9º D).

[...] é muito ruim você querer entrar em um local e não deixarem, é como se, tipo assim, você não é aceito... é ruim, percebi isso da brincadeira. (POLICIAL – 9º A).

[...] foi bem legal a brincadeira, deu para a gente ver que é ruim ficar preso, querer sair por ai eles não deixar [...] Deus me livre de prisão. (ENGENHEIRO – 9º B).

[...] eu acho que liberdade é uma coisa que a gente só dá valor quando perde, os menino ficava ali querendo sair, todo marrento e achava ruim que a gente não deixava, depois que sai nem liga mais, parece que nem tinha ficado preso, tem gente que é do mermo jeito, apronta de tudo ai vai preso, depois que sai faz tudo de novo. (ADVOGADO – 9º A).

A dinâmica foi importante para que os adolescentes comessem a pensar no tema da atividade e que eles pudessem começar a dar novo significado à palavra liberdade em suas vidas. Nesse momento os comentários da maioria dos sujeitos apontaram para uma visão de liberdade como o oposto de prisão, poucos pensaram na liberdade por outras perspectivas, como o de liberdade de participar de algo, ser aceito em grupos, expressar seus pensamentos, sentimentos e opiniões.

Rocha e Garcia (2008) fazem uma reflexão em seu trabalho que coloca a adolescência como o ideal cultural contemporâneo, uma postura que mudou o modo de ser, tanto de adultos quanto dos adolescentes. Os autores afirmam que, no início do século passado, os adolescentes se esforçavam para serem reconhecidos como adultos, hoje são os adultos que nutrem o ideal de serem reconhecidos como adolescentes e muitas vezes os imitam. Isso aconteceu devido ao fato de a adolescência terem se tornado a referência atual do ideal de liberdade, uma vez que está encarnado no imaginário social, como o estilo de vida que mais se aproxima desse ideal.

Então, a concepção de liberdade que estes sujeitos têm assumido para si está restrita à expressada na dinâmica? Prosseguimos na atividade para encontrar esta resposta e quem sabe (re)construir com eles um conceito que se aproxime daquele descrito por Freire (2011a), como condição integrante do modo de ser do homem, que não pode ser percebida apenas na dimensão física, mas sobretudo que esta se realiza através do exercício livre das consciências, no exercício da conscientização.

Na segunda fase do encontro, no qual estimulamos a problematização do tema, apresentamos algumas imagens para um exercício de descodificação pelos educandos. A primeira imagem (FIGURA 22) mostra um homem de pé à beira de uma falésia com os braços abertos contemplando o mar. Perguntamos então aos adolescentes: pensando em liberdade o que esta imagem representa para vocês?

Figura 22 – Homem na falésia



Fonte: Google imagens (2013).

Em uma primeira observação da imagem os educandos tiveram respostas muito óbvias, contudo ao avançar foram percebendo outras nuances e suas respostas já começam a ampliar o sentido de liberdade compreendido pelo grupo, transcrevemos aqui um diálogo que foi emblemático nesta atividade e consegue expressar a compreensão alcançada na maioria das turmas:

Liberdade é ter tudo o que eu quiser, é fazer o que quiser [...] assim, igual a esta pessoa, se sentir livre pra fazer o que quiser. (ANÔNIMO – 9º A).

Eu acho que liberdade é saber escolher as coisas, tipo assim não é tudo que posso escolher, tem coisa que pode me fazer mal. (ADVOGADA – 9º A).

Mas eu que tenho direito de tomar minha decisão, sem precisar de ninguém está me enchendo, dizendo o que fazer. (ANÔNIMO – 9º A).

E se ele escolher pular lá embaixo e morrer, ele pode escolher isso num pode? E se ele morrer de que adiantou escolher isso? Ai ele não pode mais fazer nada... está morto! (ENGENHEIRA – 9º A).

Pois é, por isso que eu acho que as coisas têm que ter limite [...] é isso que eu acho, liberdade tem limite também [...]. (ADVOGADA – 9º A).

No diálogo apresentado, assim como em outras situações vivenciadas, os sujeitos ampliam a visão de liberdade para algo que precisa de limites para ser autêntica. Liberdade sem limites perde o sentido de ser. Ao serem questionados sobre esses limites, indicam que são impostos pela família, pela escola, pelas leis, mas também devem ser assumidos pelos próprios sujeitos da ação. Parte dos sujeitos percebe esses limites como algo negativo para sua vida, enquanto a maioria vê neles algo importante e necessário.

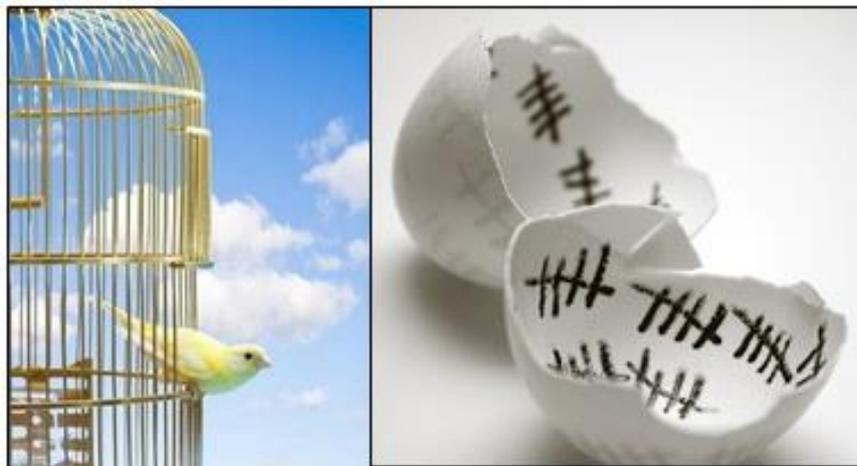
Dos Santos, Nascimento e Menezes (2012) descrevem em seu estudo uma situação em que a falta de limites na escola incomodou de tal forma os adolescentes que eles cobram uma redução da permissividade ali existente, com a imposição de mais limites. Os adolescentes perceberam que a liberdade desmedida tem causado prejuízos para o seu aprendizado e convívio social dentro da escola, os deixando menos protegidos, mais vulneráveis.

A formação de todo sujeito deve ser iniciada na família, sendo sua função proteger os filhos e favorecer neles o desenvolvimento de competências, por exemplo, para lidar com limites e frustrações. Quando a família falha na proteção ou na imposição de limites claros de conduta, especialmente para um adolescente que assume uma postura transgressora e que não sabe lidar com frustrações, ela acaba por favorecer o uso de substâncias psicoativas. (BRASIL, 2010c).

Até aqui os educando perceberam que tão importante quanto a conquista da liberdade é saber respeitar os limites necessários a essa liberdade, não limites imobilizadores como as situações-limite, mas limites que os protegem de situações adversas. Boff (2012) afirma que a ponderação entre a liberdade e os limites é que torna o homem um ser ético, responsável pelos seus atos e suas consequências, que decide entre o bem e o mal, para ele e para os outros. “A liberdade lhe permite ser um anjo bom ou um malfeitor e criminoso.” (BOFF, 2012, p. 192).

Continuando com os *slides*, expomos duas imagens, separadamente, para poder problematizar ainda mais o debate sobre liberdade: a gaiola e a casca de ovo (FIGURA 23).

Figura 23 – A gaiola e a casca do ovo



Fonte: Google imagens (2013).

Perguntamos aos adolescentes o que representava aquela gaiola com a porta aberta. Eles respondiam prontamente que era a chance de escapar de uma situação que os aprisionava. Outros falavam sobre o direito de escolha que o pássaro havia conquistado, que ele tinha a liberdade de escolher entre ficar na gaiola ou sair dela e voar. Como um fruto do diálogo anterior, alguns sujeitos iam percebendo que a liberdade do pássaro não estava no voo em si, mas é anterior a ele, a liberdade está no ato de poder escolher entre voar ou ficar na gaiola. Está em assumir um bom ou mau comportamento. Em ficar livre ou continuar preso a pensamentos e condições causadoras de sofrimento. Continuamos perguntando então o que poderia funcionar como uma gaiola na vida deles, as repostas eram as mais diversas possíveis:

[...] gaiola é tudo que me faz sofrer, tudo que me deixa preso. (ARQUITETO – 9º D).

[...] é minha família [...] o povo só pensa em me prender, não posso fazer nada, não posso ir pra canto nenhum. (JOGADOR DE FUTEBOL – 9º C).

[...] prisão pra mim é a escola, a gente entra e num pode mais sair [...] tem fila pra tudo, se sair da fila é carão, se fizer zuada é carão [...] parece prisão. (JOGADOR DE FUTEBOL – 9º A).

[...] pra mim prisão é as droga: o crack, a maconha, essas coisa que quando começa o uso deixa logo viciado. (ENGENHEIRO – 9º C).

[...] é a doença. (ANÔNIMA – 9º B).

[...] são as polícias. (MÉDICA – 9º D).

A identificação de situações de risco real que ameaçavam a liberdade era misturada a percepções distorcidas que representavam muito mais o seu descontentamento e

despreparo para lidar com limites e frustrações, do que um risco propriamente dito. Eram apontadas como situações de privação da liberdade, a escola e a família, por exemplo. Mesmo sendo legítimo esse descontentamento precisávamos que eles tivessem consciência da importância do estabelecimento de regras e de condutas claras. Para tanto, utilizamo-nos da imagem seguinte, que era a da casca de ovo.

Quando percebiam o que era a imagem, uma reação comum era o riso, seguido de comentários falando da condição do pinto que ali estava: “[...] coitadinho, estava contando as horas para sair.” (ANÔNIMA – 9º C). Questionávamos se aquela situação era motivo de sofrimento para o pintinho. Recebíamos respostas indicando que sim: “[...] claro que é sofrido para ele, já pensou se eu ficasse apertado em um lugar assim?” (JOGADOR DE FUTEBOL – 9º C). Outros adolescentes, como que percebendo que, sendo o ovo uma construção projetada perfeitamente pela natureza, afirmavam que não, que o “ovo não causa sofrimento ao pintinho, ele sofre é se quebrar a casca antes de ele ficar pronto para nascer.” (ADVOGADA – 9º A). O entendimento da função da casca do ovo como proteção fazia com que alguns adolescentes voltassem atrás com suas respostas e afirmassem ser a família, a escola ou mesmo a polícia, como casca de ovo e não gaiolas, em suas vidas.

Ao terem a percepção de como antes percebiam, percebem diferentemente a realidade, e, ampliando o horizonte do perceber, mais facilmente vão surpreendendo, na sua “visão de fundo”, as relações dialéticas entre uma dimensão e outra da realidade.

[...]

Promovendo a percepção da percepção anterior e o conhecimento do conhecimento anterior, a descodificação, desta forma, promove o surgimento de nova percepção e o desenvolvimento de novo conhecimento. (FREIRE, 2011d, p. 152).

A percepção dessa nova realidade tem um efeito muito positivo para a aprendizagem e conscientização de uma situação. Ao retomarmos as atividades no início de 2014, antes mesmo de iniciar o Círculo de Cultura programado com as turmas, perguntamos, dentre aquilo que discutimos em sala, o que foi mais significativo para eles. A resposta mais frequente em todas as turmas foi: “saber o que é gaiola e o que é casca de ovo na vida”.

Alguns assuntos precisavam ainda ser abordados dentro da temática da liberdade. Continuando com a lógica da gaiola como fator limitador da liberdade, apresentamos a imagem de uma gaiola toda enfeitada e perguntamos que mensagem aquela imagem estava passando.

Figura 24 – A gaiola enfeitada



Fonte: Google imagens (2013).

Conseguimos com a imagem levar os adolescentes a refletir sobre a dependência causada pelas drogas, sobre a sedução apresentada pelos traficantes ou amigos e sobre a vulnerabilidade própria dos adolescentes. A discussão sobre estes aspectos não era homogênea, mesmo sendo abordados em todas as salas, algumas turmas davam mais ênfase a um aspecto do que a outro.

[...] assim pode fazer o passarinho pensar que a gaiola é boa. (PROFESSORA – 9 A).

[...] tem gente que enfeita as drogas para a gente pensar que são boas, pra prender a gente lá dentro [...] pode ser os amigos ou os traficante das bocada⁸. (POLICIAL – 9 B).

Meu pai criava passarinho em casa, quando um passarinho fugia da gaiola às vezes acabava voltando e ficando por ali, às vezes meu pai conseguia pegar de novo e colocar ele na gaiola. Toda vez eu achava que ele voltava era porque era feliz ali dentro, mas hoje eu acho que ele até queria viver fora da gaiola, mas não sabe mais fazer isso, está acostumado a comer só alpiste [...] como um viciado, se tentar viver sem as drogas pode morrer. (ADVOGADO – 9º D).

A gaiola até parece que é bonitinha, mas não deixou de ser gaiola. (MÉDICA – 9º C).

O passarinho vai para a gaiola porque parece bonita ou porque está com muita fome, parece quando uma pessoa se ilude com as drogas. [...] às vezes vai iludido com o que as pessoas dizem, ou porque acha que está sofrendo, fica nesse negócio e depois quando quer sair não dá mais, fica preso pra sempre, fica viciado. (ENGENHEIRA – 9º B).

⁸ “Bocada”: locais onde estão concentrados os pontos de venda de drogas ilícitas. O termo é tratado também como “boca de fumo”.

Um passarinho na gaiola nunca é feliz, pode até achar que é porque tem comida e água direto, mas não é livre, então não é feliz [...] as drogas são do mesmo jeito que a gaiola [...]. (CANTORA – 9º A).

As respostas dos adolescentes trazem elementos que descrevem a dependência química como uma força que aprisiona os usuários, geralmente associada a um prazer inicial que toma outras proporções com o decorrer de uma vida de consumo. Seus comentários estão alinhados com o que afirmam Lima, Fonseca e Ribeiro (2012), de que para muitos, a primeira experiência com as drogas é algo prazeroso que proporciona ao organismo uma sensação que justifica a nova busca pelo uso da substância. No entanto, uma característica do sistema nervoso é sempre buscar a manutenção do equilíbrio fisiológico – a homeostase. Após o consumo da droga, para manter a homeostase, uma série de reações físico-químicas são disparadas como forças de natureza oposta à desencadeada pela droga, sendo essencialmente distrólicas, levando o usuário a entrar em um ciclo hedonista seguido de fases de profundo desprazer, isso intensifica o comportamento compulsivo pelo consumo.

Compreender este aspecto da dependência do consumo de substâncias psicoativas é fundamental como uma proteção aos argumentos que apresentam às drogas como substâncias que proporcionam prazer e bem-estar aos que as consomem, o que não é de todo uma mentira, mas a consciência do preço que se paga por tão curto período de prazer é importante para a opção ou não pelo seu consumo. Segundo a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (BRASIL, 2010c), um fator de proteção ao consumo de drogas é a disponibilidade de informações contextualizadas sobre efeitos destas substâncias no organismo e na vida, essas informações devem trazer a realidade dos efeitos do seu consumo, sempre contextualizadas com a realidade dos educandos.

Com o primeiro Círculo de Cultura, podemos compreender que a liberdade não diz respeito apenas a estar ou não estar restritos a um espaço físico, mas principalmente em ter a consciência de fazer escolhas que nos deixem realmente livres, que não nos impossibilitem de viver intensamente cada fase de nossa vida, que não nos limitem os pensamentos, a força espiritual, o vigor físico. Percebemos que seguir regras e normas de conduta pode também ser um exercício de liberdade, sempre que essas regras e condutas nos levarem a estar mais seguros e maduros para um dia fazermos nossas próprias regras ou até replicar as que achamos importantes. Aprendemos que drogas podem sim dar prazer e aliviar alguns sofrimentos, mas o preço que se paga por isso é muito alto. Aprendemos que como os pássaros, nascemos para ser livres, para voar alto, que não precisamos só de “alpiste” para

sermos felizes, temos uma infinidade de opções a serem escolhidas e as drogas podem até ser uma delas um dia, mas que nunca podemos deixar que sejam as únicas.

Ao final da atividade cantamos a música “É preciso saber viver” de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em uma versão gravada pelo grupo Titãs (ANEXO E).

6.2.4 *Círculo de Cultura: Em um mundo violento, quem cuida de mim?*

Todos os seres vivos tremem diante da violência. Todos temem a morte, todos amam a vida. Projete você mesmo em todas as criaturas. Então, a quem você poderá ferir? Que mal você poderá fazer?

(Buda)

Neste Círculo de Cultura, tivemos a intenção de lançar um olhar reflexivo e crítico sobre a influência da violência e do cuidado para uma vida melhor. Utilizamos nesta atividade uma dinâmica de integração e um vídeo para estimular o diálogo do grupo para juntos compreendermos a relação entre o mundo das drogas e a violência. O momento final foi uma síntese conduzida sob a luz dos seis princípios da cultura de paz propostos pela UNESCO (1999), a saber: respeitar a vida; rejeitar a violência; ser generoso; ouvir para compreender; preservar o planeta e redescobrir a solidariedade. Essa atividade foi seguida pela audição da música “Paz” do cantor Gabriel o Pensador (ANEXO F).

A dinâmica que utilizamos para iniciar a atividade era uma competição entre duas equipes. Seis adolescentes eram escolhidos de cada equipe para participar do jogo, esses sujeitos tinham amarrados em seu pé um balão de aniversário e foram explicadas as regras do jogo: eles tinham que trabalhar em equipe para vencer; não era permitido machucar os colegas, nem falar palavrões; os jogadores que ficarem sem balão devem ficar sentados em seus lugares; ganha a equipe que ao final da música permanecer com o maior número de balões inteiros.

O time que vencesse ganharia chocolates. Iniciada a música, os educandos começavam a procurar estourar o balão uns dos outros. O clima de euforia estava instalado e eles usavam de várias estratégias para conseguir estourar os balões dos colegas, membros da equipe que não estavam jogando ficavam estourando os balões dos outros.

Com o final da dinâmica, mostrada na Figura 25, era difícil retornar ao clima de diálogo, todos queriam falar ao mesmo tempo, ouviam-se gritos, reclamações e frequentemente alguns ainda tentavam estourar os balões dos colegas.

Figura 25 – Jogo dos balões com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao conseguir acalmar a todos ou pelo menos a maior parte deles, convidamos os educandos a uma reflexão sobre o significado da dinâmica. Então, pedimos que falassem um pouco como tinha sido a experiência:

[...] eu fiquei fugindo o tempo todo para não estourarem meu balão, mas ai a [diz o nome da colega], que não estava nem no jogo veio e estourou o meu balão. (ANÔNIMA – 9º C).

[...] eu estava tentando estourar o maior número de balões, fui esperto e não deixei ninguém estourar o meu, ficava só estourando o dos outros. (ENEGNHEIRO – 9º A).

[...] teve gente que não respeitou as regras, nem estava mais com balão e continuou pisando no dos outros. (DANÇARINA – 9º C).

[...] não valeu nosso time perder, o [diz o nome do colega] ficava todo o tempo com o pé levantado, por isso que ninguém estourou o dele. (ANÔNIMA – 9º D).

[...] acho interessante que até em uma brincadeira tem gente que é desonesto. (ARQUITETA – 9º B).

O comportamento dos educandos reflete o que vivenciamos todos os dias em um mundo marcado pela competitividade, em que o que vale é vencer custe o que custar. Pensamos que este modelo reproduzido no jogo aproxima-se do que Boff (2012) apresenta como o paradigma da conquista, o mesmo modelo de produção e relação social que esteve presente na colonização brasileira e que ainda perdura no contexto atual, no qual a lógica da

dominação e exploração dos homens e da natureza se faz por meio da violência, sem serem respeitados os seus limites e sem solidariedade para com as gerações futuras.

Com a dinâmica, vimos como nós estamos reproduzindo comportamentos violentos de competição em nosso cotidiano. Esta constatação foi discutida com os sujeitos quando lhes perguntamos sobre quem seria vencedor do jogo, prontamente respondiam: “aqueles que conseguissem estourar todos os balões da outra equipe”. Então, lembramos a eles que em nenhum momento foi dado comando para estourar os balões dos colegas, o que dissemos foi que ganharia a equipe que estivesse com maior número de balões inteiros, este comportamento de partir para o ataque foi uma escolha que fizeram diante da situação criada.

Minayo (1994) afirma que a violência deve sempre ser pensada como uma possibilidade de escolha, em contraposição à tolerância, ao diálogo, ao reconhecimento e à civilização, não podendo ser tratada de forma fatalista.

Alcançando a percepção de que foi feita a opção por um comportamento violento quando, não era essa a conduta esperada, uma vez que todos poderiam vencer se tivessem apenas cuidado dos seus balões, alguns educandos chegavam a ficar surpresos. Pudemos então, fazer uma releitura dos comentários sobre o jogo, concluimos que toda vez que alimentamos comportamentos que não nos leva a cuidar de nós mesmos e dos outros, estamos nos abrindo à violência e esta traz muitos prejuízos para nossa vida, já se optarmos por uma postura não violenta todos ganham.

Relatos dos sujeitos apontam também que eles percebem que a violência está estreitamente ligada às suas realidades:

[...] tem gente aqui na escola, que a gente não pode nem olhar que já fica logo perguntando o que é. (CANTORA – 9º A).

[...] outro dia pegaram um menino dentro do banheiro e quase quebram o braço dele, foi um clamor aqui, ch. (ADVOGADA – 9º C).

[...] na minha rua outro dia mataram um homem bem na minha frente, estava fazendo nada, ai chegaram e deram só um tiro, ele caiu durinho ali na minha frente [...] do nada aquilo, dizem que era por causa de droga, não sei direito. (ANÔNIMO – 9º B).

A violência já se apresenta como uma constante que faz parte da trama cotidiana da sociedade contemporânea. Leva os sujeitos a assumir um engajamento pessoal através de uma relação de força, às vezes, desproporcional ou vazia de qualquer conteúdo preciso. São situações como agressões por causa de um tênis; de um resultado de partida de futebol; jovens

agredindo outros, por puro divertimento; mortes por causa de pequenas dívidas no comércio de drogas ou pelo indivíduo possuir uma arma no momento de uma raiva ou insegurança.

Segundo Freire (2011a), o comportamento violento é algo que pode ser aprendido e que, geralmente, o reproduzimos em nossa vida. Por ser fruto de uma relação de forças dentro da sociedade tanto aprende a ser violento tanto aquele que violenta, quanto o que é violentado, tendo uma sutil diferença neste modo de aprender, “[...] o opressor aprende a torturar, torturando o oprimido. O oprimido, sendo torturado pelo opressor.” (FREIRE, 2011a, p. 70).

Assim, vamos reproduzindo em nosso cotidiano comportamentos violentos e assumindo-os como parte da nossa rotina. É necessário conversarmos sobre essas situações e comportamentos, pois quanto mais nos silenciemos e assumimos uma posição alienada e descomprometida diante de todas as formas de violência, menos transformamos nossas realidades e esquecemos que, para mudá-las, temos de nos aproximar da realidade de outrem. (PARANÁ, 2008).

Ao falar sobre a violência perpetrada em suas realidades sociais, os sujeitos estão assumindo sua indignação com ela e, com isso, podem se abrir à transformação de seu mundo. Transformação essa que parte da assunção de comportamentos respeitosos e comprometidos com a vida. Somos seres que naturalmente buscamos viver em comunidade, naturalmente buscamos uma vida social, quando assumimos comportamentos contrários estamos na contramão da natureza humana.

Segundo Gehl (2013), o homem é um ser que espontaneamente tem interesse em outras pessoas, nossas cidades e a forma como nos organizamos dizem isso, os lugares que ocupamos nas cidades dizem isso. Crianças costumam trazer seus brinquedos para a sala, para estar próximo do centro do movimento; jovens se concentram nas entradas ou mesmo em esquinas para acompanhar ou até participar dos acontecimentos.

Até aqui nos diálogos, conseguimos lançar um olhar, mesmo que superficial, sobre a violência presente no cotidiano dos sujeitos. Nossa meta era fazer com que estes sujeitos olhassem para as situações de violência de suas realidades e pudessem perceber que violência não é algo natural, mesmo que seja marca da vida em sociedade como diz Minayo (1994), não devemos aceitar e naturalizar essas situações, reproduzindo-as em nosso cotidiano. A violência nos deve ser estranha, para que possa ser combatida.

Buscamos avançar no diálogo assistindo a um vídeo⁹ que mostra uma realidade vivenciada por muitos jovens contemporâneos. Percebemos que alguns ficavam emocionados ao final do vídeo, outros elogiavam a história e a música, houve ainda os que ficavam indiferentes ao que estava se passando ali, talvez por não estarem afetados pelo que se discutia ou mesmo o contrário, estavam tão afetados que temiam objetivar um assunto que para eles parecia imutável. Buscamos trazê-los para a conversa estimulando o diálogo, mas respeitamos os que preferiram o silêncio contemplativo, cada um tem seu tempo próprio de expressão e aprendizado. (BRASIL, 2010a).

Então, pedimos que alguém tentasse sintetizar a história que o vídeo apresentava como forma de organizar nossa conversa. Vamos transcrever aqui o relato da estudante que trouxe a maioria dos elementos apresentados pelos colegas e que mais demonstrou interesse pelo vídeo, inclusive fazendo comentários ainda em outros dias quando nos encontrávamos pelos corredores da escola:

[...] Era uma moça feliz, bem cuidada e que não estava com problemas. Até que, talvez por descuido ela se deixa seduzir, porque ela se apaixonou pelo rapaz, mas ele só queria usar ela. Depois ela se deixa levar pela vontade de ter dinheiro e parece que vai ficando cada vez mais longe da felicidade. Ela se envolve com umas colegas que oferecem drogas, que só deixam ela mal. Depois vem a moda dizendo como ela deve ser, ela tenta ser igual e não consegue, aí ela fica tentada a se matar, talvez porque ela não está vivendo do jeito que ela queria, do jeito que ela era feliz. Depois ela vê que tem que sair, que pode sair daquela vida, mas ninguém quer deixar, ninguém ajuda. Ela tenta, mas não consegue mais voltar, tipo assim, acho que ela não sabe mais o que fazer. Aí as pessoas começam a ser violentas com ela, machucam, jogam ela no chão, até que Jesus entra e consegue tirar ela de lá, ele cuida dela, protege ela do mal, mas poderia ser até alguém da nossa família, nossa mãe. (ANÔNIMA – 9º A).

O relato da estudante nos apresenta alguns elementos percebidos no vídeo e que tiveram grande significância nos relatos dos sujeitos ali presentes: a sedução; o desejo por bens materiais, influenciado principalmente pela mídia; a influência de amigos e a vontade de ser aceitos em grupos, que pode estimular o consumo de drogas; a moda que procura ditar normas de beleza; a violência do mundo com os que não seguem os padrões ditados; a família e a religião como fator de proteção; o cuidado como o avesso da violência. Tivemos ainda sujeitos que apontavam a própria família e a polícia como fontes de violência, muito mais do que de proteção aos adolescentes.

⁹O vídeo foi sugerido durante o planejamento das atividades por uma acadêmica de enfermagem que é monitora do PET Redes. Trata-se de um musical produzido originalmente por um grupo gospel norte-americano e que foi reproduzido por vários grupos de teatro em todo o mundo, chama-se “Life house Everything”. A versão que utilizamos está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1Cq1bkeDAGA>>.

Os diálogos levam-nos a contemplar uma juventude que observa sua realidade e se vê, na maioria das vezes, como vítima de uma situação que foge ao seu controle, principalmente se pensarmos no consumo de drogas. Existe no cenário contemporâneo uma tendência de associação entre juventude, violência e drogas. No entanto, essa associação deve ser vista, não como característica comportamental dos jovens, mas como uma interdependência entre sujeito-contexto-substância. Sendo assim superamos a ideia de encarar o jovem como responsável e culpado por esse processo por ser essa uma marca natural desses sujeitos. (PARANÁ, 2008).

Se a violência não é condição da natureza humana, mas uma opção que se faz ante as várias possibilidades de relação social, Boff (2012) nos apresenta o cuidado como esta condição natural humana. Afirma que sem o cuidado estaríamos fadados à extinção, uma vez que estamos imersos em uma situação constante de conflitos internos e externos, desde os nossos primeiros minutos de vida. O fato de estarmos expostos a estas forças contraditórias exige que vivamos o cuidado como preocupação em relação ao nosso destino.

Embalados ainda pelos projetos de vida dos adolescentes que apontavam profissões relacionadas ao cuidado, como expressão de realização pessoal e profissional, perguntamos aos sujeitos: diante de tanta violência presente em nosso cotidiano, quem cuida de nós? Trazemos a síntese das respostas na fala de quatro sujeitos:

[...] só Deus pode cuidar da gente, com tanta coisa ruim no mundo. (MISSIONÁRIO – 9º C).

[...] meus pais cuidam de mim. (ANÔNIMO - 9º A).

[...] as autoridades deviam cuidar de nós, dar segurança, saúde, educação, essas coisas que a gente precisa. (MÉDICA – 9º A).

[...] nós mesmos devemos cuidar da gente. (DESENHISTA – 9º D).

Estas foram as dimensões de cuidado apontadas pelos sujeitos e que pautaram nossos diálogos: o divino, o familiar, o político-administrativo e o autocuidado (FIGURA 26). Pela observação do conteúdo e contexto dos diálogos, percebemos que essas dimensões revelam as suas expectativas de cuidado, ou seja, quem eles acreditam e esperam que exerça este cuidado voltado aos mesmos.

Figura 26 – Diagrama representativo das dimensões do cuidado expressadas pelos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2013



Fonte: Elaborado pelo autor.

A dimensão espiritual do cuidado, expressado pelo cuidado divino, remete a uma aproximação com o transcendental que conecta o homem não só aos outros homens, mas ao “Todo” anunciado por Boff (2012, p.190) no qual o homem “[...] se sente mergulhado nele e se percebe parte dele. Esse todo não está em nenhum lugar, por isso está em todos os lugares.”. Essa conexão leva o homem a um compromisso, a uma empatia com seus semelhantes e por isso ao cuidado de si e dos outros.

Assumir uma vida devotada à dimensão espiritual do cuidado, desenvolve nas pessoas habilidades de autorregulação e autodeterminação e fortalece a resiliência, sendo útil para superar ou reduzir a exposição a situações e comportamentos de risco. (BOFF, 2012; SANCHEZ; RIBEIRO; NAPPO, 2012).

Em geral, o consumo de drogas acaba perdendo força dentro de um contexto religioso, por estar em desacordo com as normas estabelecidas e por não ser este comportamento, praticado ou estimulado entre os pares. Assim, esse contexto exerce também um papel de regulação social, contudo é necessário que esteja amparado por um suporte familiar, para que atinja todo o seu potencial preventivo para o consumo de substâncias psicoativas. (SANCHEZ; RIBEIRO; NAPPO, 2012).

Para o adolescente assumir o cuidado de si, é fundamental o fortalecimento de uma postura resiliente, que depende de três fatores: características pessoais como autonomia, autoestima e competência social; uma família com fortes laços de união e coerência em seu proceder e aquilo que se espera das crianças e adolescentes, em que não há negligência e existe pelo menos um adulto com forte laço afetivo com esses sujeitos, que seja referência de amparo emocional nos momentos de crise; rede de apoio social e recursos institucionais que

respeitem a autonomia e apoiem a criança e o adolescente no enfrentamento das circunstâncias da vida. (BRASIL, 2010a).

O cuidado deve ser expresso como garantia de proteção e bom desenvolvimento por parte de instituições que assistem aos adolescentes, como a escola e as instituições de saúde. No cotidiano das instituições de saúde, ícones do cuidado no ideário popular, os profissionais devem contribuir para que as famílias se fortaleçam e assim fortaleçam a resiliência de suas crianças e adolescentes, ressaltando valores familiares e sociais importantes para uma convivência familiar saudável, tais como o respeito aos direitos da criança e do adolescente e expressão de afeto e carinho, dentre outros. (BRASIL, 2010a).

Boff (2012) defende que o cuidado deve ser assumido como condição para a sanidade social, sendo entendido como *conditio sine qua non*, uma educação humanística, ética e cidadã. O cuidado na escola deve ser fortalecido pelas políticas de acolhimento, de relacionamento e expectativa da escola em relação aos educandos, uma vez que junto com a comunidade, o grupo de amigos e a família exercem influência marcante sobre seus comportamentos, valores e formação de vínculos favoráveis a uma “alfabetização amorosa”. (BRASIL, 2010a; RIBEIRO; YAMAGUCHI; DUAILIBI, 2012).

Essa relação amorosa deve estar presente em todas as nossas relações, é ela que dá significado ao cuidado que prestamos ou que esperamos para nossa vida e o fruto desta relação é a paz, mas não apenas paz de espírito, a paz social, ambiental, mundial. Para sintetizar nosso Círculo de Cultura, apresentamos então os seis princípios da cultura de paz para que os sujeitos pudessem expressar-se livremente:

a) Respeitar a vida:

[...] quando a gente respeita a vida não usa droga, não é violento. (DELEGADA – 9ºB).

[...] só as pessoas boas respeitam a vida. (DONA DE CASA – 9ºC).

b) Rejeitar a violência:

[...] a melhor forma de rejeitar a violência é não ser violento. (POLICIAL – 9º D).

c) Ser generoso:

[...] generosidade é igual a bondade, é ajudar quem precisa pra ser feliz, ai a gente fica feliz também. (EMPRESÁRIO – 9º A).

d) Ouvir para compreender:

[...] se as pessoas conversassem mais, não existiria tanta briga, tanta maldade. (SECRETÁRIA – 9º A).

[...] precisamos ouvir a gente também o nosso coração, uma forma boa é rezar. (ENGENHEIRO – 9º C).

e) Respeitar o planeta:

[...] é cuidar do ambiente, não sujar a sala, a escola, a rua. (ANÔNIMO – 9º D).

[...] não maltratar os animais. (VETERINÁRIO – 9º B).

f) Ser solidário:

[...] gostar de ver todo mundo feliz. (ANÔNIMO – 9º A).

[...] se preocupar com quem precisa mais do que a gente. (POLICIAL – 9º C).

As respostas dos educandos fecham as nossas discussões sobre os aspectos da violência e do cuidado e revelam que os mesmos assimilaram a essência desses conceitos para sua vida, mesmo que de maneira superficial para alguns deles. Temos consciência que estes são temas amplos e que a atividade não esgotou o conteúdo que seria pertinente para abordar, de maneira mais completa, a repercussão destas palavras para a vida dos educandos. Outros pontos nos surgiram no decorrer da atividade, que pensamos ser importantes para uma abordagem em outros momentos, como por exemplo, aprofundar a discussão sobre os tipos de violência levando em consideração as situações possivelmente presentes na vida dos sujeitos, como: violência doméstica, abandono, negligência social e política, violência policial ou ainda o cuidado, como uma política de estado e o autocuidado, como exercício de melhoria das condições de saúde dos educandos. Contudo, nossa intenção era despertar os sujeitos para pensarem nesses dois aspectos em suas vidas e, a partir disso, pensarem em uma mudança de postura e comportamento, principalmente perante as drogas.

6.2.5 *Círculo de Cultura: Como habitar meu corpo?*

*Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado [...]
Pense, fale, compre, beba / Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga / Tenha, more, gaste, viva.
(Música: Admirável chip novo.
Composição: Pricila e Peo de Souza
Interprete: Pitty)*

Este encontro com os sujeitos originalmente objetivava: realizar uma reflexão sobre a constituição do nosso corpo com seus aspectos físico, mental e espiritual; promover a valorização do corpo como importante meio de expressão e comunicação com o mundo; discutir o que é e o que não é saudável ao nosso corpo. Essa foi a primeira atividade que realizamos já no ano de 2014, quando os sujeitos estavam no primeiro ano do ensino médio e outros adolescentes haviam sido incorporados às turmas, vindo principalmente de outras escolas.

Hávamos planejado uma atividade que envolvia música, dança e expressão por movimentos corporais, em um espaço mais aberto da escola, contudo não foi esta, uma boa experiência. Os adolescentes, em sua maioria ficaram dispersos, pareciam não estar entrosados e não ficaram à vontade. No momento foi uma situação desconfortável para nós que conduzíamos a atividade, mas pensamos o quanto deveria estar sendo para eles também. Redirecionamos naquele momento a ação para uma conversa sobre como estamos utilizando nosso corpo e sobre o que é bom ou mal para ele. Assumimos então o compromisso de repensar a atividade, após um momento de diálogo com estes sujeitos.

Recebemos orientações preciosas daquela turma, sobre como conduzir os demais momentos educativos com essa temática. O produto da conversa final com os educandos mostrou-nos que qualquer abordagem educativa em que eles necessitassem usar seu corpo para expressar algo não seria produtiva, uma vez que eles iriam se sentir constrangidos. Os sujeitos sinalizavam que gostavam de se comunicar por meio das redes sociais e não reconheciam seu corpo como meio de expressão e comunicação com o mundo, apesar de muitos deles já usarem de modificações corporais como *piercings* e cortes de cabelo mais exóticos para se singularizarem entre os pares, o que não deixa de ser uma forma de expressão.

Neste momento, que para nós foi crítico, seguimos o que ensina Freire (2011b, p. 39), que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática”, retornamos humildemente ao

planejamento. Decidimos por não excluir a prática corporal do encontro com os sujeitos, o que fizemos foi modificar sua natureza, de lúdica para terapêutica, e incluímos mais um objetivo à nossa nova proposta de abordagem aos educandos: vivenciar um momento de cuidado com o corpo, através da prática de alongamento e meditação.

Figura 27 – Fotos do primeiro momento do Círculo de Cultura “Como habitar meu corpo?” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral – CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este Círculo de Cultura ficou então composto de dois encontros em dias diferentes: o primeiro conduzido principalmente pelos monitores do PET Redes (acadêmicos de Enfermagem e Educação Física), em que após uma sessão de alongamento foi realizada uma dinâmica para facilitar o processo de reflexão e meditação (FIGURA 27). Na dinâmica, era entregue uma folha de papel em branco a cada um, explicamos que aquela folha representava o nosso corpo. Deveríamos pensar na vida, nos momentos bons e ruins e amassar o papel a cada pensamento, ao final deveríamos desamassar o papel e pensar se queríamos jogá-lo no lixo. Concluída a dinâmica convidamos todos a fechar os olhos e através de exercícios de respiração e música suave, buscar o relaxamento, tomando consciência de cada área de nosso corpo e dos pensamentos que tivemos ao amassar o papel.

Neste primeiro momento, evidenciamos algo que havia sido sinalizado pelo primeiro grupo de educandos, eles não estão dando a devida atenção aos seus corpos. Durante o alongamento, percebemos sujeitos com pouca flexibilidade e amplitude de movimentos e sentindo dores ao assumir algumas posturas. Considerando que a maioria dos educandos está com 14 ou 15 anos de idade, esperávamos que os mesmos não enfrentassem dificuldades alguma para realizar os movimentos.

Os adolescentes estão cada vez menos envolvidos em atividades de prática corporal, ficando fisicamente inativos. A causa disso é o fato de estarem dedicando mais tempo às atividades de baixa intensidade, como assistir televisão, usar computador, jogar videogame ou ficar ao celular por horas. Tais atividades desde a infância vêm promovendo entre os jovens comportamentos sedentários e menos atenção ao seu corpo, na perspectiva do cuidado à saúde e desenvolvimento motor. (ENES; SLATER, 2010; FARIAS JUNIOR, 2008; SILVA *et al.*, 2008).

A atividade física além de prevenir os prejuízos, como obesidade, diabetes, hipertensão arterial e doenças coronarianas, tem um grande potencial para melhorar sintomas depressivos e ansiosos, sendo possível evidenciar uma relação positiva entre a prática de atividades físicas na adolescência e baixa adesão ao consumo de drogas na idade adulta, uma vez que o estilo de vida associado às práticas corporais é incompatível com o consumo de substâncias psicoativas. (RIBEIRO; OLIVEIRA; MIALICK, 2012).

Neste Círculo de Cultura optamos por vivenciar uma experiência de cuidado ao corpo. Nosso intuito ali, não era apenas a coleta de informações, queríamos passar por esta experiência e que ela fosse significativa para todos.

No geral, os adolescentes vivenciaram bem todas as etapas do encontro, mesmo tendo percebido alguns dispersos. No momento de conversarmos sobre os resultados do encontro, os jovens puderam se expressar mais livremente. Muitos afirmavam ter achado o momento positivo para fazer uma reflexão sobre a importância de cuidar do corpo como um todo, expressaram isso principalmente nos comentários acerca da dinâmica.

Os principais comentários dos adolescentes diziam respeito a não desprezar seu corpo, independente das marcas ou feridas que ele possuía; cuidar melhor de seu corpo para que quando alcançara maturidade eles não estejam tão sofridos; ter responsabilidade com o que estavam escolhendo, pois isso poderia prejudicar a saúde de seu corpo; estavam precisando cuidar mais de sua mente e seu espírito.

Boff (2012) afirma ser a meditação um encontro com o nosso interior que, para algumas pessoas, pode ser uma experiência desconfortante, uma vez que não é fácil encararmos nossa face mais sombria, nossos medos, egoísmo, inveja, orgulho. No entanto, esse mesmo autor chama-nos a não desanimar, pois afirma ser este encontro, o início de um processo de libertação. Outro valioso benefício da prática de meditação é a consciência de que ela não resolve os nossos problemas, mas nos reveste de serenidade e força interior para confrontá-los e crescermos com eles.

A meditação quando investida de caráter espiritual pode ser compreendida como geradora de um compromisso consigo mesmo e com os outros, pautado por ideais mais amplos e nobres e por crenças que dão sentido sólido à vida de quem faz esta opção. Essa atitude fortalece os sujeitos e eles geralmente não encontram sentido em resolver suas crises ou de buscar completude em meios artificiais. (SANCHEZ; RIBEIRO; NAPPO, 2012).

Para nós, este momento foi rico, não pelo aprendizado ou pelo conteúdo do tema gerador discutido, mas pelo que significou para os sujeitos. Freire (2011b) fala que nós não nos damos conta, que um simples gesto do educador pode valer como força alentadora ou como a oportunidade do educando assumir-se a si mesmo como sujeito de transformação. Continua, lamentando que a escola perca hoje o seu caráter de formação integral em detrimento de uma transmissão de conteúdos, muitas vezes vazios de sentido para os educandos.

No segundo encontro, trabalhamos na perspectiva de discutir a nossa constituição corporal. Como diz o tema deste encontro, pensamos em como habitar nosso corpo. Salientamos que não estamos tendo a visão de um corpo como uma veste ou invólucro de um conteúdo. Nossa intenção era promover um distanciamento para melhor objetivar este corpo, de uma forma que a subjetividade não nos permite.

Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-la. Objetivando ou admirando – admirar se toma aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo. (FREIRE, 1979, p. 15).

Sendo fieis ao nosso referencial, comungamos com a visão de corpo proposta por Freire (2011c, p. 125) de um “corpo consciente”. Gonçalves (2012), que fez uma densa busca para compreender o que seria este corpo consciente na obra de Paulo Freire, afirma que esse termo perpassa praticamente todas as obras do autor e, em todas as aparições, Freire busca afugentar a ideia de consciência como um compartimento dos seres humanos. Apregoa ele, que consciência é o próprio ser humano, com todo o seu potencial cognitivo, social, histórico e afetivo.

A mim sempre me pareceu uma violência esta “distância” fria do corpo que, pelo contrário, para mim é algo extraordinário. O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o **corpo consciente**, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que

odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive! (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 14, grifo nosso).

Iniciamos a atividade com duas perguntas geradoras: onde está seu celular neste momento? Quantas vezes você deu atenção ao seu celular hoje? Após a resposta dos alunos, fizemos mais duas perguntas: onde está o seu corpo neste momento? Quantas vezes você deu atenção ao seu corpo hoje?

As respostas das duas primeiras perguntas saíam quase que automaticamente em uníssono: “No meu bolso.”; “Na minha bolsa.”. Ao responderem a segunda pergunta, instalava-se uma verdadeira chuva de situações que apontavam a quantidade de vezes que haviam acessado suas mensagens ou chamadas perdidas, realizado ligações para amigos e acesso às redes sociais. Para o segundo bloco de perguntas geradoras, comportamentos um pouco diferentes, a primeira resposta era antecedida de risos e a indicação de que estavam sentados em suas cadeiras; a segunda resposta era precedida do silêncio de quem se vê surpreso e após uma rápida busca na memória vinham as respostas: “Quando tomei banho.”; “Quando merendei no recreio.”; “Quando me maquiei.”.

A conexão percebida entre o celular e a consciência dos sujeitos pareceu-nos muito mais forte que a com seu corpo. Os sujeitos até conseguiram ter consciência do corpo naquele momento, por saber sua posição e relação espacial com o meio, mas assumir o corpo consciente vai além, é escrever a própria história com o corpo, e no corpo, assumindo uma postura que gera saúde e vida. Freire (2011c, p. 17), escrevendo sobre seu tempo de exílio mostra o quanto sabia corporificar sua história: “[...] chego com o *corpo molhado de história* de marcas culturais, de lembranças, de sentimentos, de dúvidas, de sonhos rasgados mas não desfeitos, de saudades de meu mundo, de meu céu, águas mornas do Atlântico [...]” (FREIRE, 2011c, p. 17, grifo nosso).

Para instigar os sujeitos a pensarem no corpo dentro da dimensão do corpo consciente, disparamos outra pergunta: como está composto nosso corpo? Apresentamos, após ouvir suas respostas, duas imagens separadamente: a de um corpo fragmentado e com partes apresentadas dentro de um círculo de diferentes tamanhos com distribuição desordenada e a de um tradicional *iceberg*, com seu cume exposto e o restante submerso, como mostra a Figura 28.

Figura 28 – Imagens do corpo fragmentado e o *iceberg*



Fonte: Google imagens (2014).

As respostas dos sujeitos dão conta de um corpo como algo físico e fragmentado, o mesmo corpo contemplado nas aulas de biologia, tão cuidadosamente preparadas para dar conta da lógica cartesiana do conhecimento. Um corpo feito por partes que se ligam, mas que podem ao mesmo tempo estar desvinculadas entre si, com maior atenção a uma área em detrimento de outras, postura que aprofunda a cisão entre o fazer manual e o intelectual. Lógica assumida pelos educandos ao explicar que somos assim, pois “Algumas pessoas usam mais a cabeça, outras mais os braços ou as pernas, depende de pessoa para pessoa, depende de como ela vive.”.

Ao apresentarmos a imagem do *iceberg* como uma forma de ver nosso corpo, a surpresa tomava conta da maioria dos alunos. Então, perguntamos se conseguiam fazer alguma relação entre a imagem e nosso corpo: “É grande como esse gelo.”; “É frio.”; “Tem uma parte que fica escondida.”; “Como é que isso não afunda todo?”. Surpreendemo-nos com a ingenuidade de alguns que perguntavam se “Aquilo realmente existia ou era apenas coisa de filme.”. Ativada a curiosidade dos educandos, buscamos explicar nosso ponto de vista, apresentando um corpo como um sólido bloco sem partes, assim como o *iceberg*. Temos, como ele, uma área que fica visível, uma área de contato, assim como também uma grande área que precisa ser descoberta e para isso é preciso fazer um mergulho, como a nossa consciência, nosso espírito, nossa mente.

Transcrevemos aqui um diálogo entre educandos e educadores que nos fez acreditar que fomos entendidos:

- Você disse que ele [referindo-se ao *iceberg*] não tem partes, mas se a gente conseguisse quebrar ele? Ai a gente ia ter várias partes não é?!
- Mesmo assim ele não teria partes, o que teríamos eram outros *icebergs*, também completos.
- [...]
- Entendi, então é preciso ver ele todo [referindo-se ao corpo], senão acontece a mesma coisa que aconteceu com o navio, vamos bater na parte que não vemos, ai afunda.

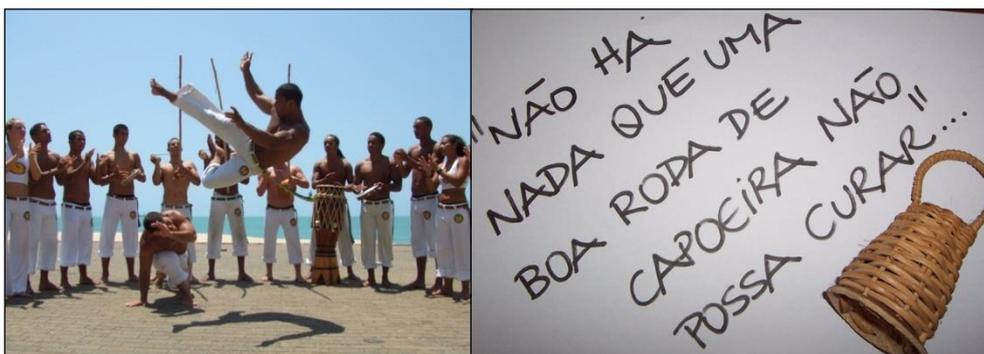
Se a definição de corpo consciente nos parece clara até aqui, resta-nos saber como assumir este corpo consciente. A resposta é tão óbvia quanto foi a percepção do educando no diálogo anterior: através do processo de conscientização.

Esse processo implica a superação da esfera espontânea de apreender a realidade, para se chegar ao nível crítico, no qual o homem se assume como ser epistemológico, fazendo de sua realidade um objeto cognoscível. É um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos e de suas razões de ser. A conscientização concretiza-se através do “pensar certo” e do “fazer certo”, que nada mais são, do que a corporificação das palavras pelo exemplo, a assunção de um agir crítico e coerente. Um processo que deve iniciar com os pais e depois com os professores, visto que é um processo também de aprendizado. Assunção deste corpo consciente faz-se no nível das relações. (FREIRE, 1979; 2011b).

Com corpo consciente, podemos nos tridimensionar na história, muito mais do que apenas assumir a condição de um ser que, conscientemente, se projeta no passado, no presente e no futuro. O corpo consciente assumido, historicamente tridimensionado, é o corpo que escreve sua história e assim fazendo, escreve-se na história, mas também escreve a história em si. Dessa forma, é estar também conscientes das necessidades integrais de nosso corpo, não o atendendo apenas quando ele pede socorro (sintomas de doenças).

Para finalizar nosso momento de diálogo, apresentamos algumas imagens de danças típicas de alguns países para que fosse feita a reflexão deste corpo que comunica e escreve história. Dentre as imagens, a que mais foi discutida foi a de uma roda de capoeira (FIGURA 29). Naquele momento, os educandos entenderam que a capoeira era uma forma desta expressão do corpo consciente: “Os negros expressavam suas tristezas e alegrias com a capoeira.”; “Era uma forma de manter sua religião e as lembranças de seu lugar.”; “Era uma forma de defesa contra a violência dos donos dos escravos.”; “Uma maneira de exercitar o corpo.”.

Figura 29 – Imagens da roda de capoeira



Fonte: Google imagens (2014).

A última etapa do encontro foi a construção do que chamamos de painel de experiências (FIGURA 30), que era o nosso momento de síntese dos conhecimentos apreendidos. Os educando foram convidados a desenhar um corpo, usando como molde um colega e neste desenho expressar o que, para eles pode trazer benefícios ou prejuízos ao nosso corpo. Para isso, deveriam escrever dentro do corpo o que julgavam bom ao corpo e fora dele o que julgavam ruim.

Figura 30 – Fotos da construção do painel de experiências do Círculo de Cultura “Como habitar meu corpo?” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na sequência, trazemos o resultado do painel de experiências (QUADRO 5), mas antes, é importante pontuarmos alguns informações que nos foram passadas pelos sujeitos durante a construção da síntese e que também diz respeito ao entendimento e à relação que

estes mantêm com seu corpo e com o corpo dos outros. Primeiro foi a difícil tarefa de convencê-los a desenhar e se deixar desenhar, como se aquela fosse uma maneira de exposição ou de invasão ao perscrutar os limites do corpo do outro. Sentimos como se o corpo ali, representasse um tabu, principalmente no contato com pessoas do mesmo sexo. Percebemos que nessa atividade sempre estava envolvido um casal, em nenhuma turma tivemos o desenho feito por sujeitos do mesmo sexo. A palavra sexo sempre aparecia dentro do corpo próximo ou no exato local dos genitais.

Essas informações colhidas não nos causam estranheza, dada a consciência da fase da vida pela qual estão passando os sujeitos, de descoberta sexual, de maturação e variação hormonal, de estabelecimento de limites na relação com seus corpos e com os corpos de seus pares. Abreu *et al.* (2013), em abordagem educativa utilizando o Círculo de Cultura entre adolescentes de Sobral-CE, evidenciou o interesse pela discussão de temas relacionados à sexualidade entre os sujeitos de seu estudo, que expressaram não dispor de canais para um diálogo mais rico sobre o tema, afirmaram que na família ele é pobre ou não acontece e na escola o diálogo aborda aspectos biológico o que fortalece a associação com a reprodução, estando os professores e profissionais de saúde que os assistem, carregados de preconceitos e tabus.

Quadro 5 – Resultado do painel de experiências Círculo de Cultura: “Como habitar meu corpo?” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014

FAZEM BEM AO CORPO	FAZEM MAL AO CORPO
Sexo, música, amigos, Deus, saúde, respeito, ler, funk, comer, caminhar, namorar, dançar, malhar, rock, sexo, beijo na boca, usar o cérebro, pensar, <i>WhatsApp</i> , Nescau, dormir, músculos, rir, Doritos, animes, arte, amor, chocolate, palhaçada, tocar, <i>Facebook</i> , Nutela, educação, atividade física, bons pensamentos, ética, bom intestino, comida, esportes, esperança, ideia própria, pular, liberdade, dinheiro.	Funk, matemática, ambição, inveja, sol, reggae, prostituição, cigarro, álcool, drogas, mágoas, tristeza, preconceito, ambição, violência, não saber usar o corpo, anabolizantes, pedra, loló, pedra, maconha, má influência, sedentarismo, cocaína, pó, má alimentação, dinheiro.

Fonte: Informações dos sujeitos da pesquisa.

O resultado do painel de experiências alenta-nos quando percebemos que a visão de corpo mostra-se ampliada, sendo apontadas palavras que não se restringem ao plano físico e que expressam realmente o que tem feito os sujeitos mais felizes ou que tem potencial de fazê-los, assim como aquilo que deve ser evitado para uma relação melhor com seu corpo e deste com o seu mundo. Uma palavra recorrente nos desenhos como algo que deve ser

deixado fora do corpo foi “droga”, assim como vários tipos de substâncias citadas pelo nome. Isso mostra que os educandos já começam a assumir um corpo consciente, ao perceber que essas substâncias podem afetar seu corpo. Dessa forma, eles ficam mais próximos de um “fazer certo”, sabendo que tudo o que vivemos afeta nosso corpo e toda tentativa de alterar o funcionamento deste corpo pode alterar toda nossa história. As pessoas que consomem drogas passam a ter sua história contada dentro do contexto daquela substância e não de uma vida livre.

Não nos detemos em objetivar cada palavra ali expressa, compreendemos que esse exercício deve ser feito em um momento posterior, visto que a experiência deste Círculo de Cultura abriu-se como um pretexto para retornarmos aos sujeitos e retomar todos os temas geradores que dali efluíram, principalmente aqueles voltados à sexualidade adolescente.

6.2.6 Círculo de Cultura: Cidades para as pessoas e pessoas para as cidades

*Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha
Mais sincero o bom dia*

(Música Simplicidade – Compositor: John – Interprete:
Banda Pato Fu)

O título deste encontro com os sujeitos foi inspirado no livro do arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl – **Cidades Para Pessoas**. O autor, como quem se apodera de um livro, lê as cidades e as compreende dentro do contexto das relações entre os espaços públicos e as pessoas que os preenchem, sob uma ótica da qualidade de vida nestes espaços. (GEHL, 2013).

Mesmo com o pouco tempo disponível para as discussões com os educandos, buscamos lançar um olhar, também nessa ótica de Gehl (2013), sob a qual objetivamos refletir acerca das cidades ideais para o bem-estar de seus habitantes, contudo incluindo elementos que dizem respeito aos comportamentos humanos para viabilizar o bem-estar nas cidades, que nada mais é do que a vivência da cidadania.

Pensamos ser importante para estes jovens refletir nesta perspectiva, uma vez que dentre os fatores de proteção ao consumo de drogas temos o envolvimento dos jovens às questões sociais e ao bom desenvolvimento de sua cidade, através do respeito às leis e normas de convivência e conduta. (BRASIL, 2010c). Adolescentes que são capazes de perceber as fragilidades sociais e estruturais em sua cidade com uma postura crítica e comportamento

resiliente, podem desenvolver ideais de vida e sentimentos de autoestima que os levam a caminhos opostos aos das drogas.

Esta atividade foi dividida em dois encontros com os sujeitos, nos quais buscamos discutir o que seriam estas cidades para pessoas e estas pessoas para cidades. Para o primeiro encontro, utilizamos em *slides*, imagens do cotidiano de algumas cidades como ativadoras de discussão (Figura 31): enxurradas, acúmulo de lixo, violência urbana, desigualdade social, inacessibilidade, degradação da natureza etc. Em todas as imagens, fazíamos a reflexão, pautados na relação daquela situação com as pessoas e com a cidade em si. Com a discussão das imagens, assistimos ao vídeo “Ilha das Flores¹⁰”, que foi importante para sensibilizar os adolescentes para a problemática do lixo e das desigualdades sociais nas cidades. Seguimos apresentando o resultado das discussões das imagens, que foram momentos de intensa troca, sendo os diálogos, balizados pela realidade de vida destes sujeitos.

Figura 31 – Imagens utilizadas no Círculo de Cultura “Cidades para pessoas e pessoas para as cidades”



Fonte: Google imagens (2014).

¹⁰ O filme é uma produção brasileira em forma de documentário, que retrata as desigualdades sociais entre os seres humanos, tem ainda um apelo ambiental, uma vez que nos leva a pensar sobre a forma como estamos consumindo, produzindo resíduos e dando destino final a estes. Está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LETSDS8qm9U>>.

Os diálogos seguiram por muitos caminhos diferentes conforme íamos avançando com a apresentação das imagens, enquanto alguns tocavam em pontos, como a destinação incorreta de lixo em uma situação apresentada, outros viam o mesmo problema em outras situações. Dessa forma, ficou mais viável discutir os resultados, não seguindo a ordem de apresentação das imagens, mas as categorias que surgiram após avaliarmos os registros. São elas:

- **Política e responsabilidade social:**

Os diálogos que levaram à composição desta categoria mostram-nos sujeitos extremamente incomodados com os problemas de ordem política ou administrativa, de sua escola e de sua cidade, mas de seu estado e país.

Em várias situações em que discutíamos os serviços públicos da cidade ou problemas de infraestrutura, comumente os adolescentes soltaram frases enraivecidas como: “Esse prefeito devia era ser demitido logo, não cuida bem da cidade.”; “Os políticos não estão nem aí pra gente, só pensam em encher o bolso.”; “Não vejo nada de melhoria que estão fazendo aqui em Sobral, tudo parece estar pior [...] é muita violência, sujeira, rua sem luz.”.

Os sujeitos manifestavam, ainda, preocupação com a qualidade de vida das pessoas e com a maneira como são gastas as verbas públicas, em que o social parece estar em segundo plano diante de necessidades de políticos e de grupos privados: “Vereador no meu bairro só aparece de quatro em quatro anos [...] só pensa em encher o bolso e esquece da gente.”; “Achei importante algumas cidades acabarem com o carnaval este ano, tem muita gente passando fome e sede e eles ficam aí gastando o dinheiro com festa, que só serve pra dar mais dinheiro pra quem é rico.”.

Os sujeitos manifestam sua indignação também em comentários voltados à rigidez com que a escola lida com a ordem, cumprimento de horários, restrição a utilização de aparelhos eletrônicos e acesso a algumas áreas, tudo isso sem que os adolescentes disponham de espaços próprios para discussão dessa realidade.

Questionados sobre como se ter solução para esses problemas, os adolescentes sentem-se impotentes: “A gente mesmo não pode fazer nada, somos adolescentes ainda.”; “De que adianta a gente ficar falando, ninguém quer escutar a gente.”; “Se eu fizer a minha parte, mas os outros não fizerem nada vai ficar tudo do mesmo jeito, por isso eu acho que não dá pra fazer nada.”; “No Brasil?! Aqui não adianta fazer nada, as coisas vão ficar sempre do mesmo jeito, não vê as manifestações? Não deram em nada! A gente aqui está largado.”.

Gehl (2013) explica como se dá a percepção de uma cidade sobre o ponto de vista das pessoas que ali residem. Diz que a qualidade de uma cidade é percebida ao nível dos olhos de quem nela vive, é na pequena escala dentro da paisagem urbana que as pessoas se encontram de perto com a cidade, geralmente os locais pelos quais caminhamos, dentro de nossa velocidade média de 5 km/h. Portanto, mesmo que uma cidade esteja bem estruturada em suas áreas centrais ou em pontos isolados, as pessoas que residem na periferia não conseguem sentir os efeitos dessa estrutura.

Sabendo que a maioria dos sujeitos emana de bairros periféricos de Sobral, é então esperado que realmente se encontrem munidos de um sentimento de indignação com a administração pública, pois é ali, ao nível de seus olhos, que se dão as situações de descaso público, violência, impunidade etc.

Se alguns têm manifestado esta raiva ante sua realidade, outros preferem o discurso do fatalismo, ora apoiados no argumento de não terem idade para mudar a realidade de sua cidade ou escola, ora por terem perdido a esperança de que alguma mudança possa ocorrer ante ao atual contexto político de corrupção e descaso com o bem público no Brasil.

Freire (2000, 2011a, 2011b) parte em defesa da raiva e da rebeldia legítimas que, tendo como ponto de partida a curiosidade e a indignação com uma situação opressora, impulsiona os sujeitos a questionar seu mundo por meio de uma corajosa discussão da problemática. Este é o caminho apontado para o exercício da democracia e da cidadania, que só é legítimo se for fundado no diálogo constante com o outro.

É uma vocação da escola, preparar seus educandos para problematizarem a realidade em que vivem e isso deve começar pela coragem de se abrir a esta problematização por parte dos alunos, que devem ser estimulados em todas as suas ações a assumir e deixar fruir sua legítima indignação. Toda esta indignação manifestada pelos sujeitos ao objetivarem seus espaços de convivência urbana revela que muito de estrutura e assistência tem lhes faltado.

Compreendemos que realmente seja necessário um rigor nas normas de boa convivência da escola e que sem essas normas o ambiente escolar estaria exposto a várias situações desfavoráveis ao processo educativo. Sabemos também que é legítimo o direito à “justa ira”, como tão bem nos explica Freire (2011b, p. 58):

O professor que despreza a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se

furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

- **As questões ambientais:**

O lixo foi colocado como uma questão central em praticamente todos os diálogos, sendo mostrado pelos educandos como a causa dos transtornos percebidos nas cidades. Mas enquanto alguns partiam para o ataque à administração pública como responsável pela situação em que se encontra a produção, outros levantavam a responsabilidade que temos em não produzir tantos resíduos ou de dar destino correto aos que geramos inevitavelmente, existiam ainda aqueles que manifestavam curiosidade sobre o destino dos resíduos em Sobral: “Não acho que a culpa da sujeira seja só de quem não está limpando, quem está sujando talvez tenha mais culpa ainda.”; “Se as pessoas fossem educadas e separassem o lixo, ia ficar bom até para quem vive juntando ele para sobreviver.”; “Nossa cidade ia ficar muito mais bonita se a gente fosse educado.”; “O que eles fazem com tanto lixo? Queimam é?”.

Um diálogo observado em sala revela que a preocupação com a geração de resíduos não se dá apenas na perspectiva de uma vida melhor para os humanos, mas demonstra que alguns dos educandos se importam também com a fauna e flora de sua cidade, além de sintetizar qual a compreensão deles sobre os responsáveis:

A Lagoa da Fazenda [parque ecológico situado nas proximidades da UVA] já está acabada, estão jogando muito esgoto lá dentro e já mataram todos os peixes, os marrecos que moravam lá ou já morreram também, ou já foram embora. (POLICIAL – 1º C).

[...] a culpa disso é do prefeito que não faz nada para limpar. (ADVOGADA - 1º C).

Acho que a culpa é do povo que mora lá, ficam puxando esgoto para dentro da lagoa [...]. (MODELO – 1º C).

[...] não sei de quem é a responsabilidade, eu só sei que se não tiver pra onde colocar o esgoto, dentro da minha casa é que ele não vai ficar. (ENGENHEIRA – 1º C).

Contemplar o diálogo dos educandos sobre questões ambientais é antes de tudo ter a certeza de que estes sujeitos estão assumindo uma postura ética ante o mundo com o qual se relacionam. Sendo éticos com o mundo, possivelmente serão éticos consigo mesmos e com os outros. Não assumirão comportamentos de risco e se manterão distantes de situações que reproduzam injustiça social ou violência.

Paulo Freire, em toda a sua incompletude assumida, buscou transitar por vários campos da formação educacional humana, inclusive da formação ambiental, chamando

educando e educadores a assumir este cuidado com a Terra, nossa casa. Freire (2011d) afirma que o diálogo autêntico implica o pensar ético e uma atuação comprometida politicamente com o “outro”, em uma relação na qual não existe a dicotomia entre Homem e Mundo, mas sim a inquebrantável solidariedade que, criticamente, analisa e intervém.

É imprescindível o diálogo ambiental na formação de pessoas melhores para as cidades. Montamos, assim, um ciclo de retroalimentação em que os sujeitos expostos multiplicam comportamentos ambientalmente saudáveis de sustentabilidade para as cidades, que atingirão as gerações futuras. Cidades sustentáveis promovem a sustentabilidade social e redução das iniquidades, os esforços para alcançar esta realidade passam pela estruturação dos ambientes físicos e das instituições, mas não podem deixar de lado a formação humana (GEHL, 2013).

Concluimos com uma provocação aos educadores sobre a importância dos aspectos ambientais na formação dos educandos:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 2011b, p. 31-32).

- **Cidadania e solidariedade versus vandalismo e violência:**

Envoltos em um ambiente de violência no qual as regras muitas vezes são ditadas por bandidos que dominam a ordem local, os jovens acabam expressando em seus comentários posturas violentas de resolução dos problemas. Um exemplo foi o comentário de um educando que, respondendo sobre a solução para os problemas de seu bairro disse: “[...] tem é que matar os bandidos tudo, mandar bala nos traficantes [...] era pra matar também o prefeito e esses político corrupto que só faz o que não presta.”

A violência tem se tornado uma opção viável aos problemas, uma vez que ela é parte da rotina destes sujeitos. Vemos, no entanto, adolescentes que estão na mesma situação de vida, mas conseguem desenvolver atitudes mais resilientes e enxergam outras possibilidades para resolver os problemas de sua cidade, como o respeito ao próximo e a solidariedade: “Não! Não é com vandalismo que a cidade fica melhor [...] ela tem que ter menos violência e vandalismo, menos preconceito, as pessoas têm que procurar ser melhores,

ajudar o meio ambiente, ser um bom vizinho [...] eu quero ser uma boa vizinha.”; “Temos que ajudar as pessoas que precisam, tem muita gente que precisa mais que a gente.”.

Freire (2011b, p. 45) alerta para a “[...] pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”. O meio no qual estamos inseridos é também veículo de aprendizado, sendo algumas vezes mais significativos para os educandos do que o próprio aprendizado na escola.

Deve ser empreendido esforço tanto da escola, quanto das famílias para reforçar nos adolescentes os comportamentos resilientes, para que esses sujeitos se desenvolvam de forma autônoma, para que mesmo em ambientes adversos possam ter uma autoestima positiva, autocontrole, temperamento afetuoso e flexível e comprometimento social, desta forma alcançaremos níveis ideais de qualidade de vida para estes sujeitos no contexto das cidades. (BRASIL, 2010a).

- **Acessibilidade e as pessoas com deficiência**

Não foram muitos os sujeitos que teceram comentários direcionados a esta categoria, porém devido à importância da questão, observada em suas falas, ela não poderia passar ao largo na discussão por uma cidade com mais qualidade. A postura dos sujeitos que quiseram se manifestar sobre a condição de sua cidade para as pessoas com deficiência nos surpreendeu, uma vez que expressaram preocupação com o desrespeito prestado a estas pessoas. A postura deles não foi de assumir sentimentos, como pena ou dó, manifestaram o entendimento de que essas pessoas devem ser respeitadas em seus direitos: “A cidade tinha que ser igual pra todo mundo, mas quem tem problemas com deficiência mal conseguem sair de casa se não for com outra pessoa, não é seguro para elas ficar andando sozinhas.”; “Esse dinheiro de estádio e de copa, era pra ser gasto era com melhorias na cidade, para melhorar as condições de quem tem deficiência.”.

Os sujeitos mostraram compreender que as cidades hoje têm apresentado dificuldades à locomoção, segurança, atenção à saúde, lazer entre tantos outros problemas. Todos os cidadãos estão expostos a isso, contudo para um quantitativo da população, esses problemas ganham nuances diferentes sendo potencializados pela inacessibilidade. Pessoas com deficiências, todos os dias têm que superar inúmeras barreiras no espaço urbano, muitas vezes intencionais, para poder usufruir de serviços básicos ou simplesmente para exercer seu direito de ir e vir. (MOREIRA; MOREIRA; DONOSO, 2007).

As cidades devem ser pensadas e planejadas, tomando-se como ponto central o respeito pelas pessoas, por sua dignidade e entusiasmo de viver. As cidades não podem

sufocar ou limitar as pessoas, devem ser apenas o pretexto para promoção de encontros. (GEHL, 2013). Dessa forma, as cidades devem ser voltadas para a promoção da cultura, do lazer, da educação e do desenvolvimento humano, levando em consideração toda a diversidade, a qual nós humanos somos detentores. Precisamos favorecer o desenvolvimento de pessoas com posicionamentos menos preconceituoso e discriminatório e cheias de atitude para contagiar as demais pessoas, desde a adolescência. (MAZZOTTA; D'ANTINO, 2011).

Freire (2011c) não se reporta em seus escritos, diretamente à atenção à pessoa com deficiência, talvez por não encontrar necessidade nisso uma vez que, estimulando a assunção de princípios como igualdade, respeito às diferenças, à liberdade, à autonomia, à desalienação sócio-política, garantimos a formação de uma sociedade mais justa e fraterna para que as pessoas com deficiência tenham assegurados seus direitos.

Essas pessoas têm muito a nos ensinar que enfrentando vários obstáculos e problemas, não perdem a esperança de ter um dia uma cidade que as respeite. Iniciamos aqui a descrição do segundo encontro com os sujeitos dentro da temática “Cidade para pessoas e pessoas para cidades”, que teve como ponto de partida a apresentação do vídeo de uma pessoa que é sinônimo de superação e resiliência: Nick Vujicic¹¹.

Após assistirmos ao vídeo, discutimos sobre a visão que algumas pessoas da turma tinham em pensar que não poderiam fazer nada para mudar sua realidade ou a realidade de sua cidade, por serem “somente adolescentes”. Com o vídeo, alguns sujeitos começam a ter uma percepção diferente: “Vejo que o que está faltando para melhorar, é ter atitude.”.

Essa abertura para acreditarmos na possibilidade de mudança, independente da condição que nos encontramos, foi importante para o próximo passo do encontro que era construirmos a síntese de todos os nossos diálogos em um cartaz para expressar o ideal de uma cidade para pessoas e de pessoas para esta cidade (FIGURA 32).

Uma turma de alunos era dividida em três grupos, nos quais os adolescentes deveriam traçar um diálogo para resgatar os pensamentos expressados sobre o tema até ali discutidos, para então construirmos nosso painel de experiências. Após a preparação do cartaz, os sujeitos elegiam um representante para explicar sua produção. Os tópicos apresentados nos cartazes foram consolidados e são apresentados no Quadro 6.

¹¹Nick Vujicic é um homem que nasceu sem os quatro membros devido a uma rara síndrome chamada de Tetra-amelia. Após uma difícil infância, inicia aos dezessete anos uma organização sem fins lucrativos chamada *Life Without Limbs*. Hoje atua como palestrante motivacional e evangelista. Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IWSOM210kEo>>.

Figura 32 – Fotos do Círculo de Cultura “Cidades para pessoas e pessoas para as cidades” com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 6 – Resultado do painel de experiências Círculo de Cultura: “Cidade para pessoas e pessoas para cidades” por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014

CIDADE PARA PESSOAS	PESSOAS PARA CIDADES
<ul style="list-style-type: none"> - Limpa; - Que respeite as pessoas; - Sem poluição sonora; - Sem desmatamento; - Com respeito no trânsito; - Com educação de qualidade; - Com respeito aos idosos; - Com respeito aos portadores de deficiência; - Que não mate os animais; - Com saneamento básico; - Sustentável; - Que promova a paz; - Mais segura; - Sem tráfico de drogas; - Sem violência; - Que melhore a saúde das pessoas; - Sem prostituição; - Sem trabalho infantil; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dedicadas; - Educadas; - Compreensíveis; - Inteligentes; - Unidas; - Responsáveis; - Solidárias; - Que tenham esperança; - Com fé; - Com humildade; - Fortes; - Felizes; - Que não usem drogas; - Sem violência; - Sem preconceito; - Com mais amor; - Honestas.

<ul style="list-style-type: none"> - Sem corrupção; - Com bons políticos; - Que traga esperança para as pessoas; - Com bons hospitais; - Com locais para se exercitar. 	
---	--

Fonte: Informações dos sujeitos da pesquisa.

O resultado do painel de experiências mostra que os adolescentes expressaram características ou temáticas não discutidas no encontro anterior, extrapolando os temas do Círculo de Cultura, mostrando que os mesmos estão com uma percepção ampliada sobre a temática, ao projetar um olhar mais complexo e crítico sobre suas realidades de vida. O exercício mostrou que é possível para esses sujeitos assumirem pensamentos mais comprometidos com a transformação de seu mundo. Transformação que iniciam com a assunção das palavras para, a partir delas, assumirem os comportamentos mais seguros, chegando ao que Freire (2011a; 2011b; 2011c; 2011d) chama de “pensar certo” e “fazer certo”.

6.3 Luz, câmera, ação: descrevendo uma vivência de protagonismo

Se o compromisso verdadeiro com eles, implicando na transformação da realidade em que se acham oprimidos, reclama uma teoria da ação transformadora, esta não pode deixar de reconhecer-lhes um papel fundamental no processo da transformação.

(FREIRE, 2011d, p.168)

Buscaremos aqui, descrever o percurso de gravação do vídeo protagonizado pelos sujeitos deste estudo que foi intitulado de “Adolescência saudável, vida sem drogas”. O produto gravado se conforma como um material educativo que pode servir de subsídio para trabalhos voltados à prevenção do consumo de drogas entre adolescentes, trazendo questões importantes para a discussão como a sedução das drogas, o tráfico em espaço escolar, a rede de influências para o consumo, o tratamento de usuários e a arte e a música como expressões de uma adolescência saudável e sem drogas.

Todo o material foi pensado pelos adolescentes, que estruturaram suas falas e o roteiro das cenas, assim como determinaram os locais para gravação. Algumas reuniões foram necessárias para o planejamento e delineamento da produção, que se mostraram também momentos de discussão sobre o consumo de drogas entre adolescentes e sobre o protagonismo juvenil.

Para a produção do vídeo, convidamos os educandos a participarem de alguns encontros no turno da tarde, com registros fotográficos apresentados na Figura 33. Esses encontros tiveram a finalidade de elaborarmos uma história que desse conta dos aspectos do consumo de drogas entre adolescentes e que mantivesse uma proximidade com a realidade destes sujeitos. Para que fosse planejado o tipo de filme que iríamos gravar, fizemos a seleção de alguns formatos diferentes de vídeos para facilitar a decisão.

Dentre os vários formatos, os educandos fizeram a opção por encenar uma história que contasse a trajetória de uma adolescente que decide consumir maconha. Queriam montar um vídeo em que eles pudessem expressar-se de forma mais livre e descontraída, sem que precisasse ficar decorando texto, diziam que assim poderiam manifestar suas opiniões e nas falas que fossem favoráveis ao consumo, colocariam elementos de situações reais do cotidiano da escola que percebem ao conversar com outros colegas.

Figura 33 – Fotos dos encontros de preparação para o vídeo por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

As reuniões de planejamento do vídeo foram momentos ricos de discussão (FIGURA 33), conseguindo até extrapolar os objetivos esperados para o momento. Foi em uma dessas reuniões que direcionamos uma atividade que foi acolhida pela gestão da escola como possibilidade de ampliação do diálogo com os educandos.

Ao conversarmos sobre o consumo de drogas em ambiente escolar, um ponto apresentado foi a posição rígida da escola, frente às regras de conduta direcionadas aos educandos. Os sujeitos ali presentes compreendiam alguns posicionamentos e limites impostos pela escola, contudo pensam que alguns desses limites, como o uso do celular para ouvir música durante o intervalo ou a permanência de grupos próximo à entrada dos banheiros, precisariam ser melhor discutidos com os educandos: “Eu só queria que eles ouvissem o que a gente tem a dizer, ai eles podem também explicar alguns porquês.”, “Tem gente que não aceita algumas coisas e começa logo é a esculhambar os professores.”.

Após este encontro, conversamos com a coordenação que elogiou o comportamento dos estudantes em querer discutir o cotidiano da escola e vislumbrou um espaço para estas discussões nas aulas de Educação Cidadã.

Avançamos no planejamento e estruturamos o roteiro da história, ficando então, dividido em três núcleos que seriam gravados em locais diferentes: um bloco de cenas na escola, outro no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) e o encerramento seria na margem esquerda do rio Acaraú em Sobral-CE, lugar que foi escolhido pelos sujeitos. Contudo, este local foi alterado por alguns imprevistos que ocorreram e por motivos de segurança dos adolescentes, uma vez que sendo um local ermo, no turno em que seria gravado, e diante da onda de violência que assola Sobral, decidimos gravar no mesmo espaço da escola onde foram gravadas as cenas iniciais.

Antes da gravação, os protagonistas do vídeo foram convidados a assinar o termo de autorização de uso de imagem, som de voz e nome em vídeo, assim como foi também solicitada a autorização de seus pais com assinatura de um termo próprio.

Para a gravação das cenas foi utilizado um aparelho celular com captação de vídeo em alta definição. A filmagem com este aparelho permitiu aos adolescentes ficar mais à vontade, uma vez que faz parte de sua rotina o uso do equipamento para registro de vários momentos tanto em vídeo quanto em fotos em seu dia a dia.

Nas primeiras cenas, gravadas na escola (FIGURA 34), os sujeitos mostram como se dá o interesse pela droga; a forma de acesso, que pode acontecer dentro daquele ambiente, através de colegas que já fazem uso da substância; os argumentos que os adolescentes utilizam para justificar ou não o consumo; e como a escolha correta de uma rede de amigos pode interferir nesta decisão.

Figura 34 – Fotos das primeiras cenas o vídeo produzido por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos diálogos expressos nas cenas, os sujeitos utilizaram argumentos sólidos e bem estruturados, desfavoráveis ao consumo de drogas e nas situações em que o roteiro exigia um posicionamento favorável ao consumo os adolescentes expressaram aqueles observados em seu cotidiano. Nas duas situações, tanto se mostrando contrários ao consumo de drogas, quanto descrevendo os argumentos que colegas utilizam para justificar este consumo, os adolescentes assumiram atitudes protagonistas. Primeiro ao criticarem o consumo, apontando assim ter consciência dos resultados produzidos pelas drogas em seu corpo, sua mente e no meio social, depois ao mostrarem que estão fazendo a leitura crítica de seu mundo com discernimento de identificar quando uma informação é ou não confiável e plausível de ser assumida para sua vida.

O fim da primeira cena é marcado pela decisão da adolescente de buscar ajuda para o problema que ela julga estar enfrentando: a vontade de fumar maconha. Mesmo não sabendo muito como direcionar a jovem a um “tratamento”, os sujeitos questionaram-se sobre a existência de alguma instituição que ajude a estas pessoas que querem “largar o vício”. Explicamos que existe o CAPS AD e eles decidem que deveriam gravar uma cena nesta instituição para que as pessoas que assistam ao vídeo possam saber a quem procurar em uma necessidade destas, seja para elas mesmas ou para outras pessoas.

Com a liberação da gestão do CAPS AD Francisco Hélio Soares, realizamos a filmagem das cenas que tiveram a participação ativa do enfermeiro do serviço (FIGURA 35). A gravação foi também um momento de aprendizado para as adolescentes que puderam compreender como se dá o atendimento naquela unidade de saúde e assim romper com alguns preconceitos como pensar que o CAPS é um lugar para loucos. Toda a cena não foi ensaiada, os sujeitos colocaram ali suas dúvidas reais, seus conhecimentos e experiência.

Figura 35 – Fotos de cenas gravadas no CAPS AD Francisco Hélio Soares com sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

A última cena foi gravada na escola (FIGURA 36). Os adolescentes projetaram o vídeo para ter, como eles mesmos expressaram: “Um final feliz, assim como a juventude deve ser.”. Foi um momento mais descontraído, no qual eles buscaram manifestar quais possibilidades os adolescentes têm para suplantar o consumo de drogas em suas vidas.

Figura 36 – Fotos das cenas de encerramento do vídeo produzido por sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os atores que participaram das gravações Leandro Neves, Iara Rocha, Erivanessa Silva, Jennifer de Paula e Monah Gelly, mostrados na Figura 37, ao final das gravações do vídeo queriam um momento para falar, sem estar assumindo um papel, como eles disseram: “Para as pessoas verem o que a gente pensa realmente sobre as drogas.”.

Figura 37 – Fotos dos sujeitos do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota que atuaram no vídeo, Sobral-CE, 2014



Fonte: Elaborado pelo autor.

Reconhecemos no vídeo recortes das atividades realizadas com os sujeitos. Nele os educandos puderam incorporar aspectos ligados à sua liberdade em escolher ou não as drogas como uma opção de vida, mas não deixaram de lado toda a responsabilidade que temos em conhecer nossos limites e compreender a importância de regras de convívio social, que quando não assumidas podem culminar com relações violentas.

Reconheceram a importância dos cuidados com seu corpo e nas drogas uma possibilidade de danificá-lo. Assumiram um pensar mais crítico sobre a violência observada no cotidiano de sua cidade e sobre as relações sociais que estabelecem como forte influência para sua vida.

Além do vídeo “Adolescência saudável, vida sem drogas”, pensamos em um espaço no qual ele pudesse ser divulgado, mas também fosse uma extensão do que estávamos fazendo e pensando em nossos encontros. Pensamos então em uma página no Facebook¹², na qual os adolescentes poderiam continuar protagonizando pensamentos saudáveis e divulgado informações para que outros adolescentes pudessem ter acesso (APENDICE G). A página de internet foi criada em seis de fevereiro do ano de dois mil e quatorze e vinte dias depois contava com 109 seguidores.

Desde o seu planejamento, tanto o vídeo quanto a página desenvolvida são a expressão de sujeitos que se assumiram como protagonistas, não apenas de um filme, mas de suas próprias vidas. Protagonizaram pensamentos e atitudes que os fortalecem nesta fase da vida em que tantos riscos se apresentam como oportunidades viáveis e inofensivas. Assumiram a busca por uma curiosidade epistemológica, crítica, que pode os ajudar a fazer as medidas de seu mundo e a importância da escola como espaço de incentivo a esta busca.

¹² Endereço da página: <<https://www.facebook.com/juventudeconscientizacaoesaude>>.

7 CONSIDERAÇÕES DO AUTOR

Reservo-me, neste momento, a escrever um texto em primeira pessoa, ficamos aqui tranquilos de já ter expressado anteriormente a grande colaboração e valor de todos os outros sujeitos. Fazemos, dessa forma, por quisermos expressar aqui todos os sentimentos que nos tomaram durante a execução das atividades e escrita deste trabalho ou quando fazíamos a releitura das anotações, observávamos as fotografias ou ouvíamos as gravações de áudio.

Privamo-nos aqui de fazer menção a este momento como um final. Consideramos que tenha sido o fechamento de um ciclo que deu abertura para muitos outros encontros com os sujeitos. Sabemos da grandeza que representa o conceito de Círculo de Cultura, mas nos demos o deleite em algumas vezes, de chamar estes momentos em que estávamos com os sujeitos, simplesmente de “encontros”, era assim que nos sentíamos, em um encontro, com sua singularidade e suas infinitas possibilidades.

Nesses encontros, o Círculo de Cultura mostrou todo o seu potencial enquanto método de ensino e aprendizado e nos fez compreender que seu caráter cíclico não está apenas na disposição dos sujeitos em sala, mas na incrível capacidade de afluírem novos temas geradores e novas oportunidades de ensino, que vão comprometendo ainda mais educandos e educadores, neste ciclo de aprendizagem.

Este trabalho nos mostrou também, que a formação do vínculo necessário ao processo de ensino e aprendizado não é instantâneo, tem que ser forjado como o ferro que se molda, não é um processo mágico e romântico. Relembramos os primeiros encontros e as impressões que afluíam, ao nos depararmos com adolescentes agitados, difíceis de controlar, que necessitavam ser chamados ao cerne do assunto constantemente. Lembramos de adolescentes que permaneceram assim até o último encontro que compôs este trabalho.

Sentimentos de impotência e desestímulo para seguir nos rondavam os pensamentos eventualmente, mas não minavam nossa vontade de contemplar o produto final desta pesquisa-intervenção. A motivação para continuar vinha da fé que havíamos depositado neles, acreditávamos que poderíamos ir mais longe naquilo e produzir um bom resultado. Não um resultado escrito em folhas de papel, mas em nossa história.

O próprio objetivo deste trabalho vem eivado de historicidade. Existe um componente que foi atingido durante a intervenção, quando pudemos contemplar o posicionamento crítico dos educandos, durante os encontros e produção do vídeo. Mas há nele também, um componente que não é possível de ser observado pela pesquisa, visto que é histórico: a vivência de atitudes saudáveis frente às drogas. Isso não o caracteriza como um

objetivo intangível, mas o que se tem é uma relação de causa efeito, uma vez que o pensar crítico ou “pensar certo” leva a um “fazer certo”. O sujeito que se assume como um “corpo consciente” pode elaborar respostas mais saudáveis frente às drogas.

Diante da complexidade do ser humano e do consumo das drogas, sabemos também que é impossível afirmar que a assunção do “pensar certo”, seja garantia absoluta de uma vida sem drogas. O que todos nós, que fomos sujeitos desta intervenção, buscamos foi oferecer mais uma possibilidade de caminho para uma vida saudável. Pensamos que a oferta de oportunidades deva ser multiplicada para que possam fazer parte do cotidiano familiar e social dos adolescentes, para que múltiplas também, sejam as opções que irão concorrer com as drogas na vida desses sujeitos.

Todos nós que assistimos aos adolescentes nas mais diversas áreas devemos nos empenhar nesta ampliação de opções para a vida deste público, favorecendo assim, o exercício da liberdade com segurança, pois quanto mais variadas as opções, menor a probabilidade de as drogas se tornarem uma escolha.

Acreditamos que este trabalho tenha colaborado para o desenvolvimento dos sujeitos e a ampliação destas possibilidades de escolha, mas pensamos que ele possa ser potencializado em ações futuras com fortalecimento do vínculo com estes educandos e o envolvimento de mais atores para cultivar um ambiente familiar e social mais saudável e favorável ao desenvolvimento pessoal e profissional, para que eles sejam protagonistas em suas vidas.

A assunção deste protagonismo encontra suas raízes no modo como estes educandos estão sendo cuidados e como eles vão cuidar de si, dos outros e do mundo. O cuidado é a essência do protagonismo juvenil, uma vez que o ser que cuida de si e de sua comunidade é um ser que protagoniza as melhores decisões e projetos de vida. É necessária, então, a consciência de que todo adolescente precisa ser cuidado. Precisa também de espaço para cuidar, para crescer, para se movimentar, para expressar suas opiniões, para exercer a sua autonomia. Toda vez que um ser adolescente é isolado, toda vez que é anulado como um ser incapaz ou vulnerável, estamos enfraquecendo suas possibilidades de cuidado e como diz Boff (2012, p. 236), “[...] precisamos de cuidado, caso contrário nossa vontade de cuidar se enfraquece.”.

É aí que reside a importância do Círculo de Cultura como espaço de consolidação do cuidado e do desenvolvimento dos adolescentes. Em nossos encontros, esses sujeitos puderam se expressar, movimentar-se, indignar-se, aprender e apreender o mundo uns dos

outros. Puderam também vislumbrar seus sonhos e acreditar em utopias, contemplar um inédito viável para suas vidas.

Esta intervenção manifestou sua importância para os sujeitos que estavam envolvidos no processo, contudo é importante reconhecer algumas limitações, dentre elas: não foi possível a inclusão da família nas atividades desempenhadas, estender a força transformadora do diálogo ao ambiente familiar poderia potencializar os efeitos da intervenção para a assunção de comportamentos mais saudáveis por parte dos sujeitos; seria importante um maior contato com a realidade vivenciada pelos educandos no espaço extraescolar para uma compreensão mais completa dos determinantes para o consumo de drogas entre estes sujeitos; quando o vínculo com os educandos começava a ganhar mais força, as atividades de pesquisa chegavam ao seu fim; a integração com os educadores daquela instituição formadora deu-se de forma fragilizada, apenas um pequeno número de educadores tiveram contato com as atividades desempenhadas.

Estas limitações podem ser minimizadas com a continuidade das ações, abrindo assim precedente para pesquisas de cunho avaliativo ou mesmo para que sejam ampliadas as ações, abrangendo a família e comunidade destes sujeitos. Outra boa oportunidade de estudo seria a vivência de Círculos de Cultura com os educadores abordando a temática do consumo de drogas dentro da escola, para que estes, que tantas vezes demonstraram fragilidade diante da problemática sintam-se capazes de lidar com as situações conflitos as que se apresentem envolvendo as drogas e os educandos.

Tenho consciência de que esta obra não se encerra com a defesa da dissertação. Uma vez exposto a este processo educativo e tendo identificado outros temas importantes a serem trabalhados, assumi um dever ético com os sujeitos ali presentes.

Este encontro com a pedagogia de Paulo Freire não nos possibilitou apenas um processo de ensinar mais justo, fraterno, respeitoso, inclusivo, crítico, revolucionário, coerente, amoroso e transformador. O encontro com Freire transbordou estas dimensões para meu viver, no trato com minha família, especialmente com meus filhos, agindo com mais respeito, acreditando e estimulando seu potencial criativo, sua curiosidade e autonomia; no modo de me comportar no trânsito, por exemplo, assumindo uma postura mais gentil; no modo de estudar, buscando primeiro fazer uma leitura do mundo, do meu mundo primeiramente, para conectar o saber ao viver; na responsabilidade e seriedade em exercer minha cidadania e minha fé, em Deus e em suas criaturas; no respeito à natureza, obra divina e fonte de subsistência e felicidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVITCH, Sheila; MOREIRA, Maria Lúcia. Transtornos psiquiátricos. *In*: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p. 136-144.
- ABREU, Leidy Dayane Paiva de. *et al.* Abordagem educativa utilizando os Círculos de Cultura de Paulo Freire: experiência de acadêmicos de enfermagem no “Grupo Adolescer”. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 66-70, out/dez 2013. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=427>. Acesso em: 08 fev 2014.
- AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2013.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira. (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 33-47.
- ASSIS, Simone G. *et al.* A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, São Paulo, v. 8, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2013.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL 2013. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Fundação João Pinheiro (FJP). **Perfil Municipal: Sobral, CE**. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/perfil/sobral_ce#caracterizacao>. Acesso em: 05 jan. 2014.
- BATISTA, Janete Maria da Silva. **A resiliência na história de vida de adolescentes vítimas de violência doméstica: possibilidades para a prática de enfermagem**. 2011. 114 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 17-36.
- BAUMFELD, Tiago Soares *et al.* Autonomia do cuidado: interlocução afetivo-sexual com adolescentes no PET-Saúde. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2013.
- BELCHIOR, Priscila Cortez *et al.* Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 33-38,

jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/3972/2755>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

BESERRA, Eveline Pinheiro; ARAUJO, Márcio Flávio Moura de; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Promoção da saúde em doenças transmissíveis: uma investigação entre adolescentes. **Acta paul. enferm.** São Paulo, v. 19, n. 4, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2012.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário:** na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

BONAMIGO, Irme Salete *et al.* Mapeamento de práticas violentas como dispositivo de intervenção da psicologia na escola. **Psicol. argum.**, v. 30, n. 70, p. 525-535, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pa?dd1=6139&dd99=view>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

BRAGA, Adriana Regina; MORAES, Heloísa Bueno de. Escola e família como ambientes favoráveis à cooperação. **Pesquisas e Práticas Psicossociais.**, v. 4, n. 2, São João del-Rei, jul. 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume4_n2/braga_e_moraes.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2013.

BRASIL. **IBGE-Cidades@.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 02 fev. 2013a.

_____. Lei 8.069 de 13 julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Brasília, 1990.

_____. Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998. **Regula os direitos autorais e dá outras providências.** Brasília, 1998.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Adolescências, juventudes e socioeducativo:** concepções e fundamentos. 1 ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009a.

_____. Ministério da Saúde. **Resolução 466/12** - Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, Brasília, 2012.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal:** saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças,**

adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010b.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola:** tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. Programa Saúde do Adolescente. **Bases Programáticas.** 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. **Saúde e Prevenção nas Escolas:** Álcool e outras Drogas. Brasília, 2010c.

_____. Presidência da República. Decreto Presidencial Nº 6.286, 5 dez. 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências.** Brasília, 2007b. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>. Acesso em: 15 jan. 2012.

_____. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias.** 3. ed. Brasília, 2010d.

_____. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório brasileiro sobre drogas.** IME USP; Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Vladimir de Andrade Stempluk e Lúcia Pereira Barroso. (Org.). Brasília: SENAD, 2009b.

_____. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Edital Nº 14, de 8 de março de 2013. Dispõe sobre a Seleção para o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde/Rede de Atenção à Saúde - Pet/Saúde Redes de Atenção à Saúde - 2013/2015. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 11 mar. 2013b. Seção 3, p. 116.

_____. Secretaria Nacional Antidrogas. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho:** conhecer para ajudar. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas: Serviço Social da Indústria, 2008.

_____. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010.** E. A. Carlini (Sup.) *et al.* Brasília: SENAD, 2010e.

BRESSAN, Aline. **A participação juvenil no Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas:** contribuições da análise documental para a identificação de estratégias de promoção da saúde. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2011.

CARNEIRO, Henrique Soares. As drogas e a história da humanidade. **Psicologia Ciência e Profissão:** Diálogos, v. 6, n. 6, p. 14-15, set. 2009.

CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. Pesquisa-intervenção na infância e juventude: construindo caminhos. *In*: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008. p. 9-12.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Secretaria da Educação. **Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota 50 anos: tradição e credibilidade**. Revista Comemorativa ao Jubileu de Ouro. Fortaleza, 2009.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Secretaria de Planejamento e Gestão (SEPLAG). Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). **Perfil Básico Municipal: Barroquinha**. Fortaleza, 2012.

CERQUEIRA, Maria Teresa. A Construção da Rede Latino Americana de Escolas Promotoras de Saúde. *In*: Brasil. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 35-39.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS. **Observatório do crack: a visão dos Municípios brasileiros sobre a questão do crack**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://portal.cnm.org.br/sites/9700/9797/Geografia/AvisaodosMunicipiosbrasileirossobreaquestadocrack_PDF.PDF>. Acesso em 01 de abr. 2013.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil - Adolescência, Educação e Participação Demográfica**. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998.

DIAS, Maria Socorro de Araújo; VIEIRA, Neiva Francinely Cunha. A comunicação como instrumento de promoção de saúde na clínica dialítica. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 1, fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 mar. 2013.

DOS SANTOS, R. M; NASCIMENTO, M. A; MENEZES, J. de A. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud.**, v. 10, n. 1, 2012. p. 289-300. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/viewFile/607/329>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

ENES, Carla Cristina; SLATER, Betzabeth. Obesidade na adolescência e seus principais fatores determinantes. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 13, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2010000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2014.

FARIAS JUNIOR, José Cazuya de. Associação entre prevalência de inatividade física e indicadores de condição socioeconômica em adolescentes. **Rev. Bras. Med. Esporte**, Niterói, v. 14, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922008000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 24 fev. 2014.

FERNANDES, Maria Clara Porto; BACKES, Vânia Marli Schubert. Educação em saúde: perspectivas de uma equipe da Estratégia Saúde da Família sob a óptica de Paulo Freire. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 63, n. 4, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 de jan. 2013.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira *et al.* Cultura masculina e religiosidade na prevenção das DST/HIV/AIDS em adolescentes. **REME rev. min. enferm.**, v. 16, n. 4, p. 572-578, out./dez. 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva; Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43 ed. São Paulo: Paz e terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17 ed. São Paulo: Paz e terra, 2011c.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011d.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2004.

GARCIA, Jairo Jose; PILLON, Sandra Cristina; SANTOS, Manoel Antônio dos. Relações entre contexto familiar e uso de drogas em adolescentes de ensino médio. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr. 2013.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. *In*: WELER, Wivian; PFUFF, Nicole. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. Tradução de Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel *et al* . Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saude soc.**, São Paulo, v. 21, n. 3, set. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2013.

GIL, Gilberto; FERREIRA, Juca. A cultura, o Estado e os diversos usos das “drogas”. *In*: LABATE, Beatriz Caiuby *et al*. (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador, EDUFBA, 2008. p. 9-11.

GOMES, Claudia de Moraes; HORTA, Natália de Cássia. Promoção de saúde do adolescente em âmbito escolar. **Rev. APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 4, p. 486-499, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.aps.ufjf.br/index.php/aps/article/viewFile/897/394>>. Acesso em: 26 mar. 2013.

GONÇALVEZ, Luiz Gonzaga. **A noção de corpo(s) consciente(s) na obra de Paulo Freire**. 2012. Disponível em: <<http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2012/09/Corpo-Consciente.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

GUZMAN-FACUNDO, Francisco Rafael *et al*. El consumo de drogas como una práctica cultural dentro de las pandillas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. spe, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000700023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 ago. 2012.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. Tradução de Ane Rose Bolner. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HENRIQUES, Lucas Fernando César; TORRES, Michelangelo Marques. Potencialidades do Círculo de Cultura na Educação Popular. *In*: ASSUMPÇÃO, Raiane (Org). **Educação Popular na Perspectiva Freiriana**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p. 115-144.

HORTA, Rogério Lessa *et al* . Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, abr. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2013.

LIMA, Luciana Pires de; FONSECA, Vilma Aparecida da Silva; RIBEIRO, Marcelo. Neurobiologia da dependência de crack. *In*: RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O Tratamento do Usuário de Crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 75 – 91.

LOPES NETO, Aramis A. Comportamento Agressivo entre Estudantes: bullying. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 117-124.

MACRAE, Eduard. Antropologia: Aspectos sociais, Culturais e Ritualísticos. *In*: SEIBEL, Sergio Dario; TOSCANO JR., Alfredo. **Dependência de Drogas**. São Paulo, Editora Atheneu, 2001. p. 25-34.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. **Círculo de cultura**: origem histórica e perspectivas epistemológicas. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saude soc.**, São Paulo, v. 20, n. 2, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2014.

MEIRELLES, Zilah Vieira; RUZANY, Maria Helena. Promoção de Saúde e Protagonismo Juvenil. *In*: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente**: competências e habilidades. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p. 35-40.

MELO, Michelle Reinaldo Cavalcante de; DANTAS, Vera Lúcia de Azevedo. Círculos de cultura e promoção da saúde. **Rev. Bras. Promoç. Saúde**, Fortaleza, v. 25, n. 3, p. 328-336, jul./set., 2012. Disponível em: <http://www.unifor.br/images/pdfs/rbps/2012.3_artigo10.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de S.(Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2014.

MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Educação em saúde a partir de círculos de cultura. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 63, n. 3, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago. 2012.

MOREIRA, Ernesto Luiz Muniz; MOREIRA, Lucia de Fátima Rodrigues; DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli. A questão do portador de necessidades especiais: uma reflexão. **Rev. Min. Enferm.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622007000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2014.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré *et al.* A Promoção da Saúde e a Interface com a Educação: a experiência do Município de Sobral-Ceará. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde**: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 279-289.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré *et al.* Caracterização da clientela atendida em Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 14, n. 4, p. 748-56, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324028459011>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1993.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. **Prevenção ao uso indevido de drogas**. Curitiba: SEED-Pr., 2008.

PASSA, Graciela Gema. As drogas e o ambiente escolar. **Revista Digital Multidisciplinar do Ministério Público do RS.**, n. 4, jul. 2011. Disponível em: <http://www1.tce.rs.gov.br/portal/page/portal/tcers/publicacoes/estudos/artigos/As_drogas_a_ambiente_escolar%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PASSOS, Sonia Regina Lambert. Abuso e dependência de substâncias psicoativas. *In:* BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p. 119-128.

PEDROSA, José Ivo dos Santos. Educação Popular e Promoção da Saúde: bases para o desenvolvimento da escola que produz saúde. *In:* BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 43-48.

PEDROSO, Rosemari Siqueira *et al.* Expectativas de resultados frente ao uso de Álcool, maconha e tabaco. **Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2012.

PIEROBON, Maria Elena *et al.* Consumo de álcool e violência entre adolescentes argentinos. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 89, n. 1, fev. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572013000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr. 2013.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; COELHO JUNIOR, Leconte de Lisle; ARAGAO, Thaís Araújo. Atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas: verificando relações de predição e mediação. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr. 2013.

RIBEIRO, Marcelo; YAMAGUCHI, Shirley; DUALIBI, Lígia Bonacim. Avaliação dos Fatores de Proteção e de Risco. *In:* RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O Tratamento do Usuário de Crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 226 - 238.

RIBEIRO, Marcelo; OLIVEIRA, Márcio Luiz Souza de; MIALICK, Edilene Seabra. Atividade física aplicada ao tratamento da dependência química. *In:* RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O Tratamento do Usuário de Crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 495 - 502.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 28, n. 3, set. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 fev. 2014.

ROCHA, Claudionor. **Crack, a pedra da morte: desafios da adicção e violência instantâneas**. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Infermação. Coordenação de Biblioteca. Brasília, 2010. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4784/crack_pedra_rocha.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2012.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jan. 2013.

RODRIGUES, Thiago. Tráfico, Guerra, Proibição. *In*: LABATE, Beatriz Caiuby *et al.* (Orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador, EDUFBA, 2008. p. 91-104.

RUZANY, Maria Helena. Atenção à Saúde do Adolescente: Mudança de Paradigma. *In*: BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. p. 21-25.

SANCHEZ, Zila van der Meer *et al.* O papel da informação como medida preventiva ao uso de drogas entre jovens em situação de risco. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, maio 2010. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2013.

SANCHEZ, Zila van der Meer; OLIVEIRA, Lúcio Garcia de; NAPPO, Solange Aparecida. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 4, ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102005000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 ago. 2012.

SANCHEZ, Zila van der Meer; RIBEIRO, Luciana Abeid; NAPPO, Solange A. Religiosidade e espiritualidade. *In*: RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O Tratamento do Usuário de Crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 483 - 494.

SAPORI, Luis Flávio; SENA, Lúcia Lamounier. Crack e Violência Urbana. *In*: RIBEIRO, Marcelo; LARANJEIRA, Ronaldo (Orgs.). **O Tratamento do Usuário de Crack**. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 75 – 91.

SARMENTO, Manoel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de, VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 137-179.

SILVA, Jair Lourenço da. Terapia de rede para adictos: programa de tratamento e prevenção para dependentes de drogas em comunidades terapêuticas. **Teses e Dissertações**. Biblioteca Digital USP. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-21032012-111848/pt-br.php>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

SILVA, Kelly Samara da *et al.* Associações entre atividade física, índice de massa corporal e comportamentos sedentários em adolescentes. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 11, n. 1, mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2008000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 fev. 2014.

SIPRIANO, Claudio Alex de Souza. **Educação Popular**: os Círculos de Cultura e os limites e as possibilidades de *empowerment* do conselho local de saúde. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

SOARES, José Teodoro. **Em nome do povo**: reflexões sobre política, educação e cidadania. v. VII, Fortaleza: 2012.

SOARES, Marcos Hirata; BUENO, Sônia Maria Villela. O papel educativo do enfermeiro psiquiátrico segundo referencial pedagógico de Paulo Freire. **Acta Sci. Health Sci.** v. 27, n. 2, p. 109-118. Maringá, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/1375/785>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

SOUSA, Fernando Sérgio Pereira de; OLIVEIRA, Eliany Nazaré. Caracterização das internações de dependentes químicos em Unidade de Internação Psiquiátrica do Hospital Geral. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, mai. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2013.

SOUSA, Fernando Sérgio Pereira de; SILVA, Cezar Augusto Ferreira da; OLIVEIRA, Eliany Nazaré. Serviço de Emergência Psiquiátrica em hospital geral: estudo retrospectivo. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000300035&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2013.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. Observação do cotidiano escolar. *In*: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Maria Pinto de, VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. p. 183-206.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Manifesto 2000 for a culture of Peace and Non-violence**. Paris, 1999. Disponível em: <<http://www3.unesco.org/manifesto2000/>>. Acesso em: 03 out. 2013.

UNITED NATIONS. United Nations Office on Drugs and Crime. **World Drug Report 2012**. New York, 2012.

WENDELL, Ney. Paz com Arte nas Escolas de Salvador-Bahia. *In*: Brasil. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde**: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. p. 145-154.

XIMENES NETO, Francisco Rosemiro Guimarães *et al.* Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2013.

ZANATTA, Elisangela Argenta; MOTTA, Maria da Graça Corso da. Saberes e práticas de mães no cuidado à criança de zero a seis meses. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS), v. 28, n. 4, dez. 2007, p. 556-63.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas**”. Neste estudo pretendemos estimular a vivência de atitudes saudáveis e desestimular o uso de drogas entre adolescentes escolares de Sobral – Ceará. Realizaremos atividades dentro da escola, que valorizam o diálogo (conversa) e estimulam o posicionamento crítico (pensar bem antes de agir) que é a finalidade do Círculo de Cultura.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é prestar importante contribuição para os adolescentes e assim com eles e para eles construir um conhecimento e disseminar informações sobre os riscos do consumo de drogas.

Para participar deste estudo, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sobral, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do(a) Responsável

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

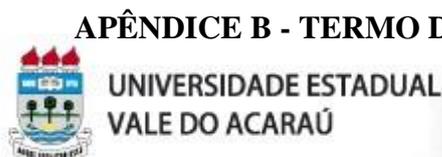
CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UVA

AV COMANDANTE MAUROCÉLIO ROCHA PONTE, 150 - DERBY - SOBRAL/CE - 62.040-370

(88) 3677-4255 / (88) 3677-4242 / E-MAIL: uva_comitedeetica@hotmail.com

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: JOÃO HENRIQUE VASCONCELOS CAVALCANTE

E-MAIL: jhvc80@gmail.com



APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas**”. Neste estudo pretendemos estimular a vivência de atitudes saudáveis e desestimular o uso de drogas entre adolescentes escolares de Sobral– Ceará. Realizaremos atividades dentro da escola, que valorizam o diálogo (conversa) e estimulam o posicionamento crítico (pensar bem antes de agir) que é a finalidade do Círculo de Cultura.

O motivo que nos leva a estudar este assunto é prestar importante contribuição para os adolescentes e assim com eles e para eles construir um conhecimento e disseminar informações sobre os riscos do consumo de drogas.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar de sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “**CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sobral, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do(a) Adolescente

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UVA

AV COMANDANTE MAUROCÉLIO ROCHA PONTE, 150 - DERBY - SOBRAL/CE - 62.040-370

(88) 3677-4255 / (88) 3677-4242 / E-MAIL: uva_comitedeetica@hotmail.com

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: JOÃO HENRIQUE VASCONCELOS CAVALCANTE

E-MAIL: jhvc80@gmail.com

**APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME
AUTORIZAÇÃO DE RESPONSÁVEL**

**Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome
em vídeo “Adolescência saudável, vida sem drogas”**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de imagem, som da minha voz, nome e todos os direitos autorais, além de todo e qualquer material, entre fotos e documentos, do menor _____, do qual sou responsável, para compor a série de vídeos **“Adolescência saudável, vida sem drogas”**, que faz parte da pesquisa **“CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas”**, a ser exibido no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota e Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, destinado à multiplicação de informações relevantes ao desestímulo do consumo de drogas entre adolescentes.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista e jornal, entre outros), como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet (hotsite e redes sociais), Banco de Dados Informatizado Multimídia, “home vídeo”, DVD (“digital vídeo disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus ao pesquisador ou terceiros por estar expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Sobral, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do(a) Responsável

RG ou CPF: _____

NOTA DE ESCLARECIMENTO: Para as gravações solicitamos liberação do(a) adolescente sob sua responsabilidade para comparecer à escola e a outros locais importantes para as gravações, em horários diferentes daquele em que o aluno está assistindo aula, para tanto enviaremos pedido de autorização por escrito sempre que for necessária a participação, em que será informado local, horário e telefones dos responsáveis pela atividade. Aqueles adolescentes que não apresentarem liberação dos responsáveis serão impedidos de participar das atividades.

APÊNDICE D – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E NOME**Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome
em vídeo “Adolescência saudável, vida sem drogas”**

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e todos os direitos autorais, além de todo e qualquer material, entre fotos e documentos, para compor a série de vídeos **“Adolescência saudável, vida sem drogas”**, que faz parte da pesquisa **“CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas”**, a ser exibido no Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota e Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, destinado à multiplicação de informações relevantes ao desestímulo do consumo de drogas entre adolescentes.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista e jornal, entre outros), como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet (hotsite e redes sociais), Banco de Dados Informatizado Multimídia, “home vídeo”, DVD (“digital vídeo disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento, sem qualquer ônus ao pesquisador ou terceiros por estar expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Sobral, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do(a) Adolescente

ANEXO A – MODELO DE DIÁRIO DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO	
CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas	
ATIVIDADE:	
DATA:	HORA:
LOCAL:	OBSERVADOR:

ANOTAÇÕES

ELEMENTOS DESCRITIVOS	ELEMENTOS REFLEXIVOS

ANEXO B – CARTA DE ANUÊNCIA



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
 SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
 COORDENADORIA REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – 6ª CREDE
 COLÉGIO ESTADUAL DOM JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA
 SOBRAL- CEARÁ

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador João Henrique Vasconcelos Cavalcante, a desenvolver o seu projeto de intervenção intitulado **CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas**, que está sob a orientação da Profa. Dr^a. Eliany Nazaré Oliveira cujo objetivo é estimular entre adolescentes escolares o protagonismo juvenil e a vivência de atitudes saudáveis frente às drogas, com a implementação dos Círculos de Cultura, nesta Escola.

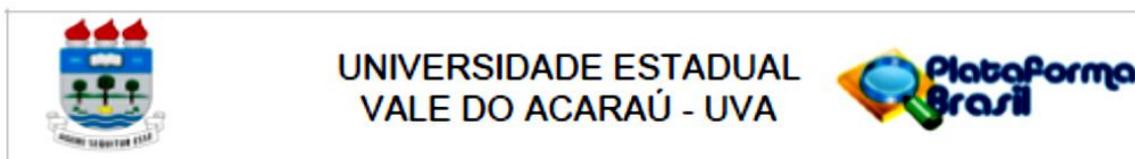
A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 que trata da pesquisa envolvendo seres humanos e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Sobral, 02 de setembro de 2013.

Fernando Júnior de Araújo Jr. de A. Alcântara
 Diretor
 Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota
 Sobral-CE

PERMANENTE
 DIRETOR ESCOLAR
 MAT 15913010
 DQE 04/09/2013

ANEXO C – COMPROVANTE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA


COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CÍRCULOS DE CULTURA E O ADOLESCENTE:
Pesquisador: contribuições para atitudes saudáveis frente às drogas

Versão: João Henrique Vasconcelos Cavalcante

CAAE: 1

17320813.4.0000.5053

Instituição Proponente: Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 053987/2013

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Endereço: Av Comandante Maurocéllo Rocha Ponte, 150
Bairro: Derby **CEP:** 62.041-040
UF: CE **Município:** SOBRAL
Telefone: (88)3677-4255 **Fax:** (88)3677-4242 **E-mail:** uva_comitedeetica@hotmail.com

ANEXO D – TEXTO DO VÍDEO “O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?”

Texto do vídeo: “O que você quer ser quando crescer?”

Quando se é pequeno, tudo o que você deseja se torna bem mais simples do que parece. Construir o próprio patrimônio, chegar à lua, ter o emprego dos sonhos, viajar pelo Mundo. O engraçado é que você cresce e a maioria desses desejos, permanecem com você por muito tempo.

Alguns vão continuar apenas como sonhos, outros podem até virar realidade. Mas para isso, é preciso que você responda a uma pequena pergunta :

“O que você quer ser quando crescer?”

Astronauta? Médico? Bombeiro?

Saber esta resposta não será o fim das suas buscas e sim o seu ponto de partida para várias outras. É através dela que o seu futuro começa a ser desenhado. É ela que transforma o plano louco em algo totalmente possível.

Comigo não foi diferente.

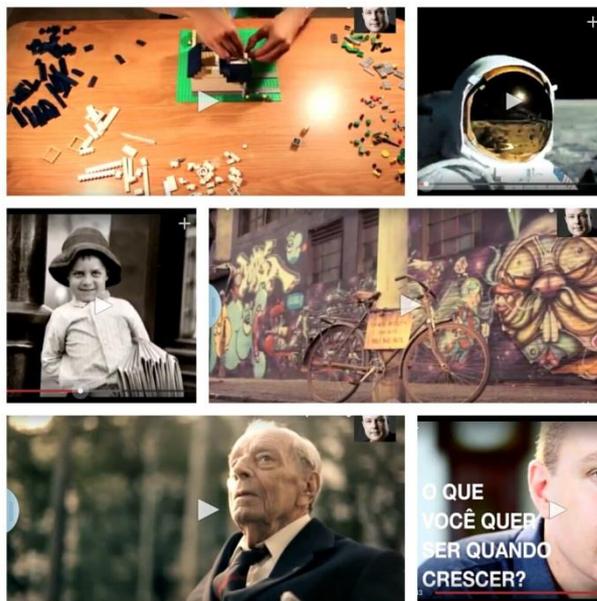
Assim como você, eu queria o improvável, o surpreendente, o inovador. Fazer o que ninguém mais seria capaz de realizar, ir tão longe e que nenhuma outra pessoa me pudesse alcançar. Ser o descobridor de uma nova era ou quem sabe de um novo tempo.

Na verdade eu queria mesmo, era realizar meus desejos e assim como numa brincadeira de criança, conquistar tudo aquilo que parecia improvável. O trabalho dos sonhos, a família perfeita e porque não viajar pelo espaço. Não cheguei a ser astronauta, não fui bombeiro e muito menos médico. Mas experimentei o novo, comecei do zero, fiz tudo e tudo de uma forma diferente.

Servi a aeronáutica, vendi jornais, verduras e picolé, trabalhei como ajudante na construção civil, fui operário de produção, pintor e até artesão. O meu primeiro patrimônio não foi nenhum castelo, vendi muito esterco e metal para adquiri-lo. Talvez toda essas funções não me permitiam chegar mais longe naquele momento.

Mas com certeza permitiu-me ter experiência suficiente para crescer com humildade, amadurecer, ter responsabilidades. Experimentar a minha capacidade de empreender, viver e estar à frente do tempo em que vivia.

E você? Tem sonhado com o quê? Quais são os seus planos para chegar lá?



O que quer ser quando crescer?

Ficar parado não vai trazer nenhum plano inovador. Não lamente a sua sorte, não tenha vergonha do que faz. O trabalho é o que transforma você.

Posso dar-te um conselho?

Sonha , experimente , faça o novo, busque a concretização dos teus desejos todos os dias. Escolha fazer o que você gosta, não apenas o que traz dinheiro, ele virá naturalmente através dos seus esforços, seja fiel aos seus valores, faça com amor e seja o melhor naquilo que faz.

Lembre-se:

Você é o único responsável pelo seu destino. Coloque-se sempre em primeiro lugar. Ame o próximo na mesma proporção que se ama. Somos todos capazes de ser e fazer. Não deixe que façam por você, erre...erre de novo e através do erro, ganhe experiência.

Não seja tão duro com você mesmo e quando tudo parecer difícil, volte a ser uma criança novamente, sem nenhum medo de responder àquela simples pergunta.

O que você quer ser quando crescer?

Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZC9POtADZJM>>.

ANEXO E – LETRA DA MÚSICA “É PRECISO SABER VIVER – ROBERTO CARLOS / ERASMO CARLOS”

É Preciso Saber Viver
Roberto Carlos /Erasmo Carlos

Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver

Toda pedra do caminho
Você deve retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver!

Toda pedra do caminho
Você deve retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver! Saber viver!

É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
É preciso saber viver!
Saber viver! Saber viver!

Vídeo com versão gravada pelos grupo Titãs disponível em:
http://www.youtube.com/watch?v=LpYj_si79v8

Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/roberto-carlos/101459/>>.

ANEXO F – MÚSICA “PAZ - GABRIEL O PENSADOR”

Paz **Gabriel O Pensador**

Aqui se planta
Aqui se colhe
Mas para a flor nascer é preciso que se molhe
É preciso que se regue pra nascer a flor da paz,
É preciso que se entregue com amor e muito mais

É preciso muita coisa e que muita coisa mude
Muita força de vontade e atitude
Pra poder colher a paz, tem que correr atrás e tem que ser ligeiro!
Pra poder colher a fruta é preciso ir a luta, e tem que ser guerreiro!

(PELA PAZ A GENTE CANTA A GENTE BERRA, PELA PAZ EU FAÇO MAIS EU FAÇO GUERRA)

Eu vou a luta
Eu vou armado de coragem e consciência
Amor, esperança,
A injustiça é a pior das violências
Eu quero paz, eu quero mudança
É, dignidade pra todo o cidadão
Mais respeito, menos discriminação
Desigualdade, não, impunidade, não
Não me acostumo com essa acomodação

Eu me incomodo e não consigo ser assim
Porque eu preciso da paz
Mas a paz também precisa de mim
A paz precisa de nós, a paz precisa de nós
Da nossa luta, da nossa voz

Paz, aonde tu estas?
Aonde você vive?
Aonde você jaz?
É... Onde você mora?
Onde te encontramos?
Onde você chora?

Onde nós estamos?
Onde te enterramos?
Que lar você habita?
Onde nó erramos?
Volta, ressuscita!

Será que a paz morreu?
Será que a paz tá morta?
Será que não ouvimos quando a paz bateu na porta?

A paz que não tem vaga na porta da escola,
A paz vendendo bala,
A paz pedindo esmola,
A paz cheirando cola, virando a adolescência,
Atrás de uma pistola, virando violência.

Será que a paz existe?
Será que a paz é triste?
Será que a paz se cansa da miséria e desiste?

A paz que não tem vez
A paz que não trabalha
A paz fazendo bico, ganhando uma migalha,
No fio da navalha
Dormindo no jornal
Atrás de uma metralha
Virando marginal.

(PELA PAZ A GENTE CANTA A GENTE BERRA, PELA PAZ EU FAÇO MAIS EU FAÇO GUERRA)

Será que a paz ataca?
Será que a paz tá fraca?
Será que a paz quer mais do que viver numa barraca?
A paz que não tem terra
A paz que não tem nada
A paz que só se ferra
A paz desesperada
A paz que é massacrada lutando por justiça
Atrás de uma enxada, virando terrorista.

Será que a paz assusta?

Será que a paz é justa?
 Será que a paz tem preço?
 Quanto é que o preço custa!
 A paz que não tem raça
 Nem boa aparência,
 A paz não vem de graça
 A paz é consequência,
 A paz, que a gente faça
 Sem peso e sem medida
 A paz dessa fumaça
 A paz virando vida.
 A paz que não tem prazo
 A paz que pede urgência
 Não vai ser por acaso
 A paz é consequência
 Não é coincidência nem coisa parecida
 A paz a gente faz feito um prato de
 comida.

(PELA PAZ A GENTE CANTA A
 GENTE BERRA, PELA PAZ EU FAÇO
 MAIS EU FAÇO GUERRA)

Eu vou à luta
 Eu vou armado de coragem e consciência
 Amor e esperança,
 A injustiça é a pior das violências
 Eu quero paz
 Eu quero mudança
 A violência não é só dos traficantes
 A covardia não é só a dos policiais
 A violência também é dos governantes
 Dos homens importantes

Não sei quem mata mais!

Como é que a gente faz,
 Pra medir a violência na emergência dos
 hospitais
 A dor e o sofrimento
 Os filhos que não nascem
 Os pais que morrem sem atendimento
 Qual é a gravidade de um roubo milionário
 praticado por alguma autoridade?
 Que tem imunidade e compra a liberdade
 Enquanto o cidadão honesto vive atrás das
 grades
 Com medo de um assalto à mão armada
 Pagando imposto alto e não recebendo
 nada
 Qual é o grau do perigo?
 Da falta de escola e de emprego de prisão e
 de abrigo?
 Qual é o pior inimigo?
 Os pais da corrupção
 Ou os filhos do mendigo?
 Quem é o grande culpado?
 O ladrão que tem cem anos de perdão ou
 você que vota errado?

(PELA PAZ A GENTE CANTA A
 GENTE BERRA, PELA PAZ EU FAÇO
 MAIS EU FAÇO GUERRA)

Vou lutando pela paz...

Video disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9IfFyH7VIb4>>.

Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/124052/>>.

ANEXO G – PÁGINA “JUVENTUDE, CONSCIENTIZAÇÃO E SAÚDE” CRIADA NO FACEBOOK

The screenshot shows the Facebook page for 'Juventude, Conscientização e Saúde'. The page header includes the Facebook logo, search bar, and navigation options. The main content area features a large banner image with the text 'Juventude, Conscientização e Saúde' in red script. Below the banner is a post from the 'Ministério da Saúde' with the text 'Se você ainda não se vacinou fica a dica, a Hepatite B é uma doença séria que pode ser facilmente evitada por meio da vacinação e a vacina é gratuita podendo ser encontrada em qualquer posto de saúde.' and a link to a video. The video thumbnail shows a man in a white lab coat holding a clipboard, with the text 'Hepatites B e C. Teste, tratamento e prevenção garantidos pelo SUS.' and 'A partir de agora, a vacina da Hepatite B está disponível para quem tem de 0 a 49 anos.' Below the video is a post from 'João Henrique Vasconcelos Cavalcante' with the text 'Que os pais consigam expressar toda a força e dimensão de seu amor aos filhos... Que os filhos compreendam o valor e a dimensão deste amor e o façam valer em suas vidas.' and a link to a YouTube video. The right sidebar shows the page's name, 'Recente' posts, and 'Veja seu anúncio aqui'.

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas Juventude, Conscientização e... Página inicial

Juventude, Conscientiza... Linha do tempo Recente Painel administrativo Promover página

Juventude, Conscientização e Saúde Atualizar informações da página Seguir

109 curtiram · 22 falando sobre isso

Comunidade
Espaço para diálogo sobre os temas que interferem na saúde e bom desenvolvimento juvenil.

Sobre Fotos Curtidas

Distaques

Status Foto / Vídeo Marco, Evento +

O você tem feito?

Juventude, Conscientização e Saúde compartilhou a foto de Ministério da Saúde.
Publicado por João Henrique Vasconcelos Cavalcante 191 · 25 de fevereiro

Se você ainda não se vacinou fica a dica, a Hepatite B é uma doença séria que pode ser facilmente evitada por meio da vacinação e a vacina é gratuita podendo ser encontrada em qualquer posto de saúde.

Você sabia que o SUS disponibiliza a vacina contra hepatite B para homens e mulheres com até 49 anos de idade? O teste, o tratamento e o acompanhamento das #HepatitisVirais também são realizados pelo SUS.
<http://goo.gl/Fm32v>

Hepatites B e C.
Teste, tratamento e prevenção garantidos pelo SUS.
A partir de agora, a vacina da Hepatite B está disponível para quem tem de 0 a 49 anos.
Fique Sabendo

136 Saúde em 136 Saúde em 136 Meu Brasil

Meu Brasil Meu Brasil Meu Brasil

Meu Brasil Meu Brasil Meu Brasil

Curtir · Comentar · Compartilhar

18 pessoas visualizaram esta publicação Impulsionar publicação

Juventude, Conscientização e Saúde compartilhou um link.
Publicado por João Henrique Vasconcelos Cavalcante 191 · 22 de fevereiro

Que os pais consigam expressar toda a força e dimensão de seu amor aos filhos...
Que os filhos compreendam o valor e a dimensão deste amor e o façam valer em suas vidas.

Se essa ligação fosse mais valorizada hoje teríamos um mundo bem melhor!!!!

<http://www.youtube.com/watch?v=OPZGvqACUnQ>

Lucas Lucco - 11 Vidas (Homenagem ao dia dos pais)
Confira a canção que o Lucas Lucco fez para esse dia tão especial, homenageando todos os pais. Composição: Lucas Lucco /...

Curtir · Comentar · Compartilhar

33 pessoas visualizaram esta publicação Impulsionar publicação

Publicações recentes de outros usuários Ver todos

João Henrique Vasconcelos Cavalcante 191
Que os pais consigam expressar toda a força e dimensão de seu amor aos filhos...
22 de fevereiro às 09:02

Tara Rocha 191
Cuide do seu corpo diga não as drogas. Como definir a...
21 de fevereiro às 20:33

Tara Rocha 191
Cuide do seu corpo diga não as drogas. Como definir a...
21 de fevereiro às 20:32

Mais publicações +

Curtidas

Ministério da Educação 191
Organização governamental

Içami Tiba 191
Escritor

Ministério da Saúde 191
Organização governamental

Nick Vujicic 191
Figura pública

Juventude, Conscientização e Saúde compartilhou a foto de Ministério da Saúde.
Publicado por João Henrique Vasconcelos Cavalcante 191 · 25 de fevereiro

Doa sangue e ajude a salvar vidas! #doesangue!

COM A NOVA REGRA, QUEM TEM ENTRE 16 E 69 ANOS PODE DOAR SANGUE.

#doesangue Saúde em 136 BRASIL

Curtir · Comentar · Compartilhar

18 pessoas visualizaram esta publicação Impulsionar publicação

Juventude, Conscientização e Saúde compartilhou um link via João Henrique Vasconcelos Cavalcante.
Publicado por João Henrique Vasconcelos Cavalcante 191 · 22 de fevereiro

Lucas Lucco - 11 Vidas (Homenagem ao dia dos pais)
Confira a canção que o Lucas Lucco fez para esse dia tão especial, homenageando todos os pais. Composição: Lucas Lucco /...

Curtir · Comentar · Compartilhar

33 pessoas visualizaram esta publicação Impulsionar publicação

Veja seu anúncio aqui **Juventude, Conscientização e Saúde**

Recente 2014

Veja seu anúncio aqui **Juventude, Conscientização e Saúde**

Recente 2014

Veja seu anúncio aqui **Juventude, Conscientização e Saúde**

Recente 2014

Veja seu anúncio aqui **Juventude, Conscientização e Saúde**

Recente 2014

Veja seu anúncio aqui **Juventude, Conscientização e Saúde**

Recente 2014